



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO, MÍDIA E FORMATOS NARRATIVOS

GRAZIELLE BARBOSA SILVA

MADRASTAS EM COMUNIDADE VIRTUAL:

UM ESTUDO TRANSMETODOLÓGICO

CACHOEIRA - BA

2023

GRAZIELLE BARBOSA SILVA

**MADRASTAS EM COMUNIDADE VIRTUAL:
UM ESTUDO TRANSMETODOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), na linha Comunicação e Memória, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lilian Reichert Coelho

CACHOEIRA - BA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

S586m

Silva, Grazielle Barbosa.

Madrastas em comunidade virtual: um estudo transmetodológico. / Grazielle Barbosa Silva. Cachoeira, BA, 2023. 124f., il.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Reichert Coelho

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós Graduação em Comunicação – Mídias e Formatos Narrativos, Bahia, 2023.

1. Madrastas – relações com a família. 2. Etnologia – Recursos de rede de computador. 3. Etnologia – Pesquisa. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 305.80072

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.
Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

GRAZIELLE BARBOSA SILVA

MADRASTAS EM COMUNIDADE VIRTUAL:

UM ESTUDO TRANSMETODOLÓGICO

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos (PPGCOM) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 21 de junho de 2023.

EXAMINADORAS:



Prof. Dr. Lilian Reichert Coelho (UFSB – Orientadora)



Prof. Dr. Jussara Peixoto Maia - (UFRB – Examinadora)



Prof. Dr. Vivian Maria Corneti de Lima (UFSB – Examinadora)

CACHOEIRA/BA

2023

À vó Elenita Andrade (in memorian)
À vó Rufina Alves
à Vó Josefa Barbosa
À mainha, Célia Barbosa
À minha irmã, Maria Celiane Barbosa

AGRADECIMENTOS

Ao meu Bom Deus, por permitir a realização deste sonho;

À minha família, por dedicar constantemente os seus esforços para a minha caminhada pessoal e acadêmica, sempre capaz de perdoar as minhas ausências;

À Professora Lilian, pela sua dedicação e paciência em todo o percurso de orientação;

Ao Professor André Santana, meu mentor desde a graduação, o qual me incentivou a ingressar no programa;

Ao Grupo de Pesquisa RHECADOS, pelo apoio e todas as trocas ao longo do percurso;

Aos professores e técnicos do PPGCOM, por tamanha entrega aos discentes;

À CAPES, pelo financiamento durante os dois anos de pesquisa;

Ao Roni Almeida, pela amizade e colaboração para este estudo;

Aos meus colegas de curso, pela constante parceria ao longo do processo;

Ao Franklin Santos, meu noivo, pelo incentivo e pela companhia;

Aos meus amigos, por estarem junto a mim em cada processo;

Às integrantes do grupo, de modo especial às participantes da pesquisa, pela disponibilidade e credibilidade;

A todos, a minha gratidão!

“Não é possível separar um trabalho artesanal da vida de seu criador, pois o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que aperfeiçoa seu ofício. É inevitável não usar sua experiência de vida no seu trabalho – o artesanato é o centro de si mesmo, e, sabemos, a imparcialidade é um horizonte que pode ser perseguido, mas jamais alcançado. Ninguém pode se despir de seus valores para realizar qualquer tipo de trabalho” (ALMEIDA; Maldonado, 2020).

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida através de uma perspectiva transmetodológica (MALDONADO, 2015; PIRES; MALDONADO, 2016; ALMEIDA; MALDONADO, 2020), a qual reúne a análise-temática (ROCHA; MONTARDO, 2005), a netnografia (KOZINETS, 2010, 2014) e a (auto) netnografia (AMARAL, 2008). Tais métodos foram acionados com a finalidade de discutir os estereótipos construídos historicamente em torno de mulheres-madrastas, desde os contos de fadas, até produtos jornalísticos, perpassando por dicionários de língua portuguesa, bem como os meios que têm sido utilizados para combater tais discursos. Diante de tal cenário, o campo do objeto empírico concentra-se em uma comunidade virtual, hospedada no *Facebook*, com mais de 2 mil participantes. As condições de madrastra, participante ativa da comunidade e, agora pesquisadora do ambiente, foram determinantes para optar por um estudo autonetnográfico. Todo percurso de coleta e análise dos dados foi realizado por plataformas virtuais, tendo iniciado a partir dos padrões estabelecidos pela Netnografia, posteriormente agregados às fases da Análise Temática. A fase inicial consistiu-se na imersão enquanto pesquisadora, solicitando autorização da administração do grupo; posteriormente, a partir de um formulário online, foram coletadas respostas de voluntárias, mediante publicação no grupo, totalizando 53 participações; entrevistas online, com as participantes do formulário que manifestaram interesse; a observação do grupo se deu durante todo o processo de pesquisa, associada à escrita, a qual resultou esta dissertação. Por fim, observou-se, através da análise realizada, o incômodo das participantes com os estereótipos socialmente difundidos, especialmente atrelados à maldade, fomentados pelos clássicos contos de fada, bem como veículos e produtos comunicacionais. Atreladas às questões de gênero, observa-se a constante imposição de tarefas às madrastas, com baixo reconhecimento familiar e social, além da existência de rivalidade na díade genitora-madrastra, algo que reverbera sobre as crianças. Observou-se a tentativa de algumas produções em mudarem as narrativas que incluem personagens historicamente estigmatizados, como madrastas. Além disso, percebe-se as comunidades virtuais como importante espaço de diálogo, mas também de disputa de narrativas.

Palavras-chave: Comunicação; Estereótipos; Redes Sociais; Análise Temática; Netnografia.

ABSTRACT

This research was developed through a transmethodological perspective (MALDONADO, 2015; PIRES; MALDONADO, 2016; ALMEIDA; MALDONADO, 2020), which brings together the thematic analysis (ROCHA; MONTARDO, 2005), netnography (KOZINETS, 2010, 2014) and (auto) netnography (AMARAL, 2008). Such methods were activated in order to discuss the stereotypes historically constructed around stepmother-women, from fairy tales to journalistic products, going through dictionaries of the Portuguese language, as well as the means that have been used to combat such discourses. Faced with such a scenario, the field of the empirical object focuses on a virtual community, hosted on Facebook, with more than 2,000 participants. The conditions of stepmother, active participant of the community and now researcher of the environment, were determinant to opt for an autonetnographic study. The entire course of data collection and analysis was carried out by virtual platforms, having started from the Netnography, later added to the phases of Thematic Analysis. The initial phase consisted of immersion as a researcher, requesting authorization from the group administration; subsequently, from an online form, responses from volunteers were collected, through publication in the group, totaling 53 participations; online interviews, with the participants of the form who expressed interest; The observation of the group took place throughout the research process, associated with writing, which resulted in this dissertation. Finally, it was observed, through the analysis carried out, the discomfort of the participants with the socially disseminated stereotypes, especially linked to evil, fostered by the classic fairy tales, as well as communication vehicles and products. Linked to gender issues, it is observed the constant imposition of tasks on stepmothers, with low family and social recognition, in addition to the existence of rivalry in the parent-stepmother dyad, something that reverberates about children. It was observed the attempt of some productions to change the narratives that include historically stigmatized characters, such as stepmothers. In addition, virtual communities are perceived as an important space for dialogue, but also for the dispute of narratives.

Keywords: Communication; Stereotypes; Social Networks; Thematic Analysis; Netnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Publicação do formulário no grupo.	36
Figura 2: Texto introdutório do formulário.	37
Figura 3: Região das participantes.	40
Figura 4: Filhos.	40
Figura 5: Tempo de madrasta.	40
Figura 6: Quantidade de enteados(as).	41
Figura 7: Significado "madrasta".	41
Figura 8: Publicação do Instagram.	41
Figura 9: “Você sente que somos mal vistas apenas por sermos madrastas?”.	49
Figura 10: Relação com os(as) enteados(as).	56
Figura 11: Influência das produções na construção do olhar da sociedade	62
Figura 12: outros meios de escuta.	64
Figura 13: Regras do grupo.	65
Figura 14: Reações no Facebook.	66
Figura 15: Como encontrou o grupo?	66
Figura 16: Convivência com os(as) enteados(as)	67
Figura 17: Participação em outros grupos.	67
Figura 18: Tempo no grupo.	68
Figura 19: Apoio da família.	69
Figura 20: Motivação de permanência no grupo.	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DO COMUM ÀS COMUNIDADES VIRTUAIS	23
2.1 Revisitando conceitos	23
2.2 Pesquisas em comunidades virtuais	28
3 CIRCUITO TRANSMETODOLÓGICO	31
3.1 (Auto)netnografia	32
3.1.1 Formulário online	36
3.1.2 Entrevistas online	38
3.2 Análise Temática	42
4 MUITO ALÉM DOS CONTOS DE FADAS: A REPRESENTAÇÃO DAS MADRASTAS NO IMAGINÁRIO SOCIAL	46
4.1 Madrastras e o estereótipo da maldade	47
4.2 Metáforas e eufemismos	53
4.3 Rivalidade Feminina	55
4.4 “Hoje sou só a mulher do pai”: Madrastras e o exercício do cuidado	57
4.5 Representação na esfera midiática	62
5 MADRASTAS EM COMUNIDADE VIRTUAL	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	83

1 INTRODUÇÃO

“Mulher má, incapaz de sentimentos afetuosos e amigáveis” ou, ainda, “aquilo de que provêm vexames e dissabores em vez de proteção e carinho”. Esses são alguns dos significados detectados ao digitar o termo “madrasta” no Google, buscador de maior alcance na Rede Mundial de Computadores.

O mecanismo de busca supracitado, atualmente, alerta para a existência de “significado” pejorativo, abaixo do significado condizente, que seria: “mulher em relação aos filhos anteriores da pessoa com quem passa a constituir sociedade conjugal”¹. Até pouco tempo, ainda enquanto esta pesquisa estava em desenvolvimento, o sentido pejorativo era mantido em primeiro plano, junto ao significado do termo. A existência do termo depreciativo num mecanismo de busca como o Google aponta para o fruto da percepção da sociedade sobre as mulheres que ocupam esse espaço, considerando o fato de que, ao buscar pelo termo “padrasto”, nos deparamos apenas com um significado: “homem em relação aos filhos anteriores da mulher com quem passa a constituir sociedade conjugal”².

A compreensão dessa realidade é parte da minha vivência pessoal dos últimos 6 seis anos, a qual não passou despercebida no meu contexto acadêmico e, portanto, neste estudo apresentarei trechos em primeira pessoa. Sou madrasta de duas crianças e, ao longo desse relacionamento, pude experienciar algumas situações que expressam a complexidade do ser-madrasta.

Ao mesmo tempo em que tanto nos impõem tarefas e nos atribuem funções, apagam nossa existência na formação e no cotidiano dos/as enteados/as, além de aplicarem a nós o estereótipo da “maldade”, construído a partir de obras clássicas da literatura infantil, como “a Branca de Neve”, “Cinderela”, “João e Maria”, entre outros. Estereótipo também reforçado a partir de casos específicos noticiados, envolvendo alguma mulher-madrasta em relação a enteados. Considero essa condição como um “deslugar”³, tendo em vista a ausência de vínculo consanguíneo, contrastada pela presença afetiva. Em suma, nem mãe, nem desconhecida. “Nem tanto, nem tão pouco”. É esse “deslugar” que tem me levado a uma série de questionamentos, além da busca por possibilidades de rasurar esse cenário.

¹ Busca sobre o termo madrasta no google: [Madrasta significado Google](#)

² Busca sobre o termo padrasto no google: [Padrasto: significado no Google](#)

³ Segundo Fischer (2010, p. 147): “O estar em deslugar define-se, basicamente, pelo nem/nem. Trata-se de uma situação, de uma posição psíquica e emocional definida pelo não estar dentro e o não estar fora, simultaneamente”.

A manutenção de rótulos sobre a figura da madrasta ressoa nas nossas vivências diárias, dentro e fora do âmbito familiar. A exemplo disso relato, para fins de contextualização, um momento em que, já durante esta pesquisa, ao comentar sobre o objeto empírico, ouvi de uma colega a seguinte frase “*vixe*, vai falar logo sobre madrasta?”. Em meio ao diálogo em questão, senti um incômodo pessoal em relação à fala permeada pela repetição do padrão negativo acerca do termo e, enquanto pesquisadora, senti um maior dever em tratar do assunto no meio acadêmico.

Meu ingresso na pós-graduação foi concretizado a partir de uma proposta de pesquisa ligada às comunidades quilombolas do meu município de origem - Nordestina/BA -, discussão que surgiu ainda enquanto estive bolsista de Iniciação Científica, em meio ao bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV (UNEB), e resultou na minha monografia. Durante o período de reestruturação dos projetos de pesquisa, na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Mídia e Memória, guiada por novas implicações originadas durante o cumprimento dos componentes curriculares do curso, bem como das motivações pessoais e a persistência do cenário pandêmico ainda vigente, apresentei a nova proposta de pesquisa que, através das partilhas com a minha orientadora, Prof. Dr^a Lilian Coelho, pode ser amadurecida e acolhida, para então dar origem a este trabalho dissertativo.

Apesar das mudanças nas propostas de pesquisa ao longo do curso, sempre primei por objetos que estivessem aliados às minhas vivências pessoais e, que de alguma forma, fossem capazes de contribuir com a produção acadêmica no campo da comunicação, ao tempo que pusesse em discussão elementos como: cenários, indivíduos e temáticas demasiadamente silenciados, seja no cenário midiático ou acadêmico-científico.

Ao realizar a busca pelo termo “madrasta” ou “madrastas” no Catálogo de Teses e Dissertações e no Portal Periódicos CAPES constatei que, no campo da Comunicação, esse é um assunto quase inexplorado. Das teses e dissertações localizadas pelas palavras-chave no Catálogo, apenas uma (1) é vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Comunicação, sendo os demais trabalhos referentes a áreas como Direito, Psicologia e Letras, como mostra o quadro abaixo (QUADRO 1).

O levantamento construído para esta pesquisa, sistematizado no quadro abaixo, pode ser considerado como acessório metodológico para o que Bonin (2008) chama de *pesquisa da pesquisa*, que tem como objetivo desvendar pesquisas já realizadas no campo. Segundo a autora: “Um mapeamento geral das pesquisas realizadas é importante para situar-se neste

processo, e orientará o trabalho de reflexão aprofundada daquelas que se mostrem relevantes” (BONIN, 2008, p. 123).

Quadro 1: Teses e dissertações.

Título	Autor	Ano	Tipo	Área do Conhecimento	Instituição
Bruxa, fada má e madrasta: análise das antagonistas femininas nos contos de fadas	PEREIRA, Raquel Ladeira	2022	Dissertação	Letras	FURG
Negociando a narrativa da madrasta: novas perspectivas para a vilã dos contos de fadas	OLIVEIRA, Livia Maria de	2021	Tese	Letras	UFU
Funções parentais desempenhada por madrastas e a coparentalidade do novo casal	SCREMIN, Ana Luiza Xavier	2020	Dissertação	Psicologia	UFSM
(Con)Vivendo com mães e madrastas: o encontro de papéis sob a percepção do filho(a)	COPPOLA, Heloisa de Lucca Nobre	2018	Dissertação	Psicologia	PUC/SP
Conjugalidade e parentalidade no recasamento: narrativas das madrastas	DANTAS, Cristina Ribeiro Teixeira	2016	Tese	Psicologia	PUC-Rio
Quem é a nova companheira do pai? a experiência das “madrastas contemporâneas” em famílias recasadas	ALVES, Amanda Pansard	2015	Dissertação	Psicologia	UFSM
Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceituais que categorizam a presidente em charges	FERREIRA, Barbara Cabral. 2015.	2015	Tese	Linguística	UFPB
Discurso, violência e espetacularização da notícia: efeitos de sentido em torno da	TAFURI, Leandro	2014	Dissertação	Letras	Unicentro

madrasta					
Padrastos e Madrastas: construindo seus lugares nas famílias recasadas	SOARES, Laura Cristina Eiras Coelho	2013	Tese	Psicologia	UERJ
Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados	RIBEIRO, Rosa Maria Ferreira	2005	Dissertação	Psicologia	UFRJ
O Direito Frente às Famílias Reconstituídas: a construção dos vínculos em busca da definição de papéis, direitos e deveres por padrastos/madrastas e enteados	FELHAUER, Rosane	2001	Dissertação	Direito	Unisinos
Narrativas jornalísticas e construção da realidade: O caso Isabella no "tribunal" da mídia'	SANTOS, Leise Taveira dos	2012	Dissertação	Comunicação	PUC-Rio
Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm: um estudo sobre imagens e relações	COTTA, Maria Amélia de Castro	2011	Tese	Letras	UNICAMP
Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito	FALCKE, Denise	1998	Dissertação	Psicologia	PUCRS
Famílias reconstituídas (nova forma de conjugalidade e de parentalidade)	FILHO, Waldyr Grisard.	2003	Tese	Direito	UFPR
Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias recompostas das camadas populares	WATARAI, Felipe	2010	Tese	Psicologia	USP

Em nome dos pais: a multiparentalidade nas famílias recompostas como efeito da parentalidade socioafetiva	CANOVA, Jeferson Luciano	2011	Dissertação	Direito	Estácio
---	--------------------------	------	-------------	---------	---------

Fonte: Elaboração da autora (agosto/2022).

Na dissertação de Mestrado em Letras de Leandro Tafuri (2014), é observado o campo do discurso jornalístico em casos de violência, especialmente envolvendo a figura da madrasta, analisa a repercussão da morte no contexto midiático enquanto espetáculo e descreve como a imprensa explora as contradições da imagem da madrasta dentro do caso Isabela Nardoni e relaciona com as construções das personagens de madrastas nos contos de fada. Livia Maria de Oliveira (2021), em sua tese de doutorado, também no campo das Letras, discute a constância do papel de antagonista da madrasta nos contos de fadas e como essa narrativa pode ser desconstruída ao longo das releituras.

Na área da Psicologia, Cristina Dantas, em sua tese de Doutorado defendida em 2016, investigou o contexto do recasamento vivenciado por mulheres em posição de madrastas, com olhar sobre a idade dessas mulheres, os estereótipos ligados às madrastas e às mães, entre outras questões. Enquanto o Estudo de Caso Coletivo, realizado por Ana Luiza Scremin, em sua dissertação de Mestrado em 2020, aponta para a relação familiar de madrastas que exercem função de cuidado, concluindo que as participantes se percebem enquanto parte de uma família dita “normal”.

No filtro da área de conhecimento Comunicação, o repositório de teses e dissertações da CAPES, correspondendo às palavras-chave buscadas (madrasta ou madrastas), apresenta apenas a dissertação de Leise Taveira dos Santos, defendida em 2012, com o título “Narrativas jornalísticas e construção da realidade: O caso Isabella no ‘tribunal’ da mídia” e faz referência ao mesmo caso analisado por Tafuri (2014). A pesquisa analisa a cobertura jornalística do caso, em como houve a espetacularização do caso, contrapondo o direito constitucional à comunicação midiática. No entanto, a publicação não está disponível na íntegra.

Os trabalhos localizados e aqui inseridos, ainda que de outras áreas do conhecimento, são de fundamental importância para a compreensão do objeto. Entretanto, o levantamento realizado aponta para escassez de estudos no campo da Comunicação, de modo particular, com a presença de mulheres-madrastas enquanto sujeitos da pesquisa. Especialmente, devido

ao fato de a Comunicação desempenhar importante papel na construção e desconstrução de estereótipos, nos mais variados grupos, incluindo de mulheres-madrastas, através de veículos de massa ou alternativos.

Nos últimos anos, a partilha de guarda após divórcios tem aumentado consideravelmente. Em 2014, segundo dados do IBGE⁴, dos 146.898 divórcios concedidos em 1ª instância a casais com filhos menores de idade, apenas 18.700 processos garantiram a guarda a ambos. Enquanto em 2021, dos 167.536 processos, 57.856 resultaram na guarda compartilhada. Cabe destacar que, estes dizem respeito aos dados oficiais, registrados em Cartórios Judiciais e Extrajudiciais, ou seja, compreendem mudanças de estado civil, não incluindo situações conjugais alteradas informalmente.

Diante do aumento expressivo do número de guarda compartilhada, é possível considerar que os indivíduos com união dissolvida tendem a estabelecer novos relacionamentos e, conseqüentemente, os/as filhos/as frutos de uniões anteriores passam a conviver com os/as novos/as companheiros/as dos/as genitores/as.

Em casos de madrastas e padrastos presentes em determinada configuração familiar, é observável que as cobranças direcionadas às mulheres ao ocupar o posto de madrastra costumam ser expressivamente maiores que as dos padrastos. Como em outros espaços, espera-se da mulher o cuidado integral, a dedicação imediata exigindo-se, até mesmo, o “espírito maternal”, ainda que esse não seja o desejo da mulher. Contudo, em meio a tantas exigências, ainda recaem sobre a mulher-madrastra as características estigmatizadas, forjadas e propagadas historicamente em uma série de produções.

Antes de prosseguir com a escrita desta seção, preciso demarcar uma especificidade desta pesquisa: parto do lugar de uma mulher cisgênero, heterossexual, além do fato de que a comunidade pesquisada, diante do observado, é majoritariamente formada por outras mulheres semelhantes a mim, no que diz respeito à identidade de gênero e relacionamento afetivo. Acredito que no caso de mulheres transgênero e/ou mulheres homossexuais que ocupam o lugar de madrastra, em geral, os estigmas ocorrem em graus ainda mais intensos.

A associação entre madrastas e figuras maldosas é recorrente, através dos mais diversos meios, desde a literatura, incluindo produtos comunicacionais, como filmes, telenovelas, entre outros, o que ressoa nas percepções difundidas pelo imaginário social. Tafuri (2014) pondera que as produções de sentido construídas em torno de personagens

⁴ Dados disponíveis em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5936#resultado>>. Acessada em: 29/03/23.

madrastas em contos de fadas somam-se aos significados do termo acessados em dicionários e incidem sobre a percepção social perpetuada sobre mulheres que exercem essa função e, conseqüentemente, tais elementos discursivos operam no campo midiático, inclusive na esfera jornalística. Posto isso, interessa também considerar como outras mulheres-madrastas têm se percebido a partir de produções estereotipadas.

Com a ausência de escuta, em determinado momento senti que precisava partilhar um pouco das minhas experiências enquanto madrastra, especialmente com alguém que estivesse imersa em uma realidade semelhante. Recorri ao Facebook. Em abril de 2020, na área de pesquisa do Site de Rede Social, busquei por “Madrasta” e surgiram alguns grupos temáticos. Alguns privados, outros públicos. Uns com centenas de membros, outros com números escassos. Solicitei o ingresso em 2 grupos privados, pois imaginei que me sentiria mais à vontade. Firmei interação em apenas um deles, no qual realizei algumas publicações e interajo com certa frequência. Este constitui o objeto empírico desta pesquisa. O grupo foi criado em 2017, conta com mais de 2.900 participantes e 5 administradoras⁵.

À época, ainda estudante da graduação em Comunicação, observava o Facebook apenas como uma “rede social”, como é conhecida no senso comum. A partir de aulas e bibliografias no Mestrado em Comunicação, passei a direcionar o olhar sobre aquela ambiência de outro modo, chegando à compreensão de que os grupos, especialmente aqueles dos quais faço parte, não são apenas “subáreas” dentro do Facebook, mas um coletivo com interesses comuns, de interação, apoio e suporte. Pela leitura da bibliografia especializada, compreendi que o conceito de *Comunidade Virtual*, o qual será melhor apresentado, estaria próximo do que eu percebia, não apenas em teoria, mas também nas afetações provocadas pelo grupo. Um real sentimento de pertença.

Opto por não identificar o grupo aqui estudado, a fim de preservar a integridade das suas participantes. Foi considerada a sensibilidade da temática tratada, por ser um espaço cujo objetivo é proporcionar a partilha de questões pessoais com a garantia de segurança e resguardo das integrantes; por isso, prezo pela manutenção desses recursos. Apesar de ser um grupo privado, como supracitado, encontra-se hospedado num Site de Rede Social público, com amplo alcance.

Neste estudo, a coleta, análise e descrição dos dados, além da observação do campo, decorreram de um percurso Transmetodológico (MALDONADO, 2015), no qual abarcou a Netnografia (KOZINETS, 2014), Autonetnografia (AMARAL, 2008) e Análise Temática

⁵ Os quantitativos correspondem à fase final desta pesquisa (maio/2023).

(BRAUN; CLARKE, 2006). A pesquisa desenvolveu-se ainda a partir dos conceitos de *Comunidade Virtual* (RHEINGOLD, 1998; LÉVY, 1999; RECUERO, 2002; REBS, 2009; MARTINO, 2014), precedida da definição de *Comum* (ESPOSITO, 2003; SODRÉ, 2014) e *Comunidades* (WEBER, 1987; BAUMAN, 2003; SODRÉ, 2014; MARTINO, 2014), seguida de *Cyberspaço* (LÉVY, 1999) e *Cibercultura* (GIBSON, 1983; LÉVY, 1999), associadas às pesquisas em torno de discurso e a figura da madrasta (TAFURI, 2014).

Durante o processo de pesquisa, foi iniciado um diário de campo, apontado como uma das possibilidades para a autonetnografia por Amaral (2009). No diário, realizado através de manuscrito⁶, eram feitas anotações sobre publicações observadas. Ao longo da pesquisa, alguns trechos das observações estarão inclusos.

Esta pesquisa é proposta com o objetivo geral de: Analisar as narrativas de madrastas em um grupo temático no Facebook e como suas vivências são atravessadas por essa Comunidade Virtual. Além dos objetivos específicos:

- Observar o ambiente das Redes Sociais Digitais enquanto espaços de interação e pertencimento;
- Identificar as principais motivações levantadas pelas madrastas, no que diz respeito ao ingresso e permanência no grupo;
- Compreender as contribuições que as trocas mediadas pelo grupo ofereceram/oferecem ao cotidiano das envolvidas;
- Perceber, através das entrevistas, traços predominantes e isolados dentre as participantes;
- Contribuir para a produção científica no ramo da memória, biografia e histórias de vida no campo da comunicação.

Em suma, pretendeu-se, ao longo desta pesquisa, analisar as narrativas de mulheres-madrastas do grupo do Facebook e como suas experiências familiares são atravessadas por esse espaço interativo. Ao longo do estudo solidificou-se a percepção sobre o ambiente das Redes Sociais Digitais enquanto espaços de interação e pertencimento, evidenciando os traços de *comunidade*.

No geral, os métodos utilizados nesta pesquisa consistem em: aplicação de formulário online, entrevistas virtuais e observação do grupo. A observação aconteceu ao longo de toda a pesquisa, portanto sem duração pré-estabelecida. O formulário permaneceu aberto por 21 dias, contando a partir da data de divulgação no grupo, com o total de 53 respostas. Através

⁶ A autora indica blogs pessoais como possibilidade de diário de campo metodológico, entretanto, optou-se por realizar manuscritamente.

da aplicação do formulário online foi possível identificar as principais motivações levantadas pelas madrastras no que diz respeito ao ingresso e permanência no grupo, bem como compreender quais contribuições as trocas mediadas pelo grupo têm oferecido ao nosso cotidiano, tendo em vista que a minha inserção enquanto mulher-madrasta precede a condição de pesquisadora e, portanto, não ficará à parte ao longo da escrita. Através do formulário obtive os contatos de madrastras que se dispuseram a participar da próxima etapa da pesquisa - entrevista. Ao todo foram 13 entrevistas, com variados formatos, a depender da disponibilidade de cada entrevistada, melhor descritos posteriormente.

O problema desta pesquisa se constrói a partir dos seguintes questionamentos: Quais atravessamentos subjetivos influenciam a inserção e interação no grupo? Aqui compreende-se por atravessamentos subjetivos as questões do cotidiano dessas mulheres que influenciaram o seu ingresso no grupo, a exemplo de dúvidas sobre a criação de enteados, direito de família, além de atritos familiares. Além disso, outro questionamento que motivou a pesquisa foi: a percepção no cotidiano de madrastra mudou, desde que ingressaram no grupo? Como os estereótipos incididos sobre madrastras emergem nas vivências das participantes? E, ainda, além dos conflitos familiares, possíveis dissabores existentes entre madrastra-genitora, madrastra-enteado, e demais membros da família, teriam relação com as conotações pejorativas incididas socialmente sobre as madrastras?

Esta produção subdivide-se em cinco capítulos, com sequência estabelecida diante da percepção de encadeamento lógico entre as discussões. *Do comum às comunidades virtuais* inicia-se com a revisão de conceitos do campo das comunidades virtuais e sua origem. Seguido disso, o capítulo explora algumas pesquisas realizadas com base nos conceitos apresentados.

Em *Circuito Transmetodológico*, segundo capítulo deste trabalho, encontram-se os métodos explorados para a pesquisa. Com o objetivo de oferecer maior riqueza de detalhes dos aportes metodológicos, esse capítulo dispõe de quatro seções complementares, sendo a primeira para a explanação da (auto)netnografia, a segunda para a descrição do formulário online, seguida das entrevistas e, por fim, para a Análise Temática.

O terceiro capítulo, *Muito além das narrativas dos contos de fadas: A representação das madrastras no imaginário social*, discute os meios pelos quais a figura da madrastra tem sido forjada, mesclando trechos das entrevistas e do formulário às citações de autores que discutem a temática. Na primeira subseção, são apontadas metáforas e eufemismos acessados socialmente, com relação às madrastras. Em seguida, é abordada a questão da rivalidade entre

mulheres, com ênfase na díade madrastas-genitoras. Por fim, a última seção tem como abordagem a representação da madrastra na esfera midiática, citando o campo audiovisual e jornalístico.

O quarto capítulo é permeado pela discussão sobre as motivações das participantes em integrarem uma comunidade como a pesquisada e busca responder como as vivências dessas mulheres são atravessadas pela comunidade.

Por fim, as discussões cessam no capítulo de considerações finais, no qual são articuladas algumas constatações feitas ao longo do estudo, impulsionadas pelas problematizações de pesquisa.

2 DO COMUM ÀS COMUNIDADES VIRTUAIS

Ao longo das últimas duas décadas, as pesquisas acerca das interações nos ambientes virtuais têm sido desenvolvidas em larga escala, proporcionalmente ao aumento da usabilidade de redes sociais digitais. As pesquisas desenvolvem-se nas mais diversas perspectivas empíricas, com algumas variáveis nas bases epistemológicas, a partir de métodos distintos. Devido à natureza do objeto pesquisado, o qual abrange subjetividades e objetividades no campo, carece de uma pluralidade metodológica, a fim de atingir os objetivos traçados. Portanto, a transmetodologia entrelaça-se às noções teóricas aqui acionadas.

2.1 Revisitando conceitos

Ao propor uma discussão acerca de comunidades virtuais, nos deparamos com conceitos precedentes, os quais serão apontados inicialmente. A abordagem parte do conceito de *comum*, o qual, segundo Esposito (2003), nas línguas neolatinas, assim como em tantas outras, está intrinsecamente ligado ao que destoa do que é próprio, portanto, faz referência ao coletivo. Na visão do autor, há uma oposição que caracteriza *comum*:

assim, impomos uma virada de cento e oitenta graus na sinonímia *comum-próprio*, inconscientemente pressuposta pelas filosofias comunitárias, e restabelecemos a oposição fundamental: não é apropriado, mas o impróprio - ou, mais drasticamente, o outro - o que caracteriza o comum. Um esvaziamento, parcial ou integral, da propriedade em seu oposto. Uma expropriação que investe e descentra o sujeito proprietário, e o força a sair de si mesmo. A alterar-se (ESPOSITO, 2003, p. 31)⁷.

Ainda ao tratar deste conceito, trazemos dois componentes do *comum*, segundo a perspectiva de Negri e Hardt, presente na obra de Muniz Sodré (2014): o mundo material e os resultados da produção social.

Por ‘comum’ entendemos, em primeiro lugar, a riqueza comum do mundo material – o ar, a água, os frutos da terra e toda a munificência da natureza – que, nos clássicos textos políticos europeus, costuma ser reivindicada como herança da humanidade em seu conjunto, a ser compartilhada. Pensamos que o comum são também, e com maior razão, os resultados da produção social necessários à interação social e à produção ulterior, tais como saberes,

⁷ Trecho traduzido para esta pesquisa. Texto originalmente publicado em Espanhol.

linguagens, códigos, informação, afetos etc (NEGRI; HARDT, 2011 apud SODRÉ, 2014, p. 149).

Segundo Martins (2021, p. 26), “o comum é fundamental para alçar outras compreensões sobre modos de vida baseados no cuidado, na cooperação, na partilha e no fazer-comum, encontrados em diferentes culturas, que têm muito a nos ensinar sobre o mundo que desejamos ter”. Com base em tais conceituações de *comum*, nota-se a ligação direta do termo com partilha, cooperação entre indivíduos, dando o sentido de comunidade. Para Rancière (2009), o *comum* é revelado através da partilha do sensível que, por meio das evidências sensíveis, evidencia também fragmentos exclusivos.

Comunidade, enquanto conceito, é amplamente discutido nas Ciências Humanas e Sociais, partindo de pontos de vista distintos, explorado nos campos geográfico, cultural e físico. Martino (2014) descreve que há mais de vinte mil anos os seres humanos passaram a se organizar em conjunto, por estratégia de sobrevivência aos perigos corriqueiros da época (animais, natureza, possíveis rivais) e, segundo o autor, isso tem mudado em poucos aspectos:

da família às cidades, clubes, associações e instituições, seres humanos se reúnem em comunidades, agrupamentos de pessoas que têm ao menos alguns traços em comum. A raiz da palavra “comunidades” é a mesma de “comum” e de “comunicação”, pensada como “aquilo que pode ser compartilhado” (MARTINO, 2014, p. 44).

Para Sodré (2014), *comunidade* não   uma mera atualiza o histórica do termo *comum*, mas sua *espacializa o*. “Só se pode *ser-com* num *aí* específico” (SODRÉ, 2014, p. 159).

O sociólogo Max Weber (1987) discute *comunidade* como aquela que se constrói a partir de uma gama heterog nea de fen menos, capaz de incluir linguagem, origem étnica, liga es emocionais ou afetivas, entre outros. Segundo o autor, apesar destes fatores não bastarem, são meios facilitadores para a organiza o social dos indivíduos na forma o da comunidade, a partir de interesses comuns.

Para Marques (2013), o *comum* que fomenta as comunidades não   limitado e conclusivo, mas permanece em constante devir e, inclusive,   prestigiado quando posto   prova em situa es de dissenso entre os indivíduos. “O ‘comum’  , ao mesmo tempo, o que une e o que separa, o consenso e o dissenso, a rendi o e a resistência” (MARQUES, 2013, p. 138).

Zygmunt Bauman, também do campo da Sociologia, concebeu à *comunidade* além de um “sentido”, atribuindo-lhe sensações. Segundo o autor,

os significados e sensações que as palavras carregam não são, é claro, independentes. “Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega — todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas que não alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado (BAUMAN, 2003, p. 7).

Contudo, posteriormente o autor destaca que, apesar destas serem as características almeçadas ao tratarmos de *comunidade*, são quase utópicas, devido à realidade na qual estamos inseridos, tornando esta uma “comunidade imaginada”⁸.

Em busca desta “comunidade imaginada”, estamos constantemente acessando novos meios de encontrar nossos pares, construir os nichos de segurança, afetividade e pertencimento. Com o avanço tecnológico, os fatores físicos e geográficos que antes determinavam as características de uma comunidade, por vezes, se dispersam, considerando a efervescência de meios de comunicação e interação. Desse modo, os modelos de comunidades que antecedem tal avanço não desaparecem, mas dialogam com os novos, a partir do surgimento e popularização de outros espaços interativos, assim como a comunicação mediada pela rede de computadores não substituiu os encontros físicos, do mesmo modo que o cinema não substituiu o teatro, e assim por diante (LÉVY, 1999).

Rebs (2009) recorre ao conceito de “época do espaço”⁹ de Foucault para discutir as variações do que pode ser considerado como espaço, conceito que, segundo a autora, deixou de ser restrito às questões geográficas, de modo que as noções de tempo e deslocamento também passaram a ter novos traços, “caracterizando a sociedade atual” (REBS, 2009, p. 1).

Esse novo cenário se configura no que conhecemos como ciberespaço, conceito propagado nas últimas décadas, especialmente nas Ciências da Comunicação e Informação, tendo como um dos propagadores neste campo o pesquisador Pierre Lévy, o qual atribui a criação do termo em um campo distinto. Segundo Lévy,

⁸ Na perspectiva de Bauman (2003), a *comunidade imaginada* é definida como aquela que é produzida artificialmente, em nossos sonhos. É a comunidade que oferece a liberdade, autonomia, autoafirmação, sem quaisquer ônus. Diferente da *comunidade real*, com a qual enfrentamos uma série de escolhas para permanecermos, por exemplo: liberdade ou segurança, obediência em troca de serviços. Segundo o autor, “há um preço a pagar pelo privilégio de ‘viver em comunidade’ – e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho” (p. 10).

⁹ “Justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso”

a palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Em *Neuromante*, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para lá viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais (LÉVY, 1999, pp. 92-93).

No âmbito digital, o ciberespaço, também chamado de rede por Lévy, diz respeito à comunicação gerada pela interconexão mediada pela internet, que extrapola a infraestrutura e a técnica e abarca, inclusive, os indivíduos que estão inseridos e as informações difundidas no meio. Inserida no ciberespaço, está a cibercultura, a qual resulta de um conglomerado de práticas, atitudes, valores, pensamentos, além das técnicas, materiais ou intelectuais. A cibercultura, segundo Lévy, está ligada ao virtual, espaço “desterritorializado”, que independe de tempo ou local específico para acontecer (LÉVY, 1999).

Para Lemos (2003, p. 11), a cibercultura “é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” e pode ser sistematizada a partir de três leis: Reconfiguração, Liberação do pólo da emissão e a Conectividade generalizada. A primeira aponta para o processo de reconfigurar os espaços, os modos e práticas sem aniquilar aqueles que os antecedem. A segunda lei diz respeito à possibilidade de as vozes silenciadas pela comunicação de massa manifestarem-se, além das possibilidades de relacionamento e articulação social, bem como da emissão de opinião e informação. Por fim, a terceira lei, da conectividade generalizada, permite estar conectado, ainda que sozinho fisicamente. Ela promove o contato direto entre pessoas e pessoas, pessoas e máquinas, bem como a troca autônoma de informações entre máquinas. Nesse sentido, ao estarmos imersos na cibercultura, é possível que vivencemos um cotidiano com situações semelhantes aos do mundo *offline*, sem anulá-lo, entretanto, com novas possibilidades.

O crescimento do ciberespaço, para Lévy, estaria atribuído aos princípios da inteligência coletiva, interconexão e das comunidades virtuais. A inteligência coletiva emerge da condição de reciprocidade, de como o conhecimento de um indivíduo pode ressoar aos demais, tendo o ciberespaço como suporte. Já a interconexão seria o fator fundante do ciberespaço, considerando que é o meio pelo qual os computadores constituem uma rede. E,

por último, as comunidades virtuais, segundo Lévy, são resultado da reunião de indivíduos correspondendo um ao outro mutuamente, através da interconexão mediada pelo ciberespaço (LÉVY, 1999).

O termo “comunidades virtuais” passou a ser difundido com maior ênfase em meados da década de 1990, no livro “A comunidade virtual”, de Howard Rheingold, que atribui o conceito aos agrupamentos sociais hospedados no ciberespaço, os quais dão origem a redes de relacionamento pessoais, com efetivas discussões públicas, durante um período minimamente suficiente para o estabelecimento de vínculos (RHEINGOLD, 1993). Ao mencionar essa obra de Rheingold, Sá Martino pontua que “embora suas pesquisas se refiram às características das comunidades virtuais daquele momento, algumas ideias são úteis para se pensar algumas características dos desenvolvimentos posteriores das redes sociais” (MARTINO, 2014, p. 44).

A discussão acerca das *comunidades virtuais*, a partir da perspectiva de Rheingold, é elevada a uma série de entendimentos, incluindo as funções desses agrupamentos virtuais na vida dos/as usuários/as. Segundo o autor, “algumas pessoas usam comunidades virtuais como uma forma de psicoterapia” (RHEINGOLD, 1993, n.p). Com isso, observamos que, para alguns usuários, a ambiência virtual favorece interações, contatos e atividades que, por vezes, fora do ciberespaço não ocorre, ou ocorre com alguma limitação.

Para Lemos (1997, p.17), “as comunidades virtuais agregam-se em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. Em consonância a isso, retomando a perspectiva de Lévy nesse campo, exploremos, portanto, o seu ponto de vista acerca da formação das *comunidades virtuais* e os vínculos nelas estabelecidos. Para o autor:

uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações online não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 128).

Com diferentes interfaces, as comunidades virtuais têm funcionado como verdadeiras extensões das relações dos indivíduos. Apesar de serem criadas e hospedadas no ciberespaço, as comunidades virtuais associam componentes semelhantes aos das comunidades do mundo material. Na perspectiva de Martino, comunidades virtuais são definidas como

agrupamentos sociais construídos a partir de relações interpessoais mediadas por uma tela digital na qual estão informações sobre o grupo, as comunidades virtuais ganham força não por conta da tecnologia, mas pelas intenções, vontades, afetos e conhecimentos compartilhados- interação humana é o ponto de partida e a razão de ser das comunidades virtuais (MARTINO, 2014, p. 45).

No caso da comunidade virtual aqui analisada, encontra-se hospedada num Site de Rede Social (SRS) – o *Facebook*. Além deste, outros SRSs foram popularizados ao longo dos últimos anos, como por exemplo o *Orkut*, o *MySpace*, o *Twitter*, dentre outros.

Recuero (2019) alerta para o fato de os conceitos de Plataformas Digitais, Sites de Redes Sociais e Redes Sociais, por vezes, serem empregados como sinônimos, o que colabora com o distanciamento da conceituação histórica em torno de “Rede Social”, desenvolvida interdisciplinarmente.

Cada site opera a partir de interfaces e linguagens distintas, entretanto, na concepção de Boyd e Ellison, existem alguns critérios característicos dos Sites de Redes Sociais, o que implica na possibilidade de: “(1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema conectado, (2) articular uma lista de outros usuários com os quais eles compartilham uma conexão e (3) ver e mover-se pela sua lista de conexões e pela dos outros usuários (BOYD; ELLISON, 2007, p. 211)”¹⁰.

2.2 Pesquisas em comunidades virtuais

Esta seção foi produzida a partir de pesquisas recentes, localizadas em repositórios online, que estudam comunidades virtuais com base na netnografia ou autonetnografia. Tais estudos foram fundamentais para embasar os aspectos teórico-metodológicos deste estudo.

Giacomini (2011) utiliza-se do termo “constelação” para aludir ao objeto empírico, chamando-o de “constelação social”. No sentido abordado pelo autor, “o ciberespaço é um lugar no qual cada indivíduo representa uma estrela. Juntos em determinado ponto – em um site ou numa comunidade virtual – formam uma constelação” (p. 39). Na pesquisa, a partir das noções de cibercultura e conexões sociais, o autor aponta os meios pelos quais os usuários recorrem a uma comunidade virtual. Como no caso em questão, Giacomini menciona que “a soropositividade para o HIV dá a dimensão de pertencimento, forçosamente

¹⁰ Trecho traduzido para esta pesquisa, extraído do texto original em língua inglesa.

insere esses indivíduos em um mesmo grupo, ligando-os pelo elemento comum do vírus que os atinge: é o primeiro elemento [...]” (p. 42). O autor utiliza da netnografia e da autonetnografia como métodos, a fim de angariar efetivamente a cultura das redes estudadas, a partir das noções autobiográficas do pesquisador, bem como das notas de campo durante o processo de pesquisa (KOZINETS, 2010).

Lacerda (2018), mediante pesquisa netnográfica, investiga as redes sociais enquanto ferramentas facilitadoras da comunicação e expressão das subjetividades entre sujeitos em posição de minoria, de modo específico, da população LGBT. O autor direciona sua análise na comunidade “LGBT Brasil”, grupo de discussão hospedado no *Facebook*. Guiado pelas discussões e conceitos no campo da Comunicação, por autores como Recuero, Amaral, Lemos e Lévy, entre outros, Lacerda (2018) conclui que a comunidade analisada “torna-se um lugar de encontro que, embora tenha o ciberativismo como propulsor de sua existência, é formada e se movimenta de acordo com as interações (...)” (LACERDA, 2018, p. 107).

Silva (2021) analisa a interação entre mães-solo a partir da *hashtag* homônima na rede social digital *Instagram*. Utilizando a netnografia como método, a autora parte do pressuposto de que “o uso da *hashtag* “#maesolo” na plataforma evidencia a criação de espaços de existência e identidade virtual, onde o ponto de convergência é identificado através do uso da *hashtag* na rede” (p. 9). A pergunta propulsora do estudo gira em torno das formas de interação que têm surgido no meio virtual, de como essas têm impulsionado a criação de espaços identitários nas redes sociais digitais.

Godoi e Rosa (2021) levantam discussões acerca das “experimentações sociais” no ambiente do grupo LDRV¹¹, hospedado no *Facebook*, a fim de perceber como o grupo, seus membros e sua gestão vivenciam tais experimentações, mediadas por “usos, apropriações, operações e códigos” (p. 5). A partir de observação participativa, os autores percebem que o grupo LDRV, majoritariamente ocupado por “sujeitos LGBTQ+, caracteriza-se quase que como uma extensão da cotidianidade e da intimidade dos sujeitos” (p. 12). O LDRV, apesar de ser intitulado a partir do nome de uma cantora, não foca nas discussões sobre Lana Del Rey, tampouco é um espaço de fãs da artista, mas sim um grupo no qual circunscrevem-se práticas e experimentações comunicacionais, baseadas num “arranjo que segue, ao mesmo tempo que rompe e tensiona, as lógicas do *Facebook*” (GODOI; ROSA, 2021, p. 4).

Nas pesquisas levantadas, algumas similaridades estão evidenciadas. Inicialmente, destaco a netnografia/etnografia virtual como método amplamente utilizado em pesquisas

¹¹ A sigla faz referência à Lana Del Rey Vevo.

dessa natureza, também adotado neste estudo. A netnografia, segundo Rocha e Montardo (2005), é um dos métodos que permitem ao pesquisador em Comunicação o desempenho de estudos das caracterizações comunicacionais contemporâneas, as quais estão cada vez mais virtualizadas, digitalizadas e desmaterializadas, incluindo as relações interpessoais. O método netnográfico, por ter sido adaptado para o meio virtual, leva em conta desde o princípio a “desterritorialidade” das conexões, portanto, desde os passos iniciais da proposta metodológica, contato com possíveis colaboradores da pesquisa, análise do campo, o pesquisador perfaz a partir de estratégias próprias da cibercultura, ajustáveis ao objeto empírico.

Nos estudos observados, a prevalência é da análise de interações nas redes sociais digitais por indivíduos que integram grupos socialmente estigmatizados, (LGBTQI+, Mães Solos, pessoas com HIV). Nota-se, portanto, o ambiente virtual enquanto possibilidade de interação e expressão, mediada por plataformas digitais, de diferentes interfaces.

3 CIRCUITO TRANSMETODOLÓGICO

Na seção anterior foram mencionadas a netnografia e a autonetnografia, ambas emergem como metodologias-chave nas pesquisas sobre/em redes sociais identificadas, o que se mantém nesta pesquisa. Entretanto, associado à netnografia e à autonetnografia, outras metodologias são acionadas: a entrevista e a Análise Temática (AT). Assim, juntas, resultam na Transmetodologia, adotada como princípio metodológico deste estudo. A escolha pela transmetodologia para este estudo surge em função da imprescindibilidade em ver o objeto por seus diversos prismas, algo possível com este agente metodológico.

A Transmetodologia não surge como um agrupamento de metodologias, mas sim como um “agir” metodológico de desconstrução e desestabilização de modelos metodológicos padronizados (PIRES; MALDONADO, 2016). É uma proposta latinoamericana, que preza pela cidadania, especialmente em estudos voltados para o campo das mídias, sem romper com o bom senso cultural, as transformações sociais, bem como com a experiência do pesquisador, também imerso nos cenários de multiplicidade citados.

Mais do que utilizar distintas metodologias que confluem para uma abordagem mais profunda de nossos objetos de pesquisa, a transmetodologia pressupõe a capacidade de observar o objeto por diferentes prismas, levando em consideração os seus diversos aspectos. Mas realizar tal empreitada não significa apenas utilizar diversas metodologias em um trabalho de pesquisa. Requer um pensamento transmetodológico que vai perpassar toda a realização do projeto e não somente estará expresso em um capítulo explicativo dos procedimentos utilizados durante a pesquisa. Esse pensamento precisa ser embasado em diferentes áreas do saber, o que demanda do pesquisador e da pesquisadora o esforço de sair de “sua área” do conhecimento para buscar aportes em outros campos – afinal, diversos campos podem contribuir para a confecção de uma trama mais elaborada de conceitos para entender o objeto em questão (ALMEIDA; MALDONADO, 2020, p. 100).

No percurso desta pesquisa, a essência da transmetodologia tem proporcionado, de modo particular, a percepção da ciência para além de fazeres e saberes inflexíveis, aos quais estamos adaptados na academia. Através do aprofundamento conceitual, solidificou-se a percepção de que é possível fazer pesquisa, especialmente no campo comunicacional, sem que seja necessário abrir mão das experiências subjetivas, “[...] pois o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que aperfeiçoa seu ofício” (ALMEIDA; MALDONADO, 2020, pp. 95-96).

Para a construção de uma pesquisa transmetodológica, as possibilidades são diversas, especialmente, devido à multiplicidade de áreas de conhecimento que podem ser agregadas, bem como métodos e saberes distintos. Neste sentido, Luz (2018, p. 206) aponta que:

desse modo, mesclam-se métodos de pesquisa na internet, criando questionários iniciais de aproximação aos sujeitos em grupos do Facebook, com entrevistas semi-estruturadas realizadas pessoalmente, que são analisadas confrontando e conversando com a teoria. Tais métodos supracitados, aproximam-se abundantemente com aqueles utilizados nesta pesquisa.

Em geral, as etapas desta pesquisa consistem em: observação e interação com o grupo, formulação e divulgação do formulário online, entrevistas, análise do material coletado. Parafraseando Pires e Maldonado, destaco para um fator importante - a falta de linearidade nas etapas:

como todo esse processo está fortemente ancorado pela transmetodologia, é necessário dizer que as etapas supracitadas não têm uma ordem ou hierarquia intransponíveis. Elas ainda podem sofrer com desestabilizações, uma vez que elas se atravessam, se misturam, podendo gerar novas etapas no decorrer do processo (PIRES; MALDONADO, 2016, p. 166).

Com isso, nos tópicos a seguir, os demais métodos serão melhor apresentados, bem como, os resultados desta pesquisa.

3.1 (Auto)netnografia

O método netnográfico existe desde meados da década de 1990. A netnografia, adaptada da etnografia – método utilizado especialmente nas Ciências Sociais – para o ambiente virtual com a finalidade de executar pesquisas ligadas à sua área de atuação – o marketing. Segundo Evans (2010, p. 11), a “etnografia pode ser definida tanto como um processo e método de pesquisa qualitativa (alguém conduz uma etnografia)” quanto “um produto (o resultado desse processo é uma etnografia) cujo objetivo é interpretação cultural”.

Com o passar dos anos, alguns autores/as têm realizado atualizações conceituais e nomeado de outras maneiras, bem como utilizado em outros campos. Segundo Soares e Stengel (2021, p. 2):

a etnografia, quando associada ao campo on-line, tem sido apropriada por muitas áreas, que vão além da antropologia - daí sua variedade de nomes e usos. Netnografia, etnografia virtual, webnografia, etnografia em mídias sociais ou etnografia on-line são alguns exemplos dessa variedade.

Somado a isso, as autoras afirmam ainda que a netnografia “surgiu em função da necessidade de pesquisadores abordarem o mundo on-line em suas pesquisas” (SOARES; STENGEL, 2021, p. 2). Nessa perspectiva, Tafarelo (2013) também aponta a ampla gama do método. Segundo a autora:

a Netnografia é vista como um campo de atuação, mas pode também ser considerada como um objeto de pesquisa (o que se estuda), um local de pesquisa (onde se estuda) e ainda um instrumento de pesquisa (ferramenta de estudo). Assim é a multiplicidade e pluralidade da Internet. A Internet é vista como cultura e a chamam de ciberespaço ou cibercultura. A Metodologia Qualitativa Etnográfica pesquisa as comunidades virtuais, fóruns, chats, blogs, sites de redes sociais, estes são estudos on-line realizados exclusivamente no computador. Esta metodologia exclusiva do mundo virtual é chamada de Netnografia, e também de Etnografia Digital, Webnografia e Ciberantropologia (TAFARELO, 2013, p. 4).

A netnografia, enquanto método, possibilita a percepção do/a pesquisador/a sobre as transmissões produzidas para além da noção de meros conteúdos. Através da netnografia, é possível perceber as comunicações enquanto interações sociais, os significados apontados por meios de signos e artefatos culturais, a partir da observação do que é dito e como é dito, de modo que são levadas em conta o meio de interação, a linguagem, a narrativa, proporcionadas através da plataforma estudada (KOZINETS, 2010).

A inserção do/a pesquisador/a durante o estudo netnográfico pode variar entre silenciosa (*lurker*) ou atuante (*insider*) (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011). Ao optar pela estratégia de pesquisador *insider*, a autonetnografia emerge enquanto possibilidade não apenas no processo de coleta de dados, quando o/a pesquisador/a está inserido/a também como participante, mas, sobretudo, permite uma escrita dos resultados em primeira pessoa, como aponta Amaral (2008):

a autonetnografia é aqui compreendida como uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado. Essa ferramenta também é focalizada e compreendida como possibilidade de relato escrito em primeira pessoa, na qual elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do

objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte (AMARAL, 2008, p. 15).

Diante disso, considero relevante desenvolver esta pesquisa a partir de uma perspectiva autonetnográfica, tendo em vista as implicações subjetivas que conduziram a proposta. As minhas motivações para buscar a comunidade podem ser definidas por alguns questionamentos que me fazia: “como outras madrastas lidam com esse tipo de situação?”; “isso só acontece comigo?”, “em algum momento isso será diferente?”. Grande parte das vezes, os questionamentos refletiam situações ligadas à criação dos enteados, atitudes da genitora, entre outras.

Junto aos questionamentos elencados acima, de caráter subjetivo, soma-se as bases epistemológicas que têm sustentado esse estudo. A partir das discussões no campo das experiências de mulheres-madrastas, proponho analisar os aspectos subjetivos que conduzem nossas interações dentro de determinada comunidade virtual, na plataforma do *Facebook*.

Desse modo, este estudo tem como foco as narrativas de mulheres-madrastas que têm o ambiente virtual enquanto espaço de trocas e diálogos. Em meio a diversas comunidades existentes em Sites de Redes Sociais com essa proposta, optou-se por uma comunidade específica, um grupo no *Facebook*, do qual faço parte há mais de dois anos. Optou-se por manter oculto o nome do grupo, conforme acordo feito com a administração da comunidade diante da autorização para realizar a pesquisa.

Estudos netnográficos têm sido cruciais para o desenvolvimento de pesquisas que envolvam comunidades hospedadas em plataformas online, especialmente com o advento das Tecnologias de Comunicação e Informação nas últimas décadas, de modo que essas têm cada vez mais integrado o cotidiano dos indivíduos. Segundo Kozinets e Handelman (1998, p. 367):

a netnografia pode ser utilizada de três diferentes maneiras principais: 1) como metodologia para estudar culturas cibernéticas e comunidades virtuais; 2) como ferramenta metodológica para estudar culturas cibernéticas e comunidades virtuais derivadas; e 3) como ferramenta exploratória para estudar tópicos em geral.

Considerando a netnografia como ferramenta metodológica deste estudo, seguimos as etapas propostas por Kozinets (2014): a delimitação do foco do estudo; a identificação e seleção da comunidade; a imersão na comunidade selecionada, com envolvimento e coleta de dados; a análise interpretativa dos dados e, por fim, a escrita dos resultados da pesquisa.

A autonetnografia, também tendo como precursor Kozinets, é revista por Amaral (2008), que observa a proposta descrita pelo autor como demasiadamente ampla, “pois não passa de uma mera transposição para a inserção no online do conceito de autoetnografia, caro à antropologia e às ciências sociais como uma forma narrativa [...]” (AMARAL, 2008, p. 19). Com isso, a autora descreve em seu artigo as próprias estratégias utilizadas durante sua pesquisa de modelo autonetnográfico, fazendo referência a passagens de alguns autores. Amaral apresenta os seguintes passos:

(a) resgate dos procedimentos metodológicos da netnografia e algumas de suas aplicações no caso estudado; (b) discussão conceitual da autoetnografia enquanto uma forma de observação participante que leva em conta a subjetividade e a própria narrativa biográfica do pesquisador (Wall, 2006) e sua transição para uma autonetnografia (Kozinets, 2007) como um dos pontos mais extremos da equação entre observador e informantes dentro das comunidades virtuais analisadas; (c) um breve exercício autonetnográfico que discute minha inserção enquanto pesquisadora-insider na subcultura “electro-industrial”, a partir dos usos e das apropriações de Sites de Redes Sociais, SRS (Boyd e Ellison, 2007), entre outras ferramentas (AMARAL, 2008, p. 15).

Observa-se, portanto, que Amaral, apesar de reconhecer o conceito cunhado por Kozinets, identifica a compreensão do autor como muito rasa para os fins que ela deseja alcançar em seu estudo autonetnográfico e, por isso, revisita outros percursos de modo que desenvolve suas próprias etapas. Assim como Amaral (2008), percorro alguns caminhos distintos no desenvolvimento desta autonetnografia, frente aos/às autores/as aqui citados/as.

Ao decidir por estudar o grupo mencionado, busquei conversar com as administradoras, a fim de informá-las da intenção em pesquisar aquele espaço e perceber se haveria alguma impossibilidade em tal proposta. O grupo é administrado por cinco madrastras, tentei contato com todas elas, através da ferramenta de bate-papo do próprio Facebook (o *Messenger*). Inicialmente, pretendia conversar com a fundadora do grupo, mas fui informada que a mesma não integra mais, tendo deixado o gerenciamento da comunidade com as administradoras.

Pelo *Messenger* não obtive retorno de nenhuma das administradoras, porém consegui localizar uma delas por outro Site de Rede Social (o *Instagram*), por lá obtive resposta. A administradora mostrou-se solícita, entrou em contato com as demais e, então, me foi sinalizado que todas estavam de acordo. Com isso, elaborei um formulário online, na plataforma *Google Forms*, e solicitei a publicação no grupo. A solicitação ocorreu devido à

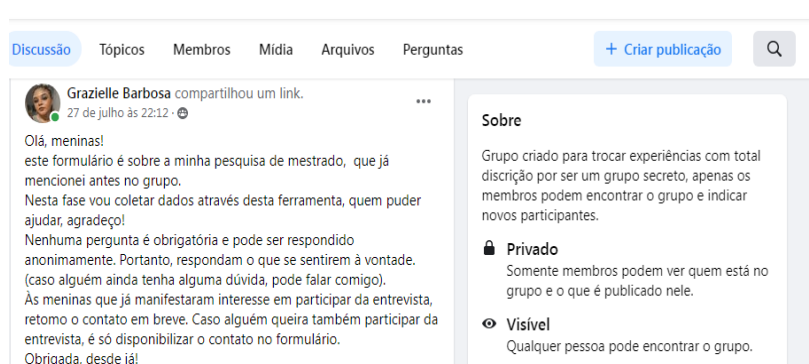
política do grupo de que todas as publicações devam ser aprovadas por, pelo menos, uma administradora.

Considero necessário destacar que, mesmo com uma receptividade considerável, enfrentei alguns entraves durante a realização da pesquisa. A primeira publicação que fiz do formulário passou cerca de 10 dias em análise, posteriormente, foi recusada por uma das administradoras. Desconheço o motivo da recusa, entretanto, após relatar a situação à moderadora com a qual tenho contato fora do grupo, a mesma pediu que eu reenviasse a solicitação de postagem no grupo. No dia 27 de julho de 2022 foi efetivada a publicação. De imediato, algumas participantes passaram a interagir na própria postagem, além de enviarem suas respostas ao formulário.

3.1.1 Formulário online

A opção pelo formulário se deu em função da sua praticidade e possibilidade de alcance, além da contribuição na melhor amostragem dos dados. O formulário continha 20 perguntas, todas facultativas, sem necessidade de identificação, algumas de múltipla escolha, outras abertas, compreendendo assim a amostragem não probabilística e não intencional por acessibilidade. A divulgação do formulário foi feita no próprio grupo, em 27 de julho, com um texto de apresentação como mostra a imagem a seguir:

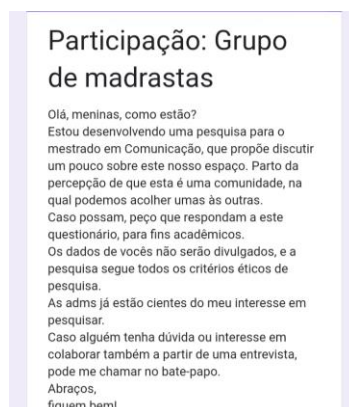
Figura 1: Publicação do formulário no grupo.



Fonte: Autora, 2022.

Já na área do formulário, foi inserido também um texto introdutório, a fim de garantir a compreensão das participantes sobre a pesquisa em questão.

Figura 2: Texto introdutório do formulário.



Fonte: Autora, 2022.

Mota (2019) trata do uso da ferramenta *Google Forms* da seguinte forma:

a grande vantagem da utilização do Google Forms para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião, é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar. Enumera-se ainda como vantagem os resultados da pesquisa pelo Google Forms, pois estes se organizam em forma de gráficos e planilhas, proporcionando um resultado quantitativo de forma mais prática e organizada, facilitando a análise dos dados (MOTA, 2019, p. 373).

No dia 7 de agosto, uma semana sem receber novas respostas no formulário, fiz um comentário na própria publicação no grupo, como meio de a postagem voltar a ter relevância na página das usuárias. Essa é uma técnica muito usada dentro do *Facebook*, levando em conta que o funcionamento do algoritmo da plataforma prima por publicações recentes e consideradas relevantes e, caso uma publicação mais “antiga” volte a ter interação, consequentemente os usuários veem (ou reveem) no seu *feed de notícias*¹². Com isso, foi possível obter mais sete (7) respostas. O formulário permaneceu aberto até o dia 17 de agosto do mesmo ano, com o total de 53 respostas.

O formulário foi gerado com o intuito de ter um contato direto com as integrantes do grupo a partir do objeto da pesquisa. As perguntas foram subdivididas em 4 nichos, basicamente: **a participação no grupo** (como encontrou, há quanto tempo faz parte, o que

¹² “O Feed de Notícias é a primeira coisa que as pessoas veem quando entram no Facebook. O objetivo é mostrar às pessoas histórias importantes para elas, todas as vezes que elas o visitam. O Feed de Notícias de cada pessoa é uma coleção personalizada e em constante mudança de fotos, vídeos, links e atualizações de amigos, familiares, grupos, empresas e criadores de conteúdo aos quais elas se conectaram no Facebook.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/learn/lessons/facebook-news-feed-creators>>. Acessado em: 24 de agosto de 2022.

motivou a entrar no grupo, etc.); **a vivência pessoal enquanto madrasta** (quantos enteados tem, se convive com ele(s), se tem outros meios de desabafo, senão o grupo, como considera a relação com os enteados, etc.); **acerca da percepção social sobre madrastas** (se percebe que somos mal vistas, apenas por sermos madrastas; se a forma com que meios de comunicação nos representam influencia na forma como a sociedade nos vê) e, por fim, **informações pessoais** (de que região do país é; idade; se tem filhos; nome e contato, caso desejassem informar), além de um campo para escrita livre.

No formulário, um dos campos era, para quem desejasse, disponibilizar o contato para a etapa seguinte (a entrevista). Dentre as 53 respondentes, 17 disponibilizaram pelo menos um meio de contato.

3.1.2 Entrevistas online

Quando iniciada a etapa das entrevistas, foi realizado o contato com as 17 participantes, entretanto, uma se recusou a participar, enquanto outras 3 não retornaram o contato. Todas as entrevistas foram realizadas de maneira individual e remotamente. Dentre as 13 entrevistas, uma foi realizada por vídeo-chamada¹³ e todas as demais via *Whatsapp*. No quadro abaixo está uma breve descrição das entrevistadas.

Quadro 2: Pannel de Entrevistas.

Participante	Ocupação	Idade	Cidade	Filhos?	Nº de Enteados	Tempo de madrasta:
1	Bancária	35	João Pessoa/PB	1	2	6 anos
2	Advogada	25	Goiânia/GO	Não	1	Foi por 4 anos
3	Profissional do Audiovisual	25	São Paulo/SP	Não	1	7 anos
4	Pedagoga	46	São Paulo/SP	2	2	4 anos

¹³ A participante optou por ser entrevistada através da plataforma *Google Meet*, por vídeo-chamada. Posteriormente, a entrevista foi transcrita e estará disponível, assim como as demais, na seção de anexos deste trabalho.

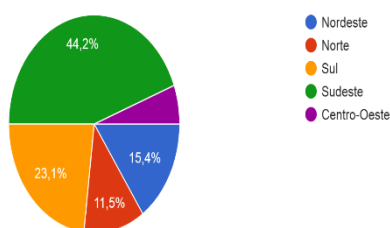
5	Chefe de Cozinha	28	Foz do Iguaçu/PR	Não	2	2 anos
6	Secretária do lar	20	Mogi Mirim/SP	1	1	2 anos
7	Advogada	37	São Paulo/SP	Não	2	3 anos e 6 meses
8	Técnica em Administração	31	Pelotas/RS	1	1	4 anos
9	Consultora Comercial	35	Hortolândia/SP	3	1	2 anos
10	Professora	26	Nova Serrana/MG	1	2	2 anos
11	Servidora Pública	38	São Gonçalo/RJ	Não	3	5 anos
12	Advogada	27	Goiânia/GO	Não	1	2 anos
13	Social Media	25	Bahia	Não	2	7 anos

Fonte: Autoria própria, 2023.

Como visto no quadro acima, a maioria das participantes que aceitaram ser entrevistadas são da região Sudeste, não tem filhos e são madrastas há uma média de 2 e 5 anos. Todas essas características se assemelham com as das 53 respondentes formulário, como mostram os gráficos abaixo:

Figura 3: Região das participantes.

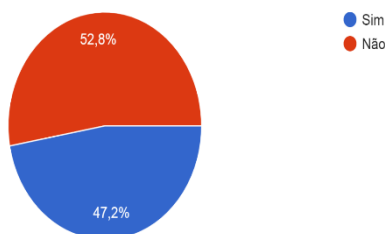
De qual região do país você é?
52 respostas



Fonte: Extraído do Forms da pesquisa.

Figura 4: Filhos.

Tem filhos(as)?
53 respostas

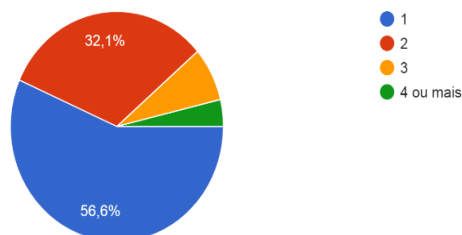


Fonte: Extraído do Forms da pesquisa

Com isso, apesar da quantidade de entrevistadas ter sido bem abaixo do número de respondentes no formulário, é possível notar que conseguimos apreender um retrato próximo daquele demonstrado no formulário. O único quesito com uma leve diferença na amostra é o número de enteados. As entrevistadas apontam para a média de 2 a 3, enquanto as respondentes, a maioria afirma ter apenas 1, como indica o gráfico abaixo.

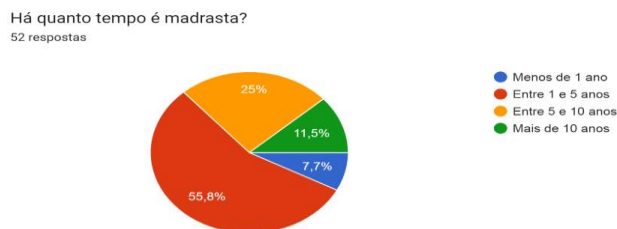
Figura 5: Tempo de madrasta.

Você tem quantos(as) enteados(as)?
53 respostas

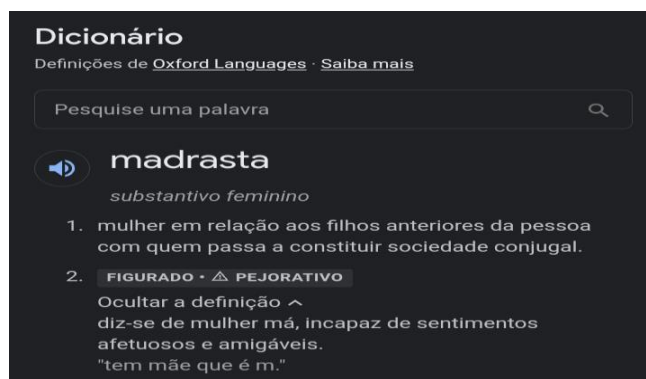


Fonte: Extraído do Forms da pesquisa.

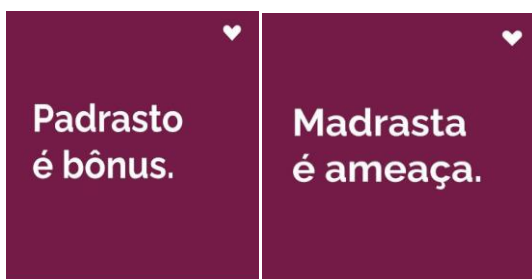
A entrevista realizada via vídeo-chamada (sendo esta a primeira de todas) teve alguns processos diferentes, devido à própria dinâmica do meio. Inseri algumas imagens na tela, a fim de perceber as impressões da participante diante das peças. A primeira imagem tem a ver com o significado da palavra Madrasta no mecanismo de busca do Google, enquanto as outras duas imagens foram coletadas no perfil do Instagram “Somos Madrastas”, inseridas logo abaixo.

Figura 6: Quantidade de enteados.

Fonte: Extraído do Forms da pesquisa.

Figura 7: Significado “madrasta”

Fonte: Google, 2023.

Figura 8: Publicação do Instagram.

Fonte: Instagram Somos Madrastas.

Optei por não seguir com a mesma estratégia nas entrevistas do *Whatsapp*, por receio de alguma(s) participantes não conseguir(em) visualizar as imagens, por questão de conexão ou algo do tipo. Portanto, lancei a questão sobre estereótipos como uma pergunta mesmo, ao invés de levantar uma provocação através de peças imagéticas.

As entrevistas realizadas via *WhatsApp* variaram entre síncronas e assíncronas, tudo a depender da disponibilidade das entrevistadas. Quando síncronas, foram conduzidas como uma conversa, com alguns comentários entre entrevistada e entrevistadora, mas sobretudo, seguindo um roteiro previamente produzido para a pesquisa. Quando sinalizado pelas participantes a necessidade de “responder outra hora”, foi enviada a sequência de perguntas, tendo recebido as respostas posteriormente.

Intencionalmente, o roteiro de perguntas da entrevista não obteve grandes variações, se comparado com o formulário. Optei por manter a mesma linha de questionamentos, com o objetivo de extrair respostas mais densas, já que boa parte do formulário foi feita com perguntas fechadas (apenas com o clique em uma das alternativas) e, até mesmo as abertas, as participantes não estenderam as respostas. Em todas as entrevistas foi possível obter os dados desejados e, em muitos casos, espontaneamente.

Todos os dados obtidos, tanto nas entrevistas quanto nos demais momentos da pesquisa, serão analisados a partir do método de Análise Temática. Tanto as respostas do formulário, quanto as entrevistas estão identificadas numericamente de acordo com a ordem de coleta, a fim de preservar a identidade das participantes. Do formulário, as participantes estão situadas como “respondentes”, enquanto das entrevistas “entrevistadas”. O termo “participante” também aparece em alguns momentos, porém o meio de coleta da resposta é sinalizado. Os trechos das entrevistas e do formulário são acionados a partir da relação com o texto.

3.2 Análise Temática

Dentre as tantas abordagens da pesquisa qualitativa disponíveis, a Análise Temática se apresenta como um método “independente de teorias ou epistemologias” (SOUZA, 2019, p. 53). Essa fluidez da AT permite a associação com outros métodos, como a autonetnografia, aqui adotada, e meios diversos de coletas de dados. Rosa e Mackedanz (2021, p. 11) apontam que “a análise temática envolve a busca a partir de um conjunto de dados, seja originário de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significado”.

O método de AT, adaptado neste estudo, parte daquele difundido por Braun e Clarke (2006). As autoras consideram-no pouco demarcado, entretanto, amplamente utilizado em estudos qualitativos, especialmente no campo da Psicologia. Para as autoras, o método segue 6 fases, sendo estas:

1. *familiarising yourself with your data*¹⁴ (Familiarização com os dados);
2. *generating initial codes* (geração de códigos iniciais);
3. *searching for themes* (procura por temas);

¹⁴ Tradução nossa.

4. *reviewing themes* (revisão dos temas);
5. *defining and naming themes* (definição e nomeação dos temas);
6. *producing the report* (produção do relatório).

A pesquisa de Souza (2019) discorre sobre o método de Braun e Clarke (2006) e aponta que:

o processo de AT começa quando o pesquisador procura, nos dados, por padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa. Isso já pode ocorrer, inclusive, durante a coleta de dados, na condução de entrevista ou grupo focal. A análise envolve um vaivém constante entre o banco de dados, os trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir destes trechos. O processo termina com o relatório dos padrões (temas) (SOUZA, 2019, p. 54).

Silva e Borges (2017), em pesquisa empírica com professores da educação básica, sobre concepções de gênero, utilizaram aportes da Análise Temática Dialógica, que, segundo as autoras, “consiste na construção de um referencial de codificação que permite a identificação de temas recorrentes e interligados e a análise da dinâmica da construção de significados, considerando o caráter dialógico das interações” (SILVA; BORGES, 2017, p. 257).

Os padrões buscados para esta pesquisa concentraram-se primeiramente nas postagens observadas no grupo, o que auxiliou na formulação do questionário online – segundo meio de busca de “padrões” deste estudo. Os temas ou padrões, segundo Rosa e Mackendanz (2021), no campo dos dados a serem analisados, podem ser estabelecidos por indução ou dedução.

A análise indutiva é aquela guiada pelos dados, sem modelos codificantes pré-estabelecidos pelo/a pesquisador/a. Enquanto a análise dedutiva tem o processo analítico guiado pelo/a pesquisador/a explicitamente, ressalta com detalhes mais rigorosos apenas alguns aspectos dos dados, com menos descrições dos dados em geral (ROSA; MACKENDANZ, 2021).

No que diz respeito às determinações indutivas ou dedutivas, a análise aqui proposta aproxima-se do método indutivo, considerando que a observação e a experiência precederam a construção de padrões.

Na literatura visitada, a AT é majoritariamente utilizada em pesquisas com entrevistas e grupos focais, o que difere do meio para este estudo. A AT, enquanto técnica de análise de dados, decorre da entrada e compreensão do campo da pesquisa através da (auto) netnografia

e, portanto, algumas etapas, em ambas os métodos, passaram por adaptações e, inclusive, ocorreram em convergência. Na concepção de Barbosa, Silva e Nunes (2017)

é tarefa do pesquisador, diante da base que fundamenta a pesquisa empírica, delinear sua metodologia da pesquisa, selecionando as possibilidades que melhor vão ajudá-lo a entender seu objeto de estudo e tratar sobre o problema que o cerca. Além desse conjunto de possibilidades, são também passíveis de escolha as técnicas de coleta e, por conseguinte, as técnicas de análise de dados, onde podem se localizar, dentre outras opções, a análise de conteúdo, a análise temática e a análise do discurso (BARBOSA; SILVA; NUNES, 2017, p. 1).

Nesse aspecto, Rosa e Mackendanz (2021) consideram que os métodos e padrões teóricos devem estar de acordo com o que o/a pesquisador/a deseja perceber no estudo, tratando todo processo como decisões. Souza (2019) também trata das escolhas metodológicas como importantes decisões, as quais nem sempre estão explícitas na descrição das técnicas, mas precisam ser consideradas ao longo do estudo.

Considerando tais afirmações, a ancoragem desta pesquisa se dá por meio de alguns passos, identificados como fundamentais a partir das perspectivas adquiridas ao longo do processo, ou seja, a metodologia ganhou forma e foi delineada em meio ao percurso.

Como já expressei, as etapas não necessariamente aconteceram em linearidade, por isso a escolha em representá-las por esse fluxograma sem ordenamento específico. Entretanto, abaixo serão descritas com maior profundidade cada etapa e, inevitavelmente, seguirão uma ordem lógica.

Envolvimento, enquanto pesquisadora, com a comunidade selecionada: Nos relatos iniciais desta pesquisa, sinalizei a minha participação prévia na comunidade aqui estudada, portanto, ressalto que, apesar de já fazer parte desta, o momento em que ingressei como pesquisadora precisa ser demarcado, pois, foi a partir do contato com as administradoras que iniciei a efetiva observação daquele espaço como campo de estudo. Essa “entrada” e “familiarização” no campo é descrita no método netnográfico por Kozinets (2014) como um dos esforços iniciais da pesquisa.

Constante observação e, quando possível, interação com o grupo: A observação do ambiente estudado ocorreu quase que diariamente. Algumas vezes, ao receber notificações da própria rede social sobre uma nova postagem, outras vezes por busca própria. Estas observações, por vezes, eram acompanhadas também de interações, fosse reagindo ou comentando a respeito de alguma publicação. Além disso, também fiz minhas próprias publicações, divulgando conteúdos externos à rede que tivessem a ver com a temática do

grupo, ou relatando algum fato do meu cotidiano de madrasta. Essas interações e observações corroboraram com a percepção enquanto pesquisadora, no que diz respeito ao caráter autoneثنográfico do estudo.

Criação e divulgação de questionário online: O questionário, antes de ser divulgado no grupo, foi apresentado à administradora com a qual foi estabelecido o contato. Esta foi uma das principais fontes de dados, junto às postagens da comunidade, considerando que o retorno das respondentes forneceu uma base sólida ao estudo.

Coleta e familiarização com os dados: Exceto pelo formulário e pelas entrevistas (considerando que o primeiro ficou disponível por tempo limitado e as entrevistas foram realizadas diante da disponibilidade das participantes), os dados eram coletados cotidianamente, a partir das postagens observadas na comunidade. Em todo esse processo a familiarização ocorria, ampliando a visão da pesquisa.

Identificação dos temas: Como característica da análise indutiva, a identificação dos temas ocorreu quando o processo já estava mais avançado, fruto da imersão no campo de estudo, observação, coleta e familiarização com os dados.

Escrita da análise: O momento da escrita reuniu, além das observações, dos dados coletados, a prospecção da literatura, revelando, assim, os resultados deste estudo.

Ao longo de todo o processo, foram realizadas anotações, *prints* de tela, produções de esquemas, a partir das observações feitas, tanto no grupo quanto em outras ambiências virtuais, que tenham levantado questões relacionadas ao objeto empírico. Segundo Souza (2019), estas podem ser consideradas também etapas importantes da AT, considerando que, no método, “é valorizado o registro constante de ideias, insights, rascunhos e esquemas”. Na AT, a escrita é considerada parte integrante da análise, e não apenas uma redação mecânica e posterior à pesquisa” (SOUZA, 2019, p. 54).

A seleção de temas para a análise aconteceu com base em dois critérios: **constância do assunto nas falas das participantes e pré-existência da temática nas discussões sobre madrastas em produtos acadêmicos ou comunicacionais**. Alguns temas correspondiam aos dois critérios, outros a apenas um. Por fim, os temas de análise consistem em: **estereótipo da maldade; uso de figuras de linguagem com referência às madrastas; madrastas e o exercício do cuidado e rivalidade feminina e a representação das madrastas na esfera midiática**.

4 MUITO ALÉM DOS CONTOS DE FADAS: A REPRESENTAÇÃO DAS MADRASTAS NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Este capítulo propõe a análise de falas das participantes da pesquisa, somada a discussão sobre a representação da figura da madrasta em meios diversos: Dicionário de língua portuguesa, dicionários online, literatura infanto-juvenil e obras audiovisuais, bem como a busca pela ressignificação do termo em alguns desses meios.

Antes de prosseguir com foco às madrastas, lançaremos luz a algumas discussões sobre a mulher na sociedade, considerando que o ser-femino, socialmente, é cercado de estigmas. Por vezes, somos tidas como “o sexo frágil”, ou quando convém, somos vistas como fortes, a ponto de tolerarmos tudo. Em outras narrativas, o trabalho deveria se restringir ao “homem da casa”, mas ainda assim, grande parte das mulheres do nosso convívio sempre desempenhou trabalhos sem quaisquer reconhecimentos e remuneração no espaço doméstico. A mulher é tida como *o outro* (BEAUVOIR, 1980). Essas, entre outras questões, deram origem à organização feminina na luta por direitos.

Patrícia Hill Collins (2017) aponta as grandes áreas em que o movimento feminista, numa esfera global, está pautado. Primeiramente, a agenda econômica, em que inclui pobreza, oportunidades de educação, emprego, racismo ambiental e prostituição. A seguir, a autora pontua a área política, citando direito ao voto, à reuniões, viagens, cargos públicos, violações de direitos humanos contra as mulheres, incluindo estupro, entre outros. Em terceiro, Collins situa questões de família e conjugais, incluindo leis de casamento, divórcio, custódia infantil e o trabalho doméstico. Em seguida, a autora insere ainda questões de saúde, em que os direitos reprodutivos e gestação estão inclusos.

Apesar do *comum* que une as mulheres (a questão de gênero), precisamos destacar a pluralidade existente. Mulheres negras, assim como eu, lidam com questões díspares às de mulheres não-negras, se, como aponta Beauvoir (1980), as mulheres são vistas como o *outro* na sociedade, mulheres negras são *o outro do outro*, como aponta Grada Kilomba (2008). Nesse lugar subalterno também podemos destacar a presença de mulheres com deficiência, mulheres homossexuais, transgênero e, como na abordagem desta pesquisa: madrastas. De maneira geral, as mulheres lidam historicamente com estigmas, silenciamentos e estereótipos, variando de acordo ao lugar que ocupa. No caso das madrastas, os estereótipos estão desde a impossibilidade de afeto aos que nos atribuem à maldade compulsoriamente, como será discutido a seguir.

4.1 Madrastas e o estereótipo da maldade

A noção de estereótipos surge como área de interesse no campo das Ciências Sociais em meados do século XX, difundida a partir da obra *Opinião Pública*, do norte-americano Walter Lippmann, em 1922. Lippmann, através da linguagem cotidiana, faz referência às “imagens de nossa mente que medeiam nossa relação com o real. Trata-se de representações cristalizadas, de esquemas culturais preexistentes, através dos quais cada um filtra a realidade do externo” (AMOSSY; PIERROT, 2021, p. 34).

No cotidiano, lidamos com os ditos estereótipos das mais diversas maneiras. Amossy e Pierrot (2021) alertam para o fato de que os estereótipos nem sempre sinalizam traços negativos, mas, “no uso comum, entretanto, o termo estereótipo continua geralmente designando uma imagem coletiva cristalizada, considerada sob um ângulo pejorativo [...]” (p. 37). Nesse campo, os grupos historicamente postos à margem (negros, mulheres, pessoas com deficiência, indígenas, etc.), enfrentam diariamente uma maior imposição de estereótipos. No caso de mulheres-madrastas, estamos imersas em uma dupla categorização de estereótipos: aqueles forjados sobre mulheres habitualmente e aqueles construídos sobre madrastas nas mais diversas narrativas.

Segundo Chiovatto (2022, p. 10):

a dimensão social do estereótipo — aquela que disforiza ou euforiza determinados grupos em detrimento de outros — atende a certas demandas políticas, econômicas, culturais e/ou religiosas, que podem vir a sofrer mutações conforme a necessidade ou o interesse.

Nesse sentido, observa-se que diante de uma família reconstituída, uma mulher, ao ocupar o lugar de madrastra na vida de uma ou mais crianças, recebe uma série de rótulos e questionamentos acerca da sua integridade e idoneidade para conviver com os/as filhos/as provenientes de outro relacionamento. Com isso, percebe-se que, assim como em outras situações, o estereótipo negativo atende a um grupo (ou alguns grupos), em detrimento de outro(s). No caso das madrastas, os estereótipos tendem a partir do núcleo familiar “original”, a fim de tentar limar uma possível família reconstituída, a qual tem a madrastra como parte integrante. Além disso, a questão religiosa, contra o divórcio, selada pelo “até que a morte os separe”, impera sobre o novo conceito de família.

Os estereótipos, além de serem reverberados no ambiente familiar, são potencialmente difundidos em veículos de comunicação e informação. Como exemplo primário, temos os

dicionários de língua portuguesa, aqui exemplificados por versões online. No Michaelis¹⁵, madrasta, além de ser a “mulher casada em relação aos filhos que seu marido teve de casamentos anteriores”, também representa “mulher má, incapaz de revelar gestos de ternura”. Um outro significado apresentado pelo site, faz referência à suposta função adjetiva do termo: “diz-se de algo que não oferece benefícios, apenas dissabores e tristezas: *Vida madrasta*”. No Dicio¹⁶, a lógica estereotipada e ofensiva se mantém.

aquela que não é a mãe biológica do ou dos filhos de seu cônjuge” [Pejorativo] Indivíduo sem sentimentos afetuosos, sendo capaz de ações maldosas (esta acepção é usada com sentido ofensivo); [Por Extensão] O que resulta de humilhação; que não provém da bondade nem do carinho: a vida será a madrasta dos preguiçosos; Etimologia (origem da palavra *madrasta*). A palavra madrasta deriva da forma popular do latim "matrastra", que significa "mulher do pai", por alusão à "matertris", "mãe" (DICIO).

É importante salientar que ambos estão hospedados em *plataformas* online, o que, diferente de exemplares impressos, facilita a atualização constante das terminologias. Apesar de algumas mobilizações em redes sociais digitais, *sites* de notícias, *podcasts*, com o intuito de alterar os significados pejorativos da palavra em dicionários como Michaelis e Oxford, os termos permanecem do mesmo modo.

“Os dicionários precisam acabar com essa linguagem figurada – que não presta serviço algum à sociedade – além de machucar mulheres que cuidam diariamente de filhos que não nasceram de sua barriga”¹⁷. Esse é um trecho do apelo feito por Mariana Camardelli, em um abaixo-assinado online, que, até o momento (abril de 2023), reuniu 7.605 das 10.000 assinaturas necessárias para, possivelmente, a petição alcançar os veículos responsáveis.

Em uma questão do formulário, foi lançada a pergunta: “Você sente que somos mal vistas apenas por sermos madrastas”, como mostra o gráfico abaixo:

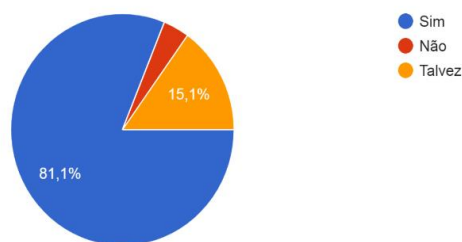
¹⁵ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/madrasta/>>. Acessado em: 20 ago. 2022.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/madrasta/>>. Acessado em 20 ago. 2022.

¹⁷ Introdução à petição de mudança de significado do termo “madrasta” em dicionários. Disponível em: <<https://www.change.org/p/madrasta-n%C3%A3o-%C3%A9-palavr%C3%A3o-muda-oxford-muda-michaelis>>. Acessado em: 28 de nov. 2022.

Figura 9: “Você sente que somos mal vistas apenas por sermos madrastas?”.

Você sente que somos mal vistas, apenas por sermos madrastas?
53 respostas



Fonte: Google Forms, 2022.

Nesse sentido, a 8ª entrevistada afirma: “*Quando você fala que é madrasta na hora já surgem os comentários de ser madrasta má. No contexto geral a sociedade já imputa isso nas pessoas, né.*” Nessa perspectiva, observemos um trecho de Amossy e Pierrot (2022):

na sociedade contemporânea, as construções imaginárias cuja adequação ao real é duvidosa, senão inexistente, são favorecidas pelos meios de comunicação, pela imprensa e pela literatura de massa. Com frequência, o público forja, pela televisão ou pela publicidade, uma ideia de um grupo nacional com o qual não tem nenhum contato. As crianças e os adolescentes tomam conhecimento de algumas realidades através das séries de televisão, das histórias em quadrinhos e também dos livros escolares. O impacto dessas representações resulta poderoso não só no caso dos grupos dos quais não se tem um conhecimento efetivo, mas também no caso daqueles com os quais se tem um contato cotidiano ou aos quais se pertence. A imagem da mulher, que foi objeto de numerosas investigações, é um exemplo deste ponto (AMOSSY; PIERROT, 2022, pp. 48-49).

Frente a isso, pensemos que nem os números de famílias reconstituídas são casos isolados em nossa sociedade, tampouco a reverberação de discursos estereotipados sobre mulheres-madrastas. Portanto, não é a ausência de “exemplos” ou “manifestações” que permite ou não a mudança de conceitos pejorativos. Retornando ao conteúdo da petição, Mariana Camardelli explica que

um em cada três casamentos termina em divórcio. Desses casais, muitos têm filhos. Quando casam novamente, padrastos e madrastas assumem papéis nas famílias. Mas porque ainda temos tanto preconceito com madrastas? Começar com má não pode ser um bom motivo, senão, madrinha também deveria ser associada a maldade. Chega desse estereótipo (MARIANA CAMARDELLI, 2022)¹⁸.

¹⁸ Idem

Para muitos, a figura da madrasta pode estar associada a vários estereótipos, que segundo a entrevistada nº 11 inclui: “*destruidora de lares, substituta da mãe, covardes com os enteados*”, semelhante a isso, a entrevistada 3 também aponta: “*acredito que madrastas levam aquela culpa de ‘vc destruiu uma família’[...] madrasta nunca foi bem vista né, até nas histórias [...]*. Ainda que muitas famílias sejam iniciadas após o término de um casamento anterior, ou seja, a madrasta não tendo culpa na separação, a ideia de que o fim da relação ocorreu em função da chegada da madrasta é bastante comum (ALVES; ARPINI, 2017).

Na primeira entrevista, ao apresentar a frase “madrasta é ameaça, padrasto é bônus”, foi provocado à participante: “como você encara essa questão?”. Segundo a entrevistada:

[...] isso aí é uma afirmação falsa, né? Porque assim, não se pode generalizar nem de um lado nem do outro, porque existem padrastos maus, e a gente, inclusive, vê muito mais notícias, de padrastos cometendo atrocidades contra enteados, inclusive chegando a matar, mais do que as madrastas, né? Madrastas também fazem isso, mas a gente vê também notícias de pais e mães fazendo esse tipo de coisa, então nem ser padrasto, nem ser madrasta, não quer dizer que a pessoa vai apresentar algum risco. Assim como ser mãe e pai, também não é um atestado de idoneidade. A maldade, ela não escolhe um grupo ou categoria (Entrevistada 1).

Em torno da fala da participante, nos foi possível fazer algumas observações. Inicialmente, acerca do incômodo expresso sobre a percepção de que aos padrastos, segundo a entrevistada, ainda que cometam erros (atrocidades) com maior frequência contra enteados, as madrastas lidam com o julgamento social em maior grau. Tal pensamento pode ser sustentado devido às noções citadas anteriormente, como no caso dos contos de fadas. Nesse sentido, Tafuri (2014) aponta que:

essas memórias e discursos sustentam a espetacularização, como acontece em torno do significante madrasta, que faz sentido porque significa/significou antes em outro lugar – mais precisamente pelos contos de fadas, como a representação do sujeito feminino imbuído de sentimentos ligados ao ciúme e à vaidade. O significante madrasta, pensado como discurso, tem características próprias em relação à história que, como historicidade, convoca a exterioridade e naturaliza as relações, de tal forma que uma relação de amizade sincera entre enteados e madrasta transforma-se em acontecimento, pois foge à regularidade, instaurando uma nova série (p. 70).

Baseado nisso, é observável que de madrastas costuma ser esperado o erro, ainda que diante de uma relação saudável com seus enteados. Diferente de relações entre famílias constituídas tradicionalmente (mãe, pai e filhos), das quais são sempre esperadas e, para a

sociedade, se tem quase uma garantia do afeto e do amor mútuo. Entretanto, como mencionado pela entrevistada, “ser mãe e pai, também não é atestado de idoneidade”, ou seja, mesmo para pais e mães biológicos há a propensão à instabilidade, falta de cuidado, amor e afeto. A respondente 48 esboça uma fala correlata à anterior:

eu vejo q mt gente resume todas madrasta a uma coisa só. como se todas as madrastas fossem ruins. como se toda mulher ruim tivesse que ser associada a madrasta, quando na verdade já vi mt mãe também ser difícil de conviver. o problema não é ser madrasta, ou ser mulher, ou ser mãe ou o que for. cada um é cada um. não somos objetos pra botarem rótulos.

A literatura infanto-juvenil, tão conhecida por seus contos que atravessam gerações, é também observada como um meio de disseminação de rótulos e estereótipos, especialmente sobre as famílias que incluem madrastas.

Acerca disso, Oliveira (2021, p. 85) pontua que:

mitos e contos de fadas são aparatos históricos e culturais, com um grande poder ideológico. De algum modo se tornaram canônicos, uma vez que nos referimos a eles como mitos clássicos ou contos de fadas clássicos, carregando o peso da eternidade, já que parecem estar conosco por séculos a fio.

Considerando que as obras literárias, apesar de serem ficcionais, têm a capacidade de influenciar na imagem de algo ou de um grupo específico, é importante ressaltar que ao apresentar narrativas que atribuem características negativas a personagens, objetos, lugares, etc., elas permitem que o público-alvo, sobretudo as crianças, internalizem estereótipos desde cedo.

Gonçalves (2017), ao realizar a análise de sete contos (Cinderela, João e Maria, Branca de Neve, Vasilisa, a Bela, Catarina Quebra-nozes e Pé de Zimbro), nota que:

a madrasta possui características marcantes. Geralmente é soberba e orgulhosa. Geniosa a ponto de sempre fazer com que o marido ceda aos seus caprichos e ordens, a madrasta quando tem filhas ou filhos é mãe zelosa dos seus, mas algoz do filho ou filha do primeiro casamento do marido. Em alguns momentos, os filhos da madrasta possuem temperamento igual ou pior ao seu, em outros são bondosos e solidários com os meio-irmãos. Em alguns contos, a madrasta, revela-se uma mãe amorosa e cuidadosa, todavia, este amor demarca o perigo da existência da filha do primeiro casamento e justifica as maldades da madrasta (GONÇALVES, 2017, p. 4).

As maneiras pelas quais as madrastas tendem a ser representadas, como as citadas pelo autor acima, extrapolam os contos e se inserem nas narrativas reais. Durante o processo coleta nos formulários, uma das participantes comenta: *“Que sejamos respeitadas, afinal não andamos por aí com maçã envenenada ou com agulhas mortais, somos mulheres, muitas vezes mães, merecemos respeito¹⁹”*. A fala da participante aciona dois contos infantis distintos: “A Bela Adormecida” e “A Branca de Neve”, ambos lançados pelos Irmãos Grimm.

Apesar das mais diversas versões ao longo dos anos, os contos carregam algumas características essenciais. “A Bela Adormecida”, a princesa (enteada) é amaldiçoada por uma fada malvada (a madrasta). A “maldição” lançada sobre a princesa é de que, ao espetar o dedo em uma roca de fiar (a agulha), a princesa morreria. A maldição é modificada por uma fada boa, que transforma a morte em um sono profundo que duraria cem anos, até que um príncipe a despertasse com um beijo. O que se cumpriu. Enquanto no conto da Branca de Neve, quando o espelho revela que a Branca de Neve é mais bonita, a rainha (madrasta) busca meios de se livrar da enteada. Acaba por oferecer à Branca de Neve uma maçã envenenada. A princesa morde a maçã e cai em um sono profundo, que só pode ser quebrado pelo amor verdadeiro. No final, um príncipe encantado a desperta com um beijo.

A fala de outra participante também evidencia a presença de estereótipos atrelados à maldade em decorrência de personagens de contos infantojuvenis. A participante 50 afirma o seguinte:

um dia minha enteada me disse que uma colega estava zombando dela na escola por ela morar com a madrasta e não com a mãe, dizendo que toda madrasta era bruxa. fiquei bem triste porque é uma criança que já ouviu tanta maldade.

O relato da participante traz à tona outro emblema da literatura infantojuvenil: a bruxa. É um personagem facilmente localizado em contos considerados clássicos, incluindo: João e Maria, Cinderela, A Pequena Sereia, A Bela Adormecida, etc. Por vezes, a figura da bruxa se associa à da madrasta, variando de história e, até mesmo, de versão. Segundo Gonçalves (1998 pp. 43-44 apud TAFURI, 2014, p. 103):

geralmente, impregnada das projeções de “seio mau”, a madrasta se confunde com a figura da bruxa. Em algumas histórias ela se transforma na bruxa, em outras possui os aspectos dela. Diante disso, a madrasta tem o mesmo significado simbólico da bruxa [...].

¹⁹ Respondente 19 do formulário.

O termo *bruxa* surge também em uma das entrevistas. A 13ª entrevistada, ao ser questionada se os estereótipos sobre madrastas já a tinham afetado, ela responde o seguinte: *“O que mais sinto no dia a dia é medo, medo de lá na frente, mesmo tendo feito o possível, meu enteado me pintar de “má”, “bruxa”, por ter reclamado com ele enquanto tentava educar [...]”*.

A participante explicita, para além do seu incômodo com o “agora”, um receio com a forma com que o enteado possa vê-la futuramente, devido à, segundo relato, atitudes comumente desempenhadas por genitores e genitoras que atuam no processo educativo dos seus filhos.

4.2 Metáforas e eufemismos

Um fator observado ao longo deste estudo foi o uso de metáforas ou eufemismos para fazer referências às madrastas. Tanto no formulário quanto nas entrevistas, além da observação em plataformas online, nota-se a persistência em tentar “aliviar” o termo socialmente deturpado.

Como mencionado acima, os significados presentes nos dicionários indicam para a presença de deturpação no termo “madrasta”. A 1ª entrevistada aponta que: *“a gente sabe que esse conceito é enraizado, quando você fala que é madrasta e o pessoal fala “ai, é boadrasta”. É como se madrasta fosse sinônimo de algo ruim, e nisso acham que o início da palavra madrasta vem da palavra má, sendo que se fosse assim, mãe também seria”*. A explanação feita pela participante aponta para questões interessantes a serem observadas. Primeiramente, o início da palavra madrasta, que constantemente é utilizado para a realização de trocadilhos, atribuindo a sílaba “ma”, à “má”, ou seja, insistindo na noção de maldade. Outro destaque a ser feito é a tentativa de “correção” do termo madrasta, quando notam que há uma boa convivência entre determinada madrasta e seus enteados. Seriam as “boadrastas”.

Logo no começo do relacionamento com meu noivo, quando também iniciava a jornada de madrasta, me recordo de ter lidado com algumas tentativas de apagamento do termo madrasta. Em uma das vezes, ao ver a minha rotina com meus enteados, uma colega de trabalho se referiu enfaticamente a mim como uma “boadrasta”, já que, segundo ela, madrasta era “um termo carregado”, e eu parecia ser “boa demais” com as crianças, pra ser chamada de “madrasta”.

No caso de “boadrasta”, uma palavra “inventada” para caracterizar mulheres que, para alguns, fogem do esperado das madrastas. Em uma busca rápida pelo termo, a sugestão de significado aponta para um texto do site leiturinha.com.br, intitulado “eu sou uma boadrasta”, no qual expressa como significado de boadrastas: “modernas, atenciosas, amigas, divertidas e carinhosas, as boadrastas são a prova de que sempre cabe mais amor na casa e no coração dos pequenos!”²⁰. Segundo Gomes e Bitencourt (2019), o novo termo não teria força suficiente para apagar a construção negativa lançada sobre “madrasta”.

A criação de tal termo, com a tentativa de substituir “madrasta”, pode sinalizar a existência de um tabu em torno da palavra e, devido a isso, se instaura o eufemismo de “boadrasta”. Segundo Orsi (2021): “vemos que os tabus podem ser substituídos por eufemismos que têm a capacidade de neutralizar uma unidade tabuística”. Atrelado a isso, trazemos a explicação de Nascimento (1977) acerca da correlação entre tabus e eufemismos:

o eufemismo está ligado ao tabu, que é tipicamente um fato social, uma interdição sobre determinado grupo humano, sujeito, portanto, ao processo evolutivo decorrente do progresso da civilização. O tabu reflete uma obediência, uma submissão à pressão social, havendo sanções ou censura para o infrator da norma vigente [...]. Evidentemente, existe uma relação de causa e efeito entre tabu e eufemismo, manifestando-se predominantemente no campo linguístico através de uma implicação mútua necessária, podendo-se, pois, determinar a existência de um pela presença do outro (p. 190).

Nesse sentido, recobramos a demarcação pejorativa em torno do termo e da figura das madrastas socialmente existente, reforçada por diversas produções e pelas narrativas presentes no cotidiano. Inclusive, utilizado em forma de metáforas, para sugerir a relação com a maldade. Marques (2020, p. 61) retoma as seguintes aplicações: “existem os provérbios como, “amor só de mãe”, “mãe só tem uma”, “quem tem mãe, tem tudo”, “madrasta e enteada sempre andam a unhada”, “madrasta, o diabo arrasta”.

Frente a isso, é possível que não sejam raras as ocasiões em que madrastas acionem termos mais brandos para fazer referência ao seu lugar. Entre as entrevistadas, duas associam a sua posição à de “tia”, a exemplo da entrevistada 3: “*eu costumo falar que sou a tia legal rs*”, enquanto a 2ª entrevistada afirma que a enteada não a via nem mesmo como namorada do pai, apenas como “a tia”. Nesse sentido, observamos que em algumas ocasiões o termo

²⁰Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/eu-sou-uma-boadrasta/#:~:text=Modernas%2C%20atenciosas%2C%20amigas%2C%20divertidas,e%20no%20cora%C3%A7%C3%A3o%20dos%20pequenos>>

deixa de ser usado, justamente para evitar o incômodo criado pelo uso deturpado com grande recorrência, inclusive para provocações entre mulheres (genitoras, madrastas e sogras).

4.3 Rivalidade Feminina

A rivalidade feminina sempre foi disseminada pela sociedade patriarcal, e é preocupante que muitos dos comentários ofensivos dirigidos às mulheres sejam proferidos por outras mulheres, de maneira explícita ou implícita (SOARES, 2020). Nos casos que envolvem madrastas, podemos observar que as situações de rivalidade entre mulheres ocorrem, inclusive, entre madrastra e enteada nas representações dos contos citados anteriormente. A disputa pela beleza, pelo espaço e pelo amor masculino ocorre como o bojo de diversas tramas. No cotidiano familiar, esse tipo de disputa pode ocorrer entre sogra e nora, madrastra e genitora e, assim como nos contos, entre madrastas e enteadas. O homem (filho, esposo, pai, ex-marido), por vezes, encontra-se como a ponte entre as conflitantes, o ponto de competição. Segundo Lovero (2018, p. 44):

Estes comportamentos são incentivados socialmente e também neutralizados, considerados naturais, como a rivalidade entre as mulheres pela atenção da parcela dominante masculina, dispensando-se justificativas que apoiem esta ideia. Sendo assim, a rivalidade, presente em relações de irmandade tanto entre mulheres como entre homens, não seria o próprio antônimo da sororidade, mas sim a disputa e a violência de uma mulher contra outra visando atingir um homem, ou provocada pelo patriarcado.

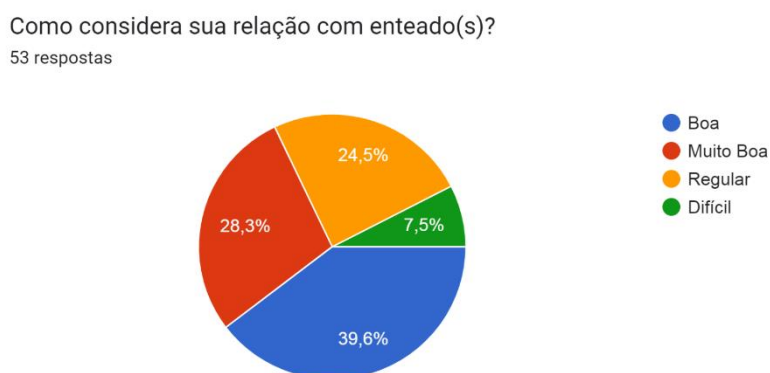
No caso de madrastas e genitoras, as tensões tendem a afetar ainda as crianças envolvidas na relação e, especialmente, a relação dessas com a madrastra. Na pesquisa “tríade madrastra-enteado-mãe: reflexões acerca da maternidade”, Dantas et al. (2018) contextualizam situações em que o comportamento das genitoras induz ao modo como os filhos lidam com a presença da madrastra, segundo as autoras:

as narrativas sugerem que os enteados, influenciados pela mãe, mudam o modo de agir com as madrastas. Alguns relatos destacam ‘a chantagem emocional’ que as mães fazem com os filhos, levando-nos a pensar no conflito de lealdade como fator que dificultaria as interações entre madrastas e enteados (DANTAS et. al., 2018. p. 69).

Assim como narrado pela autora nos achados da sua pesquisa, em meio às entrevistas realizadas para este estudo, uma das participantes afirma “*a ex do meu marido queria*

*disputar força usando o filho*²¹” Nesse exemplo, a possibilidade de manipulação por parte da genitora em relação à família reconstituída fica em evidência, assim como a fala da 3ª entrevistada: “*No começo a genitora chegou a inventar muitas coisas de mim*” Esse tipo de comportamento tende a afetar a dinâmica familiar de uma maneira geral, podendo ser resultado da rivalidade feminina, em decorrência de ciúmes, insegurança e ressentimentos. Ainda nesta perspectiva, reportamos a fala da respondente 12 do formulário: “*peço que percebi das histórias, o que mais afeta uma boa relação com os entes são as genitoras que não entendem que a criança não deixará de amá-las só pq entrou uma nova figura feminina na vida da criança*”. Nesse sentido, observa-se que a maioria das respondentes afirmam ter uma relação, no mínimo, boa com seus enteados, como mostra o gráfico abaixo:

Figura 10: Relação com os(as)enteados(as).



Fonte: Extraído do Forms da pesquisa.

Nesse caso, a fala da participante 12 dialoga com a possibilidade de os entraves estarem sendo ocasionados na relação madrasta-genitora, o que não deixa de afetar o âmbito familiar como um todo.

A entrevistada 12 aponta: “*percebo que muitas vezes é estimulada a rivalidade entre a madrasta e a mãe como se as madrastas quisessem tomar o lugar das mães. E geralmente a madrasta só tem papel de mãe quando a mesma abandona o filho*”. Essa afirmação sugere que há uma ideia equivocada de que as madrastas têm a intenção de tomar o lugar das mães, o que pode levar a situações de rivalidade entre as duas. Além disso, a entrevistada indica que as madrastas muitas vezes só assumem um papel maternal quando a mãe biológica abandona a criança, sugerindo que seu papel é considerado menos importante ou menos válido do que o da mãe biológica. Além disso, manifesta-se a ideia de que a madrasta existe como

²¹ Entrevistada 4.

“substituta”, não restando a nós um lugar digno. Nesse contexto, algumas madrastas recebem exigências sobre o seu lugar na vida das crianças, enquanto outras são excluídas, inclusive, da coparticipação, como será visto posteriormente.

4.4 “Hoje sou só a mulher do pai”: Madrastas e o exercício do cuidado

O título desta seção traz um trecho da 4ª entrevista, na qual a madrasta afirma não mais dispensar cuidado para os seus enteados, devido às dificuldades que enfrentou. Ainda que seu marido desejasse que ela “maternasse” seus filhos, a participante afirma ter optado por se recusar a “ficar doente ou refém de uma história q não é minha”. essa concepção surge segundo a entrevistada, devido aos constantes comportamentos desagradáveis praticados pelo enteado e endossados pelo pai (esposo da entrevistada). Nesse caso, a entrevistada, que também é mãe, afirma discordar da forma com que as coisas são conduzidas na criação dos enteados e, para evitar desgaste, prefere “ser apenas a mulher do pai”.

Na fala da participante acima, observa-se que a decisão de não exercer funções de autoridade e cuidado sobre os enteados surge após uma série de desassossegos ao longo do percurso, algo semelhante ao relatado pela 13ª entrevistada, a qual afirma:

Sinto que ele não me respeita, mesmo eu convivendo com ele há anos. Vejo que, se eu dou uma bronca nele, ele tem uma receptividade muito pior do que quando é meu marido que dá bronca, ou minha sogra, por exemplo. Já passei por situações bem difíceis com ele, justamente por ele não me ver como parte da família. Mesmo a mãe tendo o deixado, não mandando sequer uma mensagem para ele, ele segue nutrindo admiração pela mãe. Enquanto eu, por ser madrasta, só recebo a hostilidade dele.

Assim como nas falas acima, me deparei, ao longo dos últimos 6 anos, com um cenário de incertezas. “Posso desempenhar papel de autoridade?”, “deveria corrigir essa atitude na ausência do pai?”, “me ofereço para ajudar ou espero ser acionada?”. Além disso, a dúvida se, desempenhar papel de autoridade, chamar a atenção em caso de alguma atitude errada do enteado, iriam impedir que ele me visse positivamente, mesmo diante da minha oferta pessoal ao longo dos anos. A verdade é que: sim, as vezes em que precisei ser um pouco mais rígida significou mais do que os momentos em que, por exemplo, organizei festas de aniversário, presenteei, ensinei alguma coisa nova, entre tantas outras atividades que um pai ou mãe costumam realizar. Pais e mães não precisam escolher entre a rigidez e a afeição. Madrastas sim. Pelo menos no meu caso e em relatos que tenho visto.

Hoje, assim como a entrevistada 4, “eu sou só a mulher do pai” para o enteado tutelado por meu noivo. Após constantes tentativas de ser parte da família dele, de significar algo, decidi por não mais insistir em integrar efetivamente o percurso dele, me excluindo das funções do processo educativo e de cuidado, passando a ser papel de quem o meu enteado considera família, tendo em vista que, segundo ele, a sua família é composta pelo pai, a mãe, a irmã e o animal de estimação. Desse modo, não faria sentido insistir em ser parte. Destaco ainda que, no caso do meu enteado, a mãe não atua há, pelo menos, 5 anos. Sem visitas a maior parte do tempo, com poucos telefonemas. Em suma, a mãe, apesar da ausência, detém, para ele, o direito de assumir o lugar na sua vida, enquanto a madrasta dos últimos 6 anos, sequer, é parte da sua família.

O contexto conduz à discussão do “deslugar” em que madrastas por vezes se encontram. Segundo Thomazella (2020, p. 124), “enquanto as famílias de primeiro casamento têm seu pertencimento definido por laços sanguíneos, possuindo fronteiras explícitas, a família recasada possui uma estrutura menos definida, menos clara”. A sensação descrita pela 13ª entrevistada de que o enteado não a vê como parte da família, em sobreposição a isso permanece “nutrindo admiração pela mãe”, mesmo que ausente, permite acionar um trecho em que Marques (2020) aponta: “assim sendo, exaltar a maternidade e despejar uma carga negativa em cima da mulher que vem ocupar/auxiliar o espaço da mãe, apenas reforça a rivalidade e dualidade feminina”.

A constante ideia de que as mães, independente da ausência ou descuido, serão fonte de amor e zelo eternos, se sustentam a partir das narrativas sociais com alusão à bondade advinda de mulheres que gestaram e pariram, enquanto aquelas que cuidam na sua ausência, seja em cenários de divórcio ou óbito, estão fadadas ao desprezo.

Como mencionado nos apontamentos iniciais desta pesquisa, a participação da madrasta na vida dos seus enteados pode ser um assunto complexo e incerto, não havendo definições claras sobre quais atribuições temos, ou quais são os limites da nossa atuação. Na percepção da 2ª entrevistada, independente do que a madrasta faça, será mal vista. Segundo ela, a madrasta [...] *se faz pouco, é preguiçosa ou quer o homem só pra ela [...] se faz muito, tá sendo trouxa ou querendo tomar o papel da mãe.*

Um trecho de Thomazella pode corroborar com o entendimento da fala acima:

O papel das madrastas é permeado por grande ansiedade, e isso se deve tanto devido à inexistência de um modelo de identificação com o papel que irão exercer, como pela questão associada ao gênero feminino. É esperado dessas madrastas que elas se responsabilizem pelos cuidados parentais com

os enteados e que também efetuem todas as tarefas domésticas (THOMAZELLA, 2020, p. 130).

Esse sentimento de “grande ansiedade” mencionado pela autora é percebido por uma série de fatores, com algumas variáveis, a depender do cotidiano familiar. No caso em que as madrastas convivem efetivamente com os enteados, as demandas são distintas daquelas que veem os enteados com outra periodicidade. A 6ª respondente do formulário fez o seguinte desabafo:

a parte mais dolorosa é que no meu caso, sou completamente invisível perante meus enteados, não só por parte da genitora, mas também por várias pessoas das famílias que tem vínculo sanguíneo com as crianças. Sinto que parece que não posso sentir saudade deles, fazer coisas por eles (levar ao médico, ir em reunião escolar, buscar ou levar na escola e até sair com eles) e isso me dói, porque eu sinto amor por eles na mesma medida que amo meu marido (amores diferentes, claro, mas a proporção) porque eles são uma parte dele, simples assim. Pior ainda ter que fingir que não me machucou ser ameaçada, humilhada, xingada, julgada sem nunca ter feito nada, nem se quer uma troca de farpas com a genitora (que nunca nem se quer olhou na minha cara). Eu só consegui me sentir melhor depois que conheci as redes de apoio online, e agradeço muito por isso. Mas ainda considerando começar uma terapia porque não é fácil²².

A fala da participante deixa claro o quão pode ser difícil, por diversos meios, o percurso enquanto madrasta, com um nível de dificuldade que se cerca de insegurança, situações de humilhação e incertezas. Marques (2020, p. 64) afirma que:

todavia, embora a madrasta não tenha autorização social para amar de forma incondicional, tendo em vista que não gerou, na prática, muitas vezes, ela ama, bem como coloca para dormir, canta música, dá comida e banho, chora frustrada e de cansaço, participa do crescimento da criança, fornece subsídio emocional e financeiro [...].

Como dito anteriormente, as dificuldades podem surgir das mais diversas formas, a depender da constituição familiar. Por exemplo, a realidade exposta pela 4ª entrevistada diverge da respondente 6. Nesse caso, a 4ª entrevistada afirma: “*ele queria q eu maternasse o filho dele*”. Tal afirmativa emerge em tom de dissabor, tendo em vista que, segundo a participante, sempre esteve muito claro que o seu ideal de convivência com os enteados difere daquilo que o companheiro exigia, algo que motivou brigas entre o casal. Diante disso,

²² Extraída do formulário. Respondente 6.

discorreremos sobre mais uma questão comumente lançada sobre as madrastas: a exigência do cuidado.

Não são raros os casos em que o exercício do cuidado é imposto às madrastas. Emerge o fato de que muitas mulheres não desejam exercer o cuidado efetivamente, entretanto, a cobrança por vezes, permanece seja por parte do companheiro (namorado ou marido), da família ou quem está ao redor. Acerca disso, de Falcke e Wagner (2000) apontam:

O que acontece então é que esta contradição se expressa através de numerosos mitos relacionados às famílias reconstituídas. Entre eles, o amor instantâneo entre madrastas e enteados, bem como as idéias de que o modelo de funcionamento das famílias reconstituídas seja idêntico ao das famílias originais e de que a madrasta necessariamente será malvada ou reparadora da ausência materna são alguns mitos que ilustram a complexidade destas relações (FALCKE; WAGNER, 2000, p. 424).

O trecho sustenta a contradição existente nas famílias reconstituídas, em que a sociedade espera que a madrasta exerça o papel de mãe, mas ao mesmo tempo, há muitos mitos que a retratam de forma negativa. A ideia de amor instantâneo entre madrastas e enteados é um mito, já que a construção de laços afetivos não ocorre da noite para o dia, e é um processo que requer tempo e paciência. Somado a isso, observa-se, também, a contradição da cobrança pelo cuidado, fator que pode ser atribuído à construção em torno de gênero, de que mulheres estarão sempre prontas para o cuidado da casa e das crianças, sejam seus filhos ou não. (SCREMIN, 2020). Em apoio a essas afirmações, podemos citar o trecho de Bastos e Nogueira (2015, p. 13), que declara:

a história da mulher na sociedade é marcada por uma trajetória em que preconceito, discriminação e paternalismo se fizeram constantes. Por vários anos, a visão social da mulher foi forjada pelo poder patriarcal e sexista e, apesar dos avanços ocorridos ao longo dos anos, a mulher ainda se encontra associada às funções de mãe e dona-de-casa.

Ainda na perspectiva da atuação da madrasta no cotidiano da casa e do cuidado com os enteados, direciono a discussão para alguns casos em que os pais depositam nas suas companheiras a possibilidade de desempenho da sua paternidade. A exemplo disso, apresento trechos da entrevista de uma das participantes:

Enfim, minha função enquanto madrasta, nessa época, era sustentar a casa (coisa que eu fazia praticamente sozinha) e monitorar pra ver se ele estava

cuidando direito. Não estava. Quase todas as vezes, eu que ficava falando que era hora de comida, de banho, de brincar, de passear (tanto quanto possível). Às vezes, ele ficava tão letárgico que era eu quem ia brincar com ela, mesmo tendo que trabalhar e ele não [...] aliás, depois que eu separei do pai dela, ele praticamente parou de "pegar" [...] ele deixou de tentar parecer um bom pai [...].

Acerca disso, Alves e Arpini (2017, p. 194) observam o seguinte:

[...] a madrasta parece estar se ocupando de atribuições que deveriam ser do pai. Essa postura pode indicar que os pais (eles) estejam esperando que suas companheiras assumam o papel materno mais tradicional em relação aos seus filhos, mantendo-se assim afastados dessa responsabilidade da qual eles deveriam dar conta após a separação.

De maneira geral, as exigências impostas às mulheres-madrastas parecem se associar às exigências comumente feitas às mulheres, independente de formação familiar. Restando à figura feminina, a atribuição ao exercício do cuidado, seja da casa e/ou dos filhos, sendo seus ou não. Além disso, nos casos em que as madrastas decidem por atuar efetivamente na vida dos enteados, nota-se um baixo reconhecimento, especialmente se comparado ao reconhecimento lançado aos padrastos, o que estaria relacionado às construções patriarcais, como aponta Marques (2020)

[...] Importante ressaltar, que a sociedade machista e patriarcal também reflete na forma de olhar uma mulher que tem filho e assume um relacionamento com um homem, pois esta será considerada uma pessoa de sorte e o esse homem, um sujeito exemplar. Ainda que no cotidiano este padrasto faça o mínimo, ele poderá ser exaltado por tudo que fizer. A mãe, por outro lado, será apontada por se relacionar novamente após uma gravidez e por não ter conseguido manter o antigo relacionamento. D'outra banda, um homem com filho(s) que assume o relacionamento com uma mulher, geralmente não será questionado. Todavia, essa madrasta se encontrará sob suspeição como a pessoa que deseja assumir o papel da mãe biológica (MARQUES, 2020, pp. 63-64).

Em diálogo com a citação acima, a respondente 32 do formulário indica que: “A madrasta por mais boa q seja, sempre é a malvada da história. O padrasto por pior q seja é sempre um herói”. Por fim, a manifestação da participante agrega a problemática do estereótipo da maldade, o qual, como já citado, parece ser tão indissociável às madrastas, além da percepção de desigualdade de gênero, em que as mulheres são vistas em lugares díspares em relação aos homens que se encontram em posições semelhantes. Ainda acerca do trecho de Marques (2020) citado acima, observa-se também a noção de madrasta como

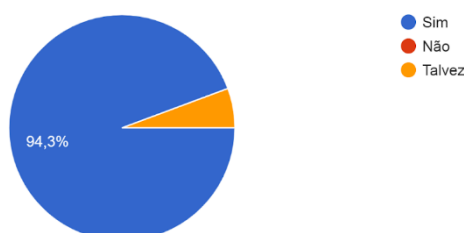
aquela que deseja apoderar-se do lugar de mãe, em detrimento daquela que gestou e pariu efetivamente, como mencionado na fala da 2ª entrevistada, apresentado no início desta seção.

4.5 Representação na esfera midiática

Ao longo deste trabalho foram mencionadas a forma como mulheres-madrastas são representadas em aparatos da comunicação e da informação. Para além dos dicionários e dos contos de fadas, existem outros meios em que a figura da madrasta surge, na grande maioria das vezes, de modo deturpado, como em filmes, séries e telenovelas, além da ficção, a forma com que os telejornais exploram casos que envolvem madrastas também desperta a atenção. Para a grande maioria das respondentes do formulário, as produções colaboram na construção do olhar da sociedade sobre a figura da madrasta, como mostra o gráfico abaixo.

Figura 11: Influência das produções na construção do olhar da sociedade.

Você acha que a forma como falam sobre madrastas nos jornais, filmes, novelas, histórias, influencia na forma como nos vêem?
53 respostas



Fonte: Google Forms, 2023.

No campo da ficção, algumas histórias mantêm a narrativa da madrasta má, enquanto outras mudam ao longo da trama. Algumas telenovelas brasileiras exibidas recentemente ainda carregam os rótulos já citados. Como exemplo, a novela *Amor Perfeito* (Rede Globo, 2023) retrata a convivência de uma madrasta (Gilda por Mariana Ximenes) com sua enteada (Maria Elisa por Camila Queiroz). Na trama, a madrasta acusa a enteada de assassinar o próprio pai, e busca tomar posse da herança da jovem.

Enquanto na série *Tapas & Beijos*, produzida e exibida entre 2011 e 2015 pela Rede Globo, apesar da taxação de destruidora de lares, a personagem Fátima (Fernanda Torres) demonstra esforço para zelar pelos enteados, diante da necessidade de convivência com seus enteados, filhos de Armane (Vladimir Britcha). Fátima sempre esboçou sua inaptidão com

atividades domésticas e com crianças, mas ainda assim, por vezes se viu cobrada para exercer tais funções.

Na mesma série, a amiga de Fátima, Suely (Andréa Beltrão), também vivencia a experiência de madrasta, porém de uma adulta - Bia (Malu Rodrigues). A situação, que no início era delicada, ao longo dos episódios se demonstrou harmônica, tendo Bia construído uma relação mais saudável com a madrasta do que com a própria mãe.

Em um estudo sobre famílias recasadas, Giovanna Thomazella analisa a produção “As coisas impossíveis do amor”, lançada em 2011, nos Estados Unidos. Segundo a autora, o filme rompe com os clichês representativos de madrastas, especialmente nos contos de fadas, retratando com proximidade do real nas famílias “mosaico”. Essa desconstrução, para Thomazella, aparece tanto na relação madrasta-enteado, como entre madrasta e genitora.

Em situações da vida real, não são raros os crimes noticiados que incluem a madrasta em alguma posição, às vezes como autora, outras vezes como cúmplice (GOMES; BITENCOURT, 2019). Alguns casos de violência de grande repercussão, o fato de a madrasta ser comumente associada à maldade, o espetáculo midiático se constrói em torno do que seria a exceção, como no caso da família Nardoni (TAFURI, 2014). É importante considerar que a violência e o crime podem ser praticados por qualquer pessoa, independente do grau de parentesco. Nesse sentido, a problemática não consiste em noticiar casos de violência que envolvam madrastas e enteados, mas sim a forma com que a narrativa se propaga, a partir do enquadramento forjado midiaticamente, de modo, por vezes, ocasiona generalizações e julgamentos precipitados, algo que muitas vezes ocorre sobre grupos historicamente estereotipados como um todo.

A partir disso, percebemos de que modo a figura da madrasta vem sendo construída e, ainda que timidamente, alguns meios possíveis para a desconstrução dos estigmas presentes socialmente. A seguir, serão apontados os meios em que esse grupo social tem se articulado virtualmente para tratar das suas indagações em meio à uma família reconstituída e os entraves encontrados ao longo do percurso.

5 MADRASTAS EM COMUNIDADE VIRTUAL

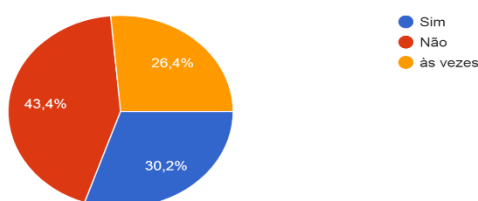
Esta seção tem por objetivo discutir a presença das madrastas no ambiente virtual, focando nos seus meios de interação e como esse processo se dá na comunidade pesquisada, associando com teóricos que discutem tanto o ser-madrasta, quanto o espaço das comunidades virtuais.

Ao ingressar num relacionamento, é comum o estranhamento a determinadas questões ou características. Quando um dos dois (ou ambos) vêm de um casamento dissolvido a experiência tende a ser ainda mais desafiadora, especialmente quando há filhos. “O recasamento inaugura uma nova etapa na vida do grupo familiar, provocando mudanças no cotidiano e nas dinâmicas relacionais no que diz respeito aos papéis, regras, fronteiras, arranjos financeiros, de moradia, entre outros aspectos” (DANTAS et al., 2018, p. 63).

Essa nova configuração pode gerar dúvidas e obstáculos, proporcionando uma busca por atenção e acolhimento, o que muitas vezes ocorre fora da célula familiar. Diante da experiência pessoal, observo as comunidades virtuais enquanto possibilidade de apoio e escuta e, a partir da pesquisa, noto que outras mulheres entram e permanecem no grupo com essa mesma finalidade. No formulário, a maioria das respondentes afirma não ter outro meio de escuta sobre suas adversidades enquanto madrasta, senão o grupo, como mostra o gráfico abaixo:

Figura 12: Outros meios de escuta.

Fora do grupo, você encontra outro meio de desabafar possíveis dificuldades sobre ser madrasta?
53 respostas

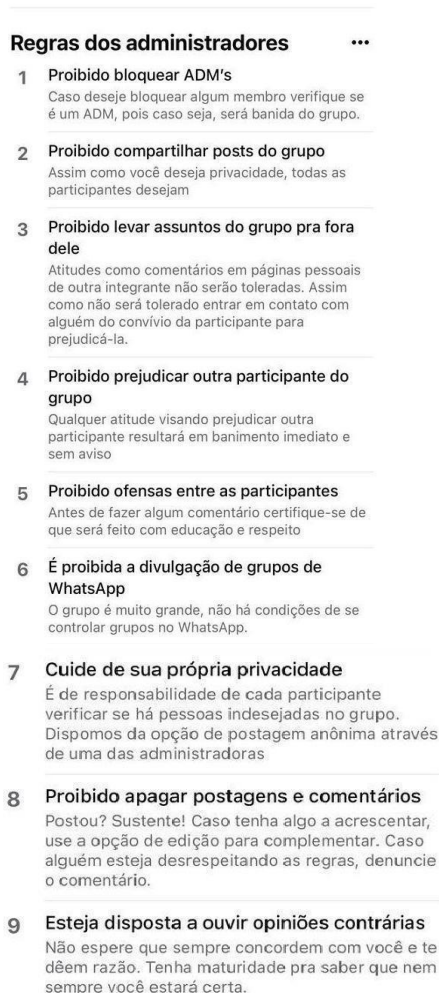


Fonte: Extraído do Forms da pesquisa, 2023.

Marshal McLuhan (1964) aponta os meios de comunicação como extensão dos indivíduos. A internet seria um suporte para que os comportamentos humanos fossem ressoados (RECUERO, 2002). Os ambientes nos quais nos relacionamos, habitualmente, possuem regras e normas, variáveis de acordo com o lugar, a fim de garantir bom convívio entre os participantes. Nas comunidades virtuais, como extensão das nossas comunidades

presenciais, isso também ocorre. No grupo aqui pesquisado, por exemplo, são 9 regras, como mostra a imagem abaixo:

Figura 13: Regras do grupo.



Fonte: Autora, 2023.

Todas as regras estão sempre disponíveis para serem visualizadas e, desde o ingresso, afirmamos concordar com cada uma. Em caso de descumprimento às normas, a participante pode ser banida a qualquer momento por uma das administradoras.

Assim como em outros espaços do *Facebook*, as participantes podem interagir umas com as outras através de *reações* e comentários nas postagens, enviar mensagens privadas no bate-papo (*messenger*), e ainda realizar suas próprias publicações. As reações ocorrem a

partir de emojis²³, exibidos na imagem abaixo, (curtida, amei, força, risos, uau, triste e raivoso) e podem ser adicionadas tanto nas publicações quanto em comentários próprios e de outras pessoas. Nos comentários, cada usuário pode se expressar através de textos, emojis, além da inserção de *links* externos e marcar outros usuários do SRS.

Figura 14: Reações no Facebook.



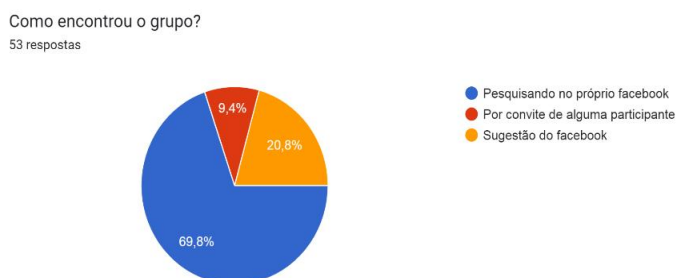
Fonte: CanalTech, 2023.

No grupo, por exemplo, uma simples reação em uma postagem ou comentário já é capaz de sinalizar apoio ou “deboche” com a publicação ou comentário de outra madrastra.

Outro fator importante a ser destacado é que, antes de ingressar no grupo, todas as interessadas respondem uma espécie de questionário, a fim de atestar sua função de madrastra e seu interesse real em fazer parte de uma comunidade desse gênero. A partir disso, é enviada a solicitação de ingresso, para que pelo menos uma administradora aprove.

Sobre o ingresso no grupo, a maioria das respondentes afirma ter localizado o grupo através da própria busca (sem sugestão da plataforma ou indicação de alguém), como mostra o gráfico abaixo:

Figura 15: Como encontrou o grupo?



Fonte: extraído do Forms da pesquisa, 2023.

Baseado nisso, observa-se que, devido a alguma situação ou demanda subjetiva, a comunidade virtual foi considerada espontaneamente por mais de 60% das respondentes

²³ Emojis são caracteres gráficos usados em mensagens eletrônicas e em mídias sociais para expressar emoções, sentimentos ou ideias.

como uma possibilidade, fosse de interação, escuta, partilha, conhecimento de novas histórias semelhantes, etc.

A grande maioria das respondentes afirma conviver com os enteados, como mostra o gráfico abaixo:

Figura 16: Convivência com os enteados.



Fonte: Extraído do Forms da pesquisa, 2023.

Esse fator talvez corrobore com a justificativa de busca pelo grupo, considerando que a convivência com os enteados põe à prova uma série de questões, pois insere não apenas os filhos do companheiro, mas também o contexto familiar, as mudanças de rotina, a presença da genitora, entre outras. Como no meu caso, que busquei o grupo quando passei a conviver não mais apenas com um, mas os dois enteados simultaneamente, gerando uma série de novidades para a minha realidade.

Acerca da quantidade de grupos com essa temática, a maioria das participantes afirma participar de outros, além do pesquisado, como mostra o gráfico a seguir.

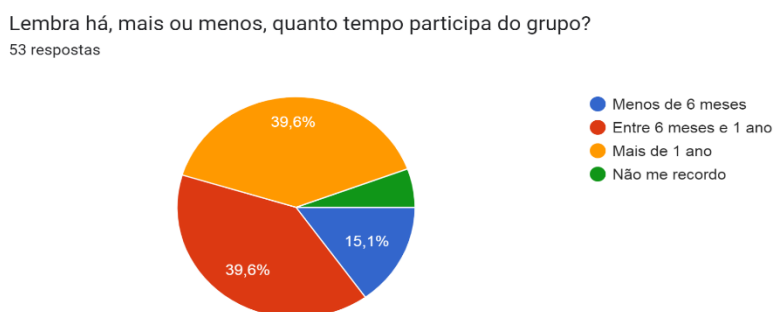
Figura 17: Participação em outros grupos.



Fonte: Extraído do Forms da Pesquisa, 2023.

Na questão sobre o tempo que fazem parte do grupo, a quantidade de madrastas que estão há, pelo menos, 6 meses é a mesma que aquelas que afirmam ter estar há mais de 1 ano, observe no gráfico abaixo:

Figura 18: Tempo no grupo.



Fonte: Extraído do Forms da pesquisa, 2023.

No que diz respeito ao sentimento em fazer parte do grupo, com respostas abertas, de modo geral, há o indicativo de acolhimento, de amparo na fala de diversas participantes. A exemplo disso, a 7ª entrevistada atesta que: *“o grupo de madrastas foi o único lugar onde me senti totalmente acolhida, pois só uma madrasta entende a outra. Pessoas de fora não conseguem entender o quanto a situação é complexa. Me sinto muito bem no grupo.”* Enquanto a entrevista 8: *“Olha qd eu me vi madrasta eu travei, eu tive muito medo de absolutamente tudo que poderia vir. Então busquei o grupo para trocar figurinhas e ver que eu não estava sozinha nessa situação, que no início achei que seria uma tragédia”.*

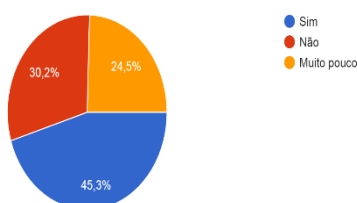
Como já citado, na perspectiva de Martino (2014) as comunidades virtuais são muito mais motivadas pelos afetos e pelas partilhas do que pela tecnologia em si. Observou-se ao longo da análise do formulário e das entrevistas que identificar-se com as histórias de outras madrastas motivou a permanência no grupo. Segundo a respondente 16 *“me ajuda a perceber que não acontece só comigo. Que isso já é de sempre e com todas infelizmente. É bom saber que não estou sozinha”.*

O grupo, pela respondente 39, é caracterizado como *“um local de desabafo e aconselhamento”*. No formulário divulgado no grupo pesquisado, o campo sobre a motivação para o ingresso no grupo era de livre resposta, porém, resumidamente, a grande maioria indica: a busca de apoio, o compartilhamento de relatos, necessidade de desabafo, além de saber como outras mulheres lidam com situações semelhantes.

A respondente 24 aponta que: “*estar em grupos assim, faz com que me sinta acolhida, porque por vezes me sinto só, não sinto vontade de desabafar com outras pessoas para q não me interpretem errado. É meio complexo definir o que é ser madrasta. Mas seguimos*”, outra participante afirma que: “*tem coisas que nunca consigo falar com minha família nem com meu marido sobre as dificuldades de ser madrasta, eles não entende, as meninas sim me entende*”²⁴. Esse sentimento de acolhida expresso nas falas acima, pode ser associado ao que Rheingold (1993) discute ao referir-se às funções das comunidades virtuais, em que o autor indica que algumas pessoas utilizam o espaço como uma espécie de “psicoterapia”. A impossibilidade de partilha com os familiares sobre a vivência de madrasta não parece ser uma realidade apenas dessa participante, um número considerável de respondentes do formulário afirma não obter apoio, enquanto outra parte indica receber muito pouco apoio de familiares quando o assunto envolve o seu percurso enquanto madrasta, como indica o gráfico a seguir.

Figura 19: Apoio da família.

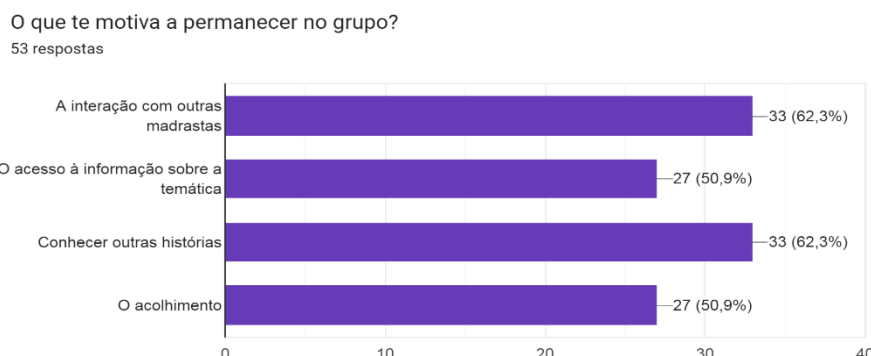
Você se sente apoiada por sua família, sobre as situações relacionadas a você e seu(s) enteado(s)?
53 respostas



Fonte: Pesquisa no Forms, 2023.

Acerca da permanência na comunidade, a maioria indica para “interação com outras madrastas” e o fato de “conhecer outras histórias” como motivações principais. O “acolhimento” e o “acesso à informação sobre a temática” aparecem em segundo plano, como mostra o gráfico abaixo:

²⁴ Respondente 47 do Formulário.

Figura 20: Motivação de permanência no grupo.

Fonte: Gráfico extraído do Forms da Pesquisa, 2023.

As participantes tinham a opção de múltipla escolha nas alternativas acima, podendo selecionar as quatro, entretanto as mesmas que sinalizaram “a interação com outras madrastras” escolheram também “conhecer outras histórias”. Provável que para estas, a busca por informação sobre algo relacionado à temática não seja sua prioridade dentro da comunidade, talvez por não precisar ou por não ter obtido êxito quando buscou. Enquanto ao quesito “acolhimento”, é possível que dentre as respondentes estejam algumas das participantes que relatam dissabores dentro da comunidade, como a entrevistada 3: “[...] mesmo sendo pessoas iguais a mim, vejo muita maldade sabe? de pessoas te julgando, ou pedindo pra desistir..., mas as vezes ajuda bastante em saber como me impor”.

Como exemplo, relato uma das minhas publicações no grupo. Ao me deparar com a minha ausência no retrato familiar do meu enteado, mencionada na seção 3.4, tive um misto de sentimentos, não tendo com quem partilhar. Tristeza, frustração, dúvidas foram algumas das sensações com as quais lidei ao saber de tal fato. Decidi por realizar uma postagem, descrevendo a situação, mas no grupo, o misto de sentimentos se repetiu. A publicação teve pouco mais de 30 comentários. Uma grande parte das mulheres indicou como “imaturidade”, “infantilidade ou “imbecilidade”, por meu relato indicar indignação com a demonstração do meu enteado. Em alguns comentários me senti verdadeiramente ofendida. Enquanto em outros, obtive apoio, quando algumas madrastras relataram situações semelhantes, me desejaram “força” para lidar. Teve ainda uma delas que assimilou a minha vivência à “ingratidão” que nós, madrastras estaríamos fadadas a lidar. As reações na publicação variaram entre “risos” e “força”. Algumas mulheres responderam os comentários umas das outras, discordando ou concordando com o posicionamento descrito.

A 9ª entrevistada relata: “[...] vi muita intolerância de mulheres que não aceitam outra ideia que não sejam as delas... me sinto acoada, com medo de me expressar.”, enquanto a 6ª entrevistada, em um trecho aponta que: “eu interajo, desabafo, sou acolhida e de vez em quando aparece umas pra julgar, mas nada muito grave”. Os trechos evidenciam dois fatores: interligados a quebra de regra e conflitos. Duas das 9 regras do grupo primam diretamente pelo respeito entre as participantes: “4: proibido prejudicar outra participante” e “5: proibido ofensas entre as participantes”. Os conflitos decorrem da quebra das regras, como aborda Recuero (2002, p. 68):

os conflitos no ciberespaço são, muitas vezes, tão reais para as pessoas que participam deles como os conflitos na vida offline. E o conflito torna-se importante na medida em que regras e elementos de controle social são criados para evitá-los e na medida em que se relacionam diretamente com questões de poder [...]. Enquanto existem regras para manter a comunidade em harmonia, existem também a quebra dessas regras, gerando o conflito.

O contato com outras narrativas nessa comunidade, que apesar de funcionar a partir de ideias em comum, não deixa de ser conflituoso, no entanto, o conflito não é sem importância para a própria construção do ser madrastra. A partir dos conflitos, também é possível às participantes repensar e construir novas narrativas e reedificar as experiências pessoais enquanto ser madrastra. O ser-com, nessas comunidades compartilham de referências e modos de ser que favorecem a própria (re)existência a partir do outro.

Além disso, é importante destacar que as situações descritas acima extrapolam o contexto das comunidades virtuais, considerando que no ambiente virtual, costumamos reproduzir comportamentos realizados no *offline*, como aponta a 13ª entrevistada:

Olha, eu procurava apoio, algumas meninas me apoiaram, outras nem tanto. Infelizmente, nem sempre a gente vê só apoio. No início eu questionava "Porque tem gente aqui sendo assim, não dando apoio". Depois fui vendo que lá é só mais um espaço social, né? e às vezes nem a família apoia, imagina fora da família. O grupo tem gente de todo jeito. Gente com filho, gente sem filhos (como eu). Gente de todos os estados e regiões do país. Então, é inevitável a divergência de pensamentos.

Por fim, consideramos importante destacar o quesito da desterritorialização apontado por Lévy (1999). Grupos, como este analisado, permitem a interação de indivíduos de lugares distintos, com experiências diversas. Sendo esta uma possibilidade talvez não existente, senão pelos Sites de Redes Sociais ou outras plataformas digitais.

Ao longo do percurso, além das observações no grupo, também interagi. Fosse por meio de comentários ou publicações próprias. Em alguns momentos para tirar dúvidas, compartilhar situações pessoais ou publicar algo sobre madrasta que eu tivesse visto em outras redes. Em diversos momentos me senti acuada, assim como uma das participantes sinalizou. Senti de perto a intolerância diante da manifestação de posicionamentos divergentes sobre educação de enteados, forma de lidar com a genitora, entre outras questões. Por vezes silencieei diante manifestações ofensivas, outras retruquei. Mas, para além dessas situações dolorosas e frustrantes, obtive apoio das mais diversas formas. Eu já busquei o grupo para as finalidades distintas que, mesmo envolvendo o meu lugar de madrasta, não diziam respeito apenas à criação em si, mas para partilhar situações legais da minha vivência, assim como tirar dúvidas sobre situações como “alguma de vocês já foi impedida de viajar com os enteados? Porque eu fui barrada por não ser “nada deles”. E aí vi, entre tantas outras vezes, que eu não estava só, e o quanto a cena se repete para tantas de nós. A minha intenção era citar essas minhas interações a partir de capturas de tela, mas aproveitei para registrar que termino essa pesquisa sem ter acesso ao grupo nem quaisquer outras áreas do *Facebook*. Tive a conta deletada inesperadamente já nos momentos finais da escrita, mas que desestabilizou muito do que eu havia planejado. Entretanto, o que já estava encaminhado e o que eu tinha salvo, além da colaboração de uma das administradoras (que também concedeu entrevista), garantiu a finalização da pesquisa.

No diário de campo, a partir de anotações feitas a partir de observação das publicações do grupo, percebi a recorrência de publicações com relatos pessoais, as quais obtinham interações entre outras participantes. A quantidade de interação variou entre as publicações. Os comentários das outras participantes costumavam consistir em conselhos baseados em próprias experiências. Em uma publicação de 01 de abril de 2022, por exemplo, foi feito o total de 31 comentários, com 13 reações (entre *força* e *curtida*). A publicação consistia no relato de uma madrasta que afirma ter se dedicado ao enteado por mais de 7 anos e, ainda assim, precisou lidar com o desrespeito provocado pelo adolescente, situação que a levou a pedir ajuda no grupo, pois afirmava estar sem rumo. Nos comentários, as outras madrastras manifestaram apoio, algumas relataram casos semelhantes. Uma delas afirma que, a partir do que via no grupo, aprendeu a se “blindar” e recomendou o mesmo à participante anônima. Outro relato, de 04 de agosto de 2022, contou com 43 comentários e 12 *curtidas*, ao descrever situações envolvendo genitora, sogra, enteado e a madrasta. Assim como no relato

anterior, nos comentários, outras madrastras relataram situações parecidas e indicaram como proceder.

A maioria das publicações observadas foi feita através do recurso “anônimo”. Isso ocorre, muito provavelmente diante de situações como àquelas descritas por algumas participantes, em que há um certo receio em compartilhar determinadas experiências, conforme o julgamento recebido, portanto, sem revelar a identidade, existe um pouco mais de liberdade em falar sobre suas questões. Apesar de o anonimato não ser total, pois antes de aprovar a publicação, a administradora tem acesso à identidade da participante, as demais participantes não veem o perfil que fez a publicação, o mecanismo pode auxiliar mulheres que preferem sua identidade restrita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da execução deste trabalho foi possível revisitar uma série de conceitos, os quais são caros aos estudos da comunicação, área de interesse desta pesquisa. De modo particular, as discussões sobre ciberespaço e comunidades virtuais. Ressalto a noção das comunidades virtuais como extensão das comunidades em que estamos imersos no dia a dia, *offline* e, portanto, são formadas de maneira plural e nem sempre nos oferecem apenas conforto e apoio, como apontado pelas participantes da pesquisa.

Além disso, a comunidade é, também, um espaço de disputa em que constantemente as participantes buscam por vez, voz e razão. Observou-se que muitas participantes prezam por impor a conduta que considera eficaz, em detrimento daquela citada por outras participantes em situação semelhante, além do fato de que algumas participantes identificam a função de madrastra de forma discrepante àquela narrada por outras, de modo que algumas percebem que podemos desempenhar mais funções, ao contrário de outras. Eis mais um meio conflitante. Muitas vezes, tais discordâncias são expressas por comentários escritos ou através de reações ou emojis inseridos numa postagem ou comentário de outra participante, como com ícones de risos, por exemplo.

No campo metodológico, ressalto a preciosidade da transmetodologia para os estudos comunicacionais. Afinal, a Comunicação é uma área que versa por tantas outras e então, não pode estar restrita metodologicamente. Atuar com a transmetodologia me permitiu experimentar a pesquisa de uma forma ampla e diversa, primando pelas minhas subjetividades, respeitando o espaço teórico. Especialmente, ao assimilar à netnografia e à autonetnografia, as quais por si só já permitem um olhar vasto sobre a empiria.

Acerca dos estereótipos, de modo geral, destaco para a importância em desconstruir aqueles que, por serem negativos, desfavorecem os grupos aos quais são aplicados. Nos achados da pesquisa, algumas madrastras apontam relação direta entre os estereótipos e sua dificuldade em “madrastar”, exemplificando situações em que o tom pejorativo foi aplicado. Para outras madrastras, apesar de não ter visto diretamente a aplicação de rótulos, percebe que sua rotina enquanto madrastra é ditada pelas interdições comuns a outras madrastras, em decorrência da atribuição à maldade, falta de afeto, etc., algo que interfere tanto nas relações com a genitora, quanto com a sogra e enteados.

No que diz respeito à figura das madrastras no campo midiático, apesar do quantitativo de deturpação ainda ser expressivo, é importante lançar luz às ações de desconstrução dos

rótulos, sejam através de petições, reformulações em dicionários, mobilizações em páginas de redes sociais, produções audiovisuais, podcasts, entre outras que, independente do alcance, acionam novos meios de tratar sobre esse grupo.

Nas releituras dos contos infantojuvenis, temos acompanhado algumas tentativas de reparação, especialmente em versões audiovisuais. Apesar de tímidas, são atitudes importantes para a desconstrução dos estereótipos. A fim de evitar estigmas e proporcionar uma visão equilibrada e realista das relações familiares, é fundamental que as narrativas infantis, ao abordarem o tema, sejam de maneira cuidadosa e atenta à complexidade desse assunto.

Salientamos ainda a existência de outras comunidades virtuais, com outras dinâmicas, hospedadas, inclusive, em outras plataformas. Grupos, como este analisado, são importantes para a articulação entre as madrastas. Nesse aspecto, ficou claro que o ingresso e permanência no grupo tem ligação direta com a busca por apoio e suporte, em grande parte das situações não encontradas no âmbito familiar. Para a maioria das participantes, o grupo parece ter colaborado com a reelaboração da sua visão enquanto madrasta, além ajudar a sanar dúvidas no que diz respeito a direitos e deveres do âmbito familiar, bem como a buscar meios de como melhorar o convívio com os enteados.

Para mim, o contexto da comunidade, durante o tempo em que fiz parte, preencheu uma lacuna que, não propositalmente, os que estão ao meu redor não conseguiam preencher. Assimilo a isso a presença, quase que total, de famílias “tradicionais” no meu ciclo familiar e de amizade e, portanto, a realidade de “madrasta” se faz inédita nesse contexto. Habitualmente, é almejado que uma família comece “do zero”, portanto, os conselhos sobre convivência quase sempre serão direcionados à inexistência de vínculos preexistentes pelo seu companheiro ou companheira.

No caso de páginas abertas, estejam no *Facebook*, *Instagram* ou em outros SRS, ajudam a promover discussões que envolvem para além da comunidade de madrastas, alcançando a sociedade de uma maneira mais ampla, colaborando assim para a desconstrução de estereótipos. As comunidades virtuais atualizam e realizam características desejadas do viver em comunidade. A diluição das fronteiras espaço-temporais favorece a aproximação de pessoas em torno de ideias comuns, o que talvez pudesse ser mais difícil com a limitação espacial. Em suma, redes sociais emergem como ferramentas facilitadoras da comunicação e expressão de minorias (LACERDA, 2018).

Por fim, considero fundamental ressaltar a pluralidade dos seres. Fazer parte de um grupo não nos resume a tal. Somos plurais, cada uma com sua singularidade. Para além disso, cada família, independente da configuração, funciona de um modo. Há sempre uma dualidade, ou até uma multiplicidade nos indivíduos, independente da função ou espaço que ocupem.

Observou-se como a vivência das madrastas participantes da pesquisa tem sido afetada pelo grupo, de modo que este espaço favorece a observação das participantes sobre como agir (ou não) em determinadas situações, tirando dúvidas sobre determinados assuntos legais no campo familiar, além de perceber opinar e receber opiniões por parte de outras participantes. A possibilidade de conhecer outras histórias e a interação com outras madrastas são os fatores predominantes para a permanência das respondentes da pesquisa no grupo. Observou-se como fatores em comum que a maioria das participantes da pesquisa é oriunda da região sudeste do país, a média de enteados é 2, e a maioria tem pelo menos um filho.

Indico ainda a necessidade de pesquisas futuras, seja no campo virtual ou *offline*, explorarem o contexto de madrastas nas mais diversas condições sociais, regiões do país e etnias, de modo que complemente as possíveis lacunas deixadas nesta produção. Ressalto ainda que todas as participações foram espontâneas, portanto, aqui não fizemos recortes para nenhum dos quesitos acima.

Já na fase final desta pesquisa, houve uma alteração quanto ao mecanismo de buscas Google e o termo *madrasta*. Antes, ao buscarmos pelo termo, imediatamente surgia o significado junto ao termo pejorativo. Atualmente, apesar do sentido pejorativo se manter, o site exibe um “alerta” para tal menção. Reconheço a importância da singela mudança, entretanto, ainda é mínima, perto do poder que este mecanismo exerce. Como dito ao longo do trabalho, ao buscar por *padrasto* existe apenas o significado, sem nenhuma menção pejorativa. Tal questão se faz ainda sintomática, diante das questões de gênero impostas socialmente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renata Cardoso de; MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 94-103, 2020.
- ALVES, Amanda Pansard. **Quem é a nova companheira do pai?** a experiência das “madrastas contemporâneas” em famílias recasadas. 167 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2015.
- ALVES, Amanda Pansard; ARPINI, Dorian Mônica. O recasamento: o papel da madrasta e sua relação com os enteados. **Contextos Clínicos**, v. 10, n. 2, p. 185-196, 2017.
- AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online. O papel do pesquisador-insider nas subculturas da web. **In: Anais do GT Comunicação e Sociabilidade do XVII Encontro Anual da Compós**. São Paulo, v. 15, p. 042008, 2008.
- AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2022.
- BARBOSA, Marcos Antônio de Souza; SILVA, Manuela Ramos da; NUNES, Martha Suzana Cabral. **Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática**. 2017. Disponível em: <<http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7085>>. Acesso em 20 de abr. 2023.
- BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Dimensões**, n. 36, p. 12-30, 2016
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar, 2003.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 15, n. 37, p. 121-127, 2008.
- BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CANOVA, Jeferson Luciano. **Em nome dos pais: a multiparentalidade nas famílias recompostas como efeito da parentalidade socioafetiva**. 2011. 200f. Dissertação (Mestrado em Direito Público e Evolução Social), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2011.

CHIOVATTO, Ana Carolina Lazzari. **A consolidação do estereótipo da bruxa e sua resignificação na contemporaneidade:** nuances de uma alteridade disforizada. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos pagu**, 2017.

COPPOLA, Heloisa De Lucca Nobre. **(Con)Vivendo com mães e madrastas:** o encontro de papéis sob a percepção do filho(a). 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

COTTA, Maria Amélia de Castro. **Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm:** um estudo sobre imagens e relações. 2011. 240 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

DANTAS, Cristina Ribeiro. **Conjugalidade e parentalidade no recasamento:** narrativas das madrastas. 103 f. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

DANTAS, Cristina Ribeiro et al. Tríade madrasta-enteado-mãe: reflexões acerca da maternidade. **Psico**, Porto Alegre, 2018.

ESPOSITO, Roberto; NANCY, Jean-Luc. **Communitas:** origen y destino de la comunidad. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003.

EVANS, Leighon. Authenticity Online: using webnography to address phenomenological concerns. In: MOUSOUTZANIS, A.; RIHA, D. (orgs.). **New Media and the Politics of Online Communities**. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2010.

FALCKE, Denise. **Mães e madrastas:** Mitos sociais e autoconceito. 1998. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 5, p. 421-441, 2000.

FELHAUER, Rosane. **O Direito Frente às Famílias Reconstituídas:** a construção dos vínculos em busca da definição de papéis, direitos e deveres por padrastos/madrastras e enteados. 2001. 272 f. Dissertação (Mestrado em Direito), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2001.

FERREIRA, Barbara Cabral. **Dilma:** mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que categorizam a presidente em charges. 2015. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FISCHER, Sandra. Pai e filha, não por acaso: cotidiano, lugar e deslugar. Significação: **revista de cultura audiovisual**, v. 37, n. 34, p. 141-153, 2010.

FRAGOSO, Suely; REQUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Sulina: Meridional, 2011.

GIACOMINI, Paulo Roberto. **Constelações sociais no ciberespaço positHIVo**: as comunidades virtuais como espaços de promoção da saúde das pessoas que vivem com HIV/AIDS. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2011.

GODOI, Rodrigo de; ROSA, Ana Paula da. Mais que um grupo de Facebook: Experimentações sociais e lógicas específicas de mídiatização no LDRV. **E-Compós**, 2021.

GOMES, Stefania Ariadna. BITENCOURT, Daiane de Oliveira Rodrigues. O lado sombrio do termo "MADRASTA": O funcionamento da memória discursiva. **Revista do Sell**, v. 8, n. 1, p. 146-163, 2019.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. Entre desafiadora e má: Uma análise das representações simbólicas das madrastas em contos de fadas. **EDIPUCRS**, v. 2. Porto Alegre, 2017.

GRISARD FILHO, Waldyr. **Famílias reconstituídas (nova forma de conjugalidade e de parentalidade)**. 2002. 194f. Tese (Doutorado em Direito das Relações Sociais), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOZINETS, Robert; HANDELMAN, Jay. **Ensouling consumption**: A netnographic exploration of the meaning of boycotting behavior. *ACR North American Advances*, 1998.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: a arma secreta dos profissionais de marketing: Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação. 2010. Disponível em: <http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

_____. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. São Paulo: Penso, 2014.

LACERDA, Carlos Vinicius Pereira. **Processos de subjetivação em comunidades virtuais**: uma análise netnográfica do grupo LGBT Brasil. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LEMOS, André. Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. **Logos**, v. 4, n. 1, p. 15-19, 1997.

_____. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. *in* Lemos, André; Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

LOVERSO, Ligia de Moraes. **Relação entre as mulheres na Disney: uma análise junguiana sobre o filme Malévola**. 2018. 61 f. TCC (Bacharelado em Psicologia), PUC – São Paulo, São Paulo, 2018.

LUZ, Paulo Júnior Melo da. Interpretações sobre gênero na recepção da série Queen of the South. In: MORALES, Yvets; SOUSA, Leila; LAPA, Bruna. **Experiências metodológicas em pesquisas da comunicação**. 1. ed. São Luis/MA: EDUFMA, 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural**. Intexto, p. 713-727, 2015.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARQUES, Iana Braga. **O papel das madrastas nas relações familiares**. 2020. 193 f. TCC (Bacharelado em Direito), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. **Revista Contracampo**, n. 26, p. 126-145, 2013.

MARTINS, Fernanda Hellmeister de Oliveira. **Fazer-comum: perspectivas de resistências e [re]existências em práticas de produção coletivas**. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Estado e Sociedade, do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais), Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, Bahia, 2021.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Ed. Cultrix, São Paulo, 1964.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019.

NASCIMENTO, Braulio do. Eufemismo e criação poética no romanceiro tradicional. **Ciência & Trópico**, v. 5, n. 2, 1977.

OLIVEIRA, Lívia Maria de. **Negociando a narrativa da madrasta: novas perspectivas para a vilã dos contos de fadas**. 2021. 245 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

ORSI, Vivian. Unidades léxicas tabus nos dicionários on-line Michaelis, Aulete e Priberam. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 52, n. 1, p. 257–274, 2021.

PIRES, Julherme José; MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia como vertente crítica na América Latina. In: CAOVIOLA, Maria Aparecida Lucca; FAGUNDES, Lucas Machado. **Temas sobre Constitucionalismo, Interculturalidade e Pluralismo Jurídico na América Latina**. São Leopoldo – RS: Karywa, 2016.

PEREIRA, Raquel Ladeira. **Bruxa, fada má e madrasta: análise das antagonistas femininas nos contos de fadas**. 165 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande – RS, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: Estética e Política**. 2. ed. rev. São Paulo: Exo Experimental, 2009.

REBS, Rebeca Recuero. Em busca do território virtual de origem: dos espaços concretos para os lugares virtuais. **III Simpósio Nacional ABCiber**, 2009.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais no IRC: o caso do #Pelotas**. Um estudo sobre a Comunicação Mediada por Computador e a estruturação de comunidades virtuais. 165f. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____ Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa? **Medium**, 9 jul. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

RHEINGOLD, Howard. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa, 1998.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **ECompós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, [s. l.], v. 4, 2005.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A Análise Temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 16, p. e8574, abr. 2021.

RIBEIRO, Rosa Maria. **Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados**. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Leise Taveira dos. **Narrativas jornalísticas e construção da realidade: O caso Isabella no "tribunal" da mídia**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Caroline Guimarães. **Maternidade, cultura e redes sociais: análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no Instagram**. 2021. 65 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2021.

SILVA, Cátia Cândido da; BORGES, Fabrícia Teixeira. Análise Temática Dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 245-267, 2017.

SOARES, Laura Cristina Eiras Coelho. **Padrastos e madrasas: construindo seus lugares nas famílias recasadas**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Maristela da Silva. Nós por nós mesmas. **Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, v. 6, p. 331-355, 2020.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, v. 32, 2021.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Editora Vozes Limitada, 2014.

SCREMIN, Ana Luiza Xavier et al. **Funções parentais desempenhada por madrastas e a coparentalidade do novo casal**. 128 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2020.

TAFARELO, Cláudia Siqueira César. **Análise crítica entre etnografia e netnografia**: métodos de pesquisa empírica. Artigo apresentado, n. 9, p. 1-11, 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/C1%C3%A1ludia-SiqueiraC%C3%A9sar-Tafarelo.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. 2022

TAFURI, Leandro. **Discurso, violência e espetacularização da notícia**: efeitos de sentido em torno da madrasta. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Inglês e Literatura Correspondente) - UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, 2014.

THOMAZELLA, Giovanna Lima. As coisas impossíveis do amor: reflexões acerca das relações estabelecidas entre madrastas e enteados. In: OKAMOTO, Mary Toko; MAIA, Bruna Bartolozzi. **Leituras sobre a sexualidade em filmes**: psicanálise e vínculos. 2020.

WATARAI, Felipe. **Filhos, pais, padrastos**: relações domésticas em famílias recompostas das camadas populares. 2010. 147 f. Tese (Doutorado em Ciências), USP, Ribeirão Preto, 2010.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

APÊNDICES

Apêndice 1: Perguntas do formulário.

Participação: Grupo de madrastas

Olá, meninas, como estão?

Estou desenvolvendo uma pesquisa para o mestrado em Comunicação, que propõe discutir um pouco sobre este nosso espaço. Parto da percepção de que esta é uma comunidade, na qual podemos acolher umas às outras.

Caso possam, peço que respondam a este questionário, para fins acadêmicos.

Os dados de vocês não serão divulgados, e a pesquisa segue todos os critérios éticos de pesquisa.

As adms já estão cientes do meu interesse em pesquisar.

Caso alguém tenha dúvida ou interesse em colaborar também a partir de uma entrevista, pode me chamar no bate-papo.

Abraços,
fiquem bem!

Como encontrou o grupo?

- Pesquisando no próprio facebook
- Por convite de alguma participante
- Sugestão do facebook
- Outra opção...

O que te motivou a entrar no grupo?

(*exemplo: buscar apoio, interagir com outras madrastas, conhecer outras histórias, buscar informações, etc.*)

Texto de resposta longa

Participa de mais algum grupo de madrastas?

Sim

Não

Lembra há, mais ou menos, quanto tempo participa do grupo?

Menos de 6 meses

Entre 6 meses e 1 ano

Mais de 1 ano

Não me recordo

Você convive com seu(s) enteado(s)?

Sim

Não

Há quanto tempo é madrasta?

No caso de não estar mais na condição de madrasta, sinalizar por quanto tempo foi madrasta.

Menos de 1 ano

Entre 1 e 5 anos

Entre 5 e 10 anos

Mais de 10 anos

Você tem quantos(as) enteados(as)?

- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais
-

Você sente que somos mal vistas, apenas por sermos madrastas?

- Sim
- Não
- Talvez
-

Fora do grupo, você encontra outro meio de desabafar possíveis dificuldades sobre ser madrasta?
Com amigos(as), pessoas da família, companheiro(a), etc.

- Sim
- Não
- às vezes
-

Você se sente apoiada por sua família, sobre as situações relacionadas a você e seu(s) enteado(s)?

- Sim
- Não
- Muito pouco
-

Como considera sua relação com enteado(s)?

- Boa
- Muito Boa
- Regular
- Difícil



Você acha que a forma como falam sobre madrastas nos jornais, filmes, novelas, histórias, influencia na forma como nos vêem?

- Sim
- Não
- Talvez

De qual região do país você é?

- Nordeste
- Norte
- Sul
- Sudeste
- Centro-Oeste



Qual sua idade?

Texto de resposta curta

Tem filhos(as)?

Sejam adotivos ou biológicos, neste caso, não inclui enteados

Sim

Não

Seu nome (Caso se sinta à vontade em incluir)

Texto de resposta curta

contato (caso deseje participar da entrevista)

Texto de resposta curta

Caso deseje, escreva algo livremente!

Texto de resposta longa

Apêndice 2: Respostas do formulário para “Como se sente fazendo parte do grupo?”

RESPOSTA	FREQUÊNCIA DA RESPOSTA	PARTICIPANTES
<i>ACOLHIDA</i>	4 vezes	1, 13, 41, 42
<i>ME SINTO AMPARADA</i>	2 vezes	48, 52
<i>MENOS SOZINHA</i>	2 vezes	30, 31
<i>Ajuda muito, me tornei uma pessoa mais compreensiva ao ouvir comentários alheios... e compreendi principalmente que existem pessoas nas mesmas situações que eu ou até piores... e tá tudo bem, não é o fim do mundo.</i>	1 vez	22
<i>Considero dependendo de algumas publicações, vejo muitas madrastas com uns pensamentos que não concordo, de não gostar de enteado ou xingar etc</i>	1 vez	5
<i>Me ajuda a perceber que não acontece só comigo. Que isso já é de sempre e com todas infelizmente. É bom saber que não estou sozinha</i>	1 vez	14
<i>Me ajudou a perceber que o que passo não são fatos isolados e muitas passam pelo menos problema e tem formas diferentes de lidar.</i>	1 vez	11
<i>Espaço para desabafar (às vezes) e ter outro posicionamento sobre como lidar com enteados de forma madura e que surta efeito</i>	1 vez	29
<i>Muito me ajudou a impor limites, ver meus direitos, e que não era somente eu que me sentia a excluída, ou ovelha negra</i>	1 vez	18
<i>Animada, pois descobrimos que os problemas são parecidos em vários lares, assim como tem muito conselho de melhoria</i>	1 vez	44
<i>Me sinto bem, pois eu aprendo com as experiências das outras, tb</i>	1 vez	40

<i>posso ajudar e isso faz com que eu me sinta bem</i>		
<i>Me ajuda bastante a entender que não é só eu que estou nesse barco mais que vamos aprendendo a superar a cada dia</i>	1 vez	4
<i>Sim, consigo ver outras versões, outras situações e me ajudam a refletir e mudar minhas atitudes para melhor</i>	1 vez	26
<i>Me ajuda pois vejo pessoas que passam pelo mesmo que eu, o que não tenho na vida fora das redes sociais</i>	1 vez	3
<i>Me sinto bem por muitas vezes precisamos de alguém para ajudar nem que for para desabafar</i>	1 vez	32
<i>Ajuda bastante, ler relatos e dicas de quem passa pela mesma situação e muito útil.</i>	1 vez	20
<i>Me sinto bem, vejo que existe muitos casos piores e iguais ao meu</i>	1 vez	24
<i>Gosto de ler os relatos, as vezes me ajudam a lidar cm as ente.</i>	1 vez	15
<i>Alivia alguns problemas que só nós madrasta entendemos.</i>	1 vez	36
<i>Ver que não sou só eu que passo por algumas situações</i>	1 vez	19
<i>Alívio. Ajudou e ajuda muito. Somente gratidão 🙏🙏</i>	1 vez	35
<i>Muito bem , podendo desabafar sem julgamentos</i>	1 vez	28

<i>Ajuda muito sim o grupo faz nós sentimos bem</i>	1 vez	43
<i>a vontade para falar sobre minha realidade</i>	1 vez	46
<i>Eu amo grupo sempre troca de experiências</i>	1 vez	1
<i>Gosto de estar ali trocando experiências</i>	1 vez	21
<i>É um local de desabafo e aconselhamento</i>	1 vez	38
<i>Me faz ver que não tenho problema</i>	1 vez	7
<i>acho que lá a gente se apoia muito</i>	1 vez	49
<i>Sinto que não estou sozinha</i>	1 vez	16
<i>Muito bem , sim me ajuda !</i>	1 vez	27
<i>sinto livre pra desabafar</i>	1 vez	47
<i>Sim, com experiências</i>	1 vez	34
<i>Sim ajudam muito</i>	1 vez	12
<i>me sinto apoiada</i>	1 vez	53
<i>Sim! Com certeza</i>	1 vez	23
<i>Ajuda muito.</i>	1 vez	6

<i>Ajuda sim</i>	1 vez	17
<i>Ouvida</i>	1 vez	50

Apêndice 3: Respostas do formulário para “Caso deseje, escreva algo livremente!”

RESPOSTA	RESPONDENTE
<p><i>A parte mais dolorosa é que no meu caso, sou completamente invisível perante meus enteados, não só por parte da genitora, mas também por várias pessoas das famílias que tem vínculo sanguíneo com as crianças. Sinto que parece que não posso sentir saudade deles, fazer coisas por eles (levar ao médico, ir em reunião escolar, buscar ou levar na escola e até sair com eles) e isso me dói, porque eu sinto amor por eles na mesma medida que amo meu marido (amores diferentes, claro, mas a proporção) porque eles são uma parte dele, simples assim. Pior ainda ter que fingir que não me machucou ser ameaçada, humilhada, xingada, julgada sem nunca ter feito nada, nem se quer uma troca de farpas com a genitora (que nunca nem se quer olhou na minha cara). Eu só consegui me sentir melhor depois que conheci as redes de apoio online, e agradeço muito por isso. Mas ainda considerando começar uma terapia porque não é fácil.</i></p>	5
<p><i>Amar um homem e não respeita que já tem uma família? Sim os filhos são a família deste homem, então o ajude aconselhe mostre a sua disposição para com a família dele e vera que a sua família que você está planejando será mais tranquila do que te falaram. Depois de tudo se não deu certo, os filhos continuam dele e você vai viver melhor sabendo que tentou.</i></p>	7
<p><i>eu vejo q mt gente resume todas madrasta a uma coisa só. como se todas as madrastas fossem ruins. como se toda mulher ruim tivesse que ser associada a madrasta, quando na verdade já vi mt mãe também ser difícil de conviver. o problema não é ser madrasta, ou ser mulher, ou ser mãe ou o que for. cada um é cada um. não somos objetos pra botarem rótulos.</i></p>	47
<p><i>Vejo que não é fácil ser madrasta, porém quando vc vai se relacionar com um homem que tem filhos, vc não tem q observar o ente e sim o pai pois se ele for omisso, bobão, nem adiante ente e nessa relacao que vc vai passar raiva. Meu marido me apoia em tudo o q eu faço com a minha ente, inclusive sobre regras e afazeres.</i></p>	40
<p><i>Trabalho com audiovisual. Sou estudante de roteiro e estou desenvolvendo um curta sobre madrastas. E caso precise da minha ajuda em algo, estou à disposição. Acredito que podemos compartilhar informações que ajudarão em ambas partes. E boa sorte em sua pesquisa.</i></p>	14

<i>Acho q as pessoas levam muito a serio o papo de ser madrasta, nao temos obrigaçao nem uma com filho q não é nosso, nao tem essa de vc tem q cuidar, nao fui eu qm fiz pq eu vou cuidar? A criança tem pai e mãe e eles quem tem o dever de cuidar.</i>	15
<i>Estar em grupos assim, faz com que me sinta acolhida, porque por vezes me sinto só, não sinto vontade de desabafar com outras pessoas para q não me interpretem errado. É meio complexo definir o que é ser madrasta. Mas seguimos.</i>	23
<i>Na minha opinião é pelo que percebi das histórias, o que mais afeta uma boa relação com os entes são as genitoras que não entendem que a criança não deixará de ama las só pq entrou uma nova figura feminina na vida da criança.</i>	11
<i>um dia minha enteada me disse que uma colega estava zombando dela na escola por ela morar com a madrasta e não com a mãe, dizendo que toda madrasta era bruxa. fiquei bem triste porque é uma criança que ja ouve tanta maldade.</i>	49
<i>O grupo tem sido importante para eu conhecer outras experiências de madrastas, e me ajuda a saber sobre direitos de família, a partir das publicações das membras.</i>	1
<i>tem coisas que nunca consigo falar com minha família nem com meu marido sobre as dificuldades de ser madrasta. eles não entende. as meninas sim me entende.</i>	46
<i>Que sejamos respeitadas, afinal não andamos por aí com maçã envenenada ou com agulhas mortais, somos mulheres, muitas vezes mães, merecemos respeito.</i>	18
<i>procurei o grupo pra tirar uma dúvida, e nunca mais sai. gosto de ler o que as outras mulheres escrevem e ajudar no que está ao meu alcance.</i>	48
<i>A madrasta por mais boa q seja, sempre é a malvada da história. O padrasto por pior q seja é sempre um herói.</i>	31
<i>Que esse trabalho te ajude a nós ajudar futuramente a ter pelo menos respeito.</i>	41
<i>Utilizo o FB da minha filha, por isso meu nome não estará nos membros :-)</i>	29

<i>Estou a disposição para ajudá-la no que for preciso.</i>	20
<i>Gostaria de participar da pesquisa.</i>	17
<i>Obrigado.</i>	4

Apêndice 4: Entrevistas

Entrevistada 1: Entrevista em vídeo chamada

[Grazielle]: Eu gostaria que você iniciasse falando um pouco sobre você é qual região do país que você mora e sua cidade, com que que você trabalha e sua idade.

[Entrevistada] eu sou e moro em João Pessoa, na Paraíba, sou bancária, trabalho na caixa econômica, tenho 35 anos.

[Grazielle] E há quanto tempo você é madrasta e de quantas crianças?

[Entrevistada] São 2 crianças e já tem 6 anos.

[Grazielle]: Entendi. Pronto, aí eu queria que você me dissesse um pouco por que que você resolveu buscar o grupo?

[Entrevistada]: Então, eu procurei algum grupo assim porque o relacionamento com a mãe dos entes era bem complicado, sabe? bem conturbado, com muitos problemas, e assim, eu pesquisei para ver se tinha algum grupo para trocar informações, experiências também.

[Grazielle]: Entendi, e em relação à criação das crianças, você tem dificuldade? Vocês convivem?

[Entrevistada] Atualmente elas moram comigo, né? Vieram morar esse ano.

Mas desde o início a gente já tinha sim bastante convivência.

[Grazielle] Entendi. A nossa comunidade de madrastas no geral, lida com a questão do dos significados pejorativos, inclusive nos dicionários de língua portuguesa. Inserir aqui na tela alguns significados encontrados, vou ler para você, ok? No sentido figurado afirma que “diz respeito a uma mulher má, incapaz de sentimentos afetuosos e amigáveis, e ainda dá um exemplo: tem mãe que é madrasta.” Eu gostaria de saber se você, nesse seu percurso de madrasta, já lidou com essa forma negativa que nos veem. Se é uma forma muito presente, não só com a genitora, mas também com outras pessoas do seu convívio, da seja da sua família, da família dele ou dela.

[Entrevistada] Então, nunca chegaram pra mim pra dizer que eu era má. A gente sabe que esse conceito é enraizado, quando você fala que é madrasta e o pessoal fala “ai, é boadrasta” É como se madrasta fosse sinônimo de algo ruim, e nisso acham que o início da palavra madrasta vem da palavra má, sendo que se fosse assim, mãe também seria.

[Grazielle] Exato. Tem outra imagem aí na tela, que vi no instagram esses dias e resolvi colocar aqui, Que diz assim: “madrasta é ameaça, padrasto é bom”. E como é que você encara essa questão?

[Entrevistada] Então isso aí é uma afirmação falsa, né? Porque assim, não se pode generalizar nem de um lado nem do outro, porque existem padrastos maus, e a gente, inclusive, vê muito mais notícias, de padrastos cometendo atrocidades contra enteados, inclusive chegando a matar, mais do que as madrastas, né? Madrastas também fazem isso, mas a gente vê também notícias de pais e mães fazendo esse tipo de coisa, então nem ser padrasto, nem ser madrasta, não quer dizer que a pessoa vai apresentar algum risco. Assim como ser mãe e pai, também não é um atestado de idoneidade. A maldade, ela não escolhe um grupo ou categoria.

[Grazielle] E você acha que essa questão de se referir normalmente às mulheres, diz respeito ao gênero?

[Entrevistada] É que, como meninas, desde de pequena, eu particularmente percebo rivalidade, né? Eu acho que há uma rivalidade feminina no geral e tudo na vida, né? homem, não costuma ter essa competitividade entre eles. E as mulheres, elas conhecem a rivalidade infelizmente. Principalmente quando a um fim de relacionamento, não resolvido. Ou mal resolvido. Assim quando uma das partes ainda gostaria de manter o relacionamento. Aí aqui a situação piora. A atual, como aquela que impede ela de conseguir o que quer, que é voltar para o homem, né? É como se nós, atuais, somos responsáveis pelo insucesso do relacionamento, né? E às vezes, as crianças recebem isso também dessa forma, né? Que muitas contam a história, reproduzem a história para as crianças. Comigo foi assim.

[Grazielle] Mas, e voltando um pouco para a questão do grupo, você enquanto participante e administradora do grupo, como é que você percebe a interação? Os assuntos, o que é que você acha que mantém o grupo movimentado?

[Entrevistada] Dentro do grupo a gente vê exatamente a diversidade de madrastas que existe, né? Tanto de madrasta quanto de genitoras. A gente vê os relatos, tem madrastas com infantilidade querendo competir com as crianças. Madrasta que faz picuinha por qualquer coisa, que tem ciúmes do marido com a ex quando quer tratar alguma coisa. Assim como a gente também vê relatos de madrastas que se doam bastante, e que a genitora inferniza a vida. Tem até que se dão bem com a genitora. São raros os casos mais acontecem, né? A gente vê os 2 quadros no grupo, então assim, inclusive quando a gente vê uma madrasta que tem uma atitude não saudável com as crianças, e a gente diz alguma coisa, a gente faz um comentário contra, aí quem fez o comentário não saudável já diz dizem logo, “é uma genitora infiltrada. Você é uma mãe. É porque elas acham que só por a gente ser madrasta tem que defender tudo.

[Grazielle] Entendo. E, para finalizar. Para além do grupo, mas ainda dentro da internet, como por exemplo, páginas de Instagram, é Facebook, você acha que através dessas mídias alternativas, que existe uma chance de alcançar esse público que não seja de madrastas. De uma forma que desenvolva um diálogo.

[Entrevistada] Eu acho que sim. Sim, A Rede Social hoje tem é o principal meio de comunicação, né? E tem um alcance assim, enorme, então. É uma boa forma de levar essa nova visão aí para as pessoas.

[Grazielle] Entendi, pronto da minha parte aí, se você quiser fazer mais alguma consideração, algum comentário.

Sobre suas vivências sobre, enfim, estou aberta.

[Entrevistada] Acho que não. Se eu fosse falar minha vida de madrasta daria um livro, já rolou processo e tudo. Fiz um resumo aqui.

[Grazielle] Muito obrigada pela sua participação.

Entrevistada 2: Via Whatsapp

[15:14, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘️: Oi ***** , tudo bem?

[15:14, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘️: Você ainda topa participar da pesquisa sobre madrastas?

[15:14, 14/02/2023] Entrevistada 2: Oi, Grazielle!

[15:14, 14/02/2023] Entrevistada 2: Topo sim, mas não sou mais madrasta...

[15:14, 14/02/2023] Entrevistada 2: Eu e o pai dela nos separamos

[15:14, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘️: sinto muito por isso

[15:15, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘️: mas me ajuda muito, de todo modo

[15:15, 14/02/2023] Entrevistada 2: se for por aqui ou por telefone, estou com disponibilidade agora, se você quiser

[15:15, 14/02/2023] Entrevistada 2: Fica melhor por mensagem

15:15, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘️: quando podemos conversar?

[15:15, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘️: caso não possa ser por videochamada, pode ser por aqui mesmo, por mensagem

[15:15, 14/02/2023] Entrevistada 2: se for por aqui ou por telefone, estou com disponibilidade agora, se você quiser

[15:15, 14/02/2023] Entrevistada 2: Fica melhor por mensagem

[15:15, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: combinado

[15:15, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: vou te mandando as perguntas e você vai comentando, ok?

[15:16, 14/02/2023] Entrevistada 2: beleza

[15:16, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: Primeiro gostaria que me falasse um pouco sobre você: sua profissão, onde mora, se tem filhos

[15:17, 14/02/2023] Entrevistada 2: Sou advogada, tenho 25 anos, moro em Goiânia/GO, atualmente sozinha, não tenho filhos

[15:17, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: por quanto tempo você foi madrasta?

[15:18, 14/02/2023] Entrevistada 2: 4 anos

[15:18, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e como foi seu percurso enquanto madrasta?

[15:19, 14/02/2023] Entrevistada 2: De forma geral?

[15:19, 14/02/2023] Entrevistada 2: Posso contar tudo?

[15:19, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: sim,

[15:19, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: o que quiser

[15:20, 14/02/2023] Entrevistada 2: Acho q tem muitos detalhes q podem ajudar alguém

[15:20, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: pode ficar à vontade

[15:20, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: lembrando que sua identidade será preservada

[15:26, 14/02/2023] Entrevistada 2: Bom, eu tinha 20 anos, o pai dela tinha 32 na época, era meu primeiro namorado. Ele pegava ela terças, quintas e fins de semana alternados. Mas eu sou dependente emocional e era obcecada nele, não tive pai na infância e via uma figura paterna nele. Então, eu me comportava como uma criança e tinha muito ciúme dela. Me achava um monstro por isso, até porque ela tinha apenas dois anos. Apesar de tudo, eu logo passei a amá-la, achava a criança mais incrível do planeta, e queria o melhor pra ela. Depois de uns seis meses de relacionamento, eu e o pai dela passamos a morar juntos. Tinha medo de me apaixonar muito, ele me largar e eu não ter mais contato, então também me recusava a cuidar dela no lugar dele, coisa que vejo muitas madrastas fazerem. E o efeito é sempre o mesmo: achar que "depois de tudo o que eu fiz" o pai me largou, ou a criança me descartou, ou algo assim. Então, eu não pegava a responsabilidade dele, mas não deixava de dar um banho, fazer uma comida, sobretudo se ele realmente não pudesse e eu quisesse. E eu costumava querer. Sempre comprava presentes, brincava o tanto que conseguia, e tal. No primeiro ano, a vi pouco, porque trabalhava e estudava, mas sofri com o ciúme. Porém, nunca deixei ela perceber. E ela não tinha ciúme de mim.

Uma das coisas importantes que eu fiz é que essa questão de dias da semana alternados confundiam a cabecinha dela, ela sempre chorava pra voltar para a mãe. Eu me lembrei de que, quando eu era criança, também era assim entre minha mãe e meus avós. A mãe dela voltou para a faculdade, e eu sugeri que o meu namorado a buscasse na escola todos os dias e ficasse com ela até cerca de 20:30, desse comida e banho. Logo logo ela parou de chorar na hora de voltar para a mãe, deu muito certo por um tempo.

[15:29, 14/02/2023] Entrevistada 2: Porém, com a pandemia, passamos a ficar todos em casa, ele se descuidou dos horários. Eu ainda trabalhava. Ele pegava ela quando queria, ficava o tempo que queria, e deixava o dia todo no celular, a ponto de hoje ela usar óculos. Por essa época, também me aproximei da mãe dela e ficamos muito amigas. Enfim, minha função enquanto madrasta,

nessa época, era sustentar a casa (coisa que eu fazia praticamente sozinha) e monitorar pra ver se ele estava cuidando direito. Não estava. Quase todas as vezes, eu que ficava falando que era hora de comida, de banho, de brincar, de passear (tanto quanto possível). Às vezes, ele ficava tão letárgico que era eu quem ia brincar com ela, mesmo tendo que trabalhar e ele não. Isso porque ela ficava mais tempo com a mãe.

[15:34, 14/02/2023] Entrevistada 2: Depois da pandemia, nos mudamos e as coisas continuaram mais ou menos iguais. Ela já havia passado de bebê pra criança, e meu ciúme evaporou em algum momento de 2019. Não era para menos, eu e ela já tínhamos uma relação independente do pai dela. Pra falar a verdade, desde o começo, ela sempre esteve presente nas etapas importantes da minha vida (aniversários, prêmio de mérito acadêmico, formatura) e eu nas da dela. Meus avós a tratavam como bisneta, passávamos natais juntos, meu avô fez uma caminha azul só pra ela. Mas no final de 2021 os problemas que eu e o pai dela tínhamos se juntaram a outros e acabamos terminando. Tivemos muitas discussões violentas antes e depois de terminar, e ele concluiu que eu era uma pessoa horrível, nociva para a filha dele, e proibiu a mãe de me deixar vê-la. Óbvio que a mãe não acatou, e, como continuamos amigas, propiciava que eu a visse. Hoje, via de regra, estamos bem mais afastadas, até porque ela realmente está em outra etapa da vida, não é mais o meu bebê. Sofri muito pela situação ter chegado a esse ponto, com frequência penso que se voltasse com o pai dela poderia voltar a ser a madrasta dela, mas ambos os pais são muito complicados, e eu também, e não consigo. Domingo passado, entretanto, estive com ela e a mãe em um evento em que somos sócias, eu fiquei maravilhada por perceber como a minha princesa já é uma "gente", como ela dizia. Como cresceu, se desenvolveu, como está bonita. E me parece que nada no mundo vai destruir ao menos a lembrança do carinho que temos uma pela outra.

[15:38, 14/02/2023] Entrevistada 2: desculpa

[15:38, 14/02/2023] Entrevistada 2: não sabia o que ia ser útil

[15:38, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: ta ótimo,

[15:38, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: eu estou surpresa com teu percurso, de verdade

[15:38, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: nem sempre conseguimos nos olhar com tanta clareza

[15:38, 14/02/2023] Entrevistada 2: Poxa, muito obrigada

[15:38, 14/02/2023] Entrevistada 2: É que sempre fiz terapia kkk

[15:38, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: isso ajuda kkkk

[15:39, 14/02/2023] Entrevistada 2: me lembro que eu percebi que sofria muito quando ela estava perto

[15:39, 14/02/2023] Entrevistada 2: isso lá em 2018

[15:39, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendo!

[15:39, 14/02/2023] Entrevistada 2: aí caí numa consteladora familiar

[15:39, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: eitaaa

[15:39, 14/02/2023] Entrevistada 2: e tentei explicar o que sentia, e gaguejava, e tal

[15:39, 14/02/2023] Entrevistada 2: e falei "até parece que eu tenho ciúme □□□"

[15:39, 14/02/2023] Entrevistada 2: e ela: "parece não. Você tem. E muito"

[15:40, 14/02/2023] Entrevistada 2: depois de encarar isso foi mais fácil superar

[15:41, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: que coisa...

[15:41, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e em que momento você chegou ao grupo?

- [15:42, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: de madrastas
- [15:42, 14/02/2023] Entrevistada 2: eu acho que foi 2019
- [15:42, 14/02/2023] Entrevistada 2: 2020
- [15:42, 14/02/2023] Entrevistada 2: estava irritada com o jeito que ele agia com ela
- [15:42, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendo
- [15:44, 14/02/2023] Entrevistada 2: mas lembro que era alguma coisa relacionada a culpa
- [15:44, 14/02/2023] Entrevistada 2: se eu devia fazer as coisas que o pai dela não fazia
- [15:44, 14/02/2023] Entrevistada 2: esqueci de te falar da culpa, eu tinha muita culpa por não brincar com ela com frequência
- [15:45, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: compreendo
- [15:45, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: a gente às vezes acha que tem que suprir todo espaço, por mínimo que seja
- [15:51, 14/02/2023] Entrevistada 2: madrasta de todo lado se lasca
- [15:51, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: pois é
- [15:51, 14/02/2023] Entrevistada 2: se faz pouco, é preguiçosa ou quer o homem só pra ela
- [15:51, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: a nós não é dado o direito de errar, mesmo que não façamos por mal
- [15:51, 14/02/2023] Entrevistada 2: se faz muito, tá sendo trouxa ou querendo tomar o papel da mãe
- [15:52, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: isso
- [15:52, 14/02/2023] Entrevistada 2: eu dei sorte que a mãe dela me amava e tinha os mesmos problemas que eu
- [15:52, 14/02/2023] Entrevistada 2: aliás, depois que eu separei do pai dela, ele praticamente parou de "pegar"
- [15:53, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: caramba!
- [15:57, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: então parecia que ele só era pai porque tinha tu por perto
- [15:58, 14/02/2023] Entrevistada 2: na verdade ele tem traços de transtorno de personalidade antissocial
- [15:58, 14/02/2023] Entrevistada 2: e narcisista
- [15:58, 14/02/2023] Entrevistada 2: então ele deixou de tentar parecer um bom pai
- [15:58, 14/02/2023] Entrevistada 2: e curiosamente, qdo se reaproxima de mim, volta a tentar ser presente pra ela
- [15:59, 14/02/2023] Entrevistada 2: ah, uma coisa q pode ser do seu interesse
- [15:59, 14/02/2023] Entrevistada 2: e que eu hesito em falar porque alimenta meu ego
- [15:59, 14/02/2023] Entrevistada 2: ele arrumou uma namorada logo q separamos, ela odiou com todas as forças
- [15:59, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: eita
- [15:59, 14/02/2023] Entrevistada 2: e a mulher não conseguiu ganhar ela

[15:59, 14/02/2023] Entrevistada 2: ela falou pra mãe q odiava que o pai tivesse namorada

[15:59, 14/02/2023] Entrevistada 2: aí a mãe dela falou "mas ele já teve"

[16:00, 14/02/2023] Entrevistada 2: e ela "é, mas é A TIA P****"

[16:00, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: ela não te olhava com a namorada do pai

[16:00, 14/02/2023] Entrevistada 2: não □□

[16:01, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: compreendo

[16:04, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: meu bem, não tenho mais perguntas

mas caso queira acrescentar algo mais, pode falar

[16:21, 14/02/2023] Entrevistada 2: acho que já contei tudo rrs

[16:21, 14/02/2023] Entrevistada 2: obrigada pela confiança

Entrevista 3: Via Whatsapp

[15:18, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: Você ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa sobre madrastas?

[15:19, 14/02/2023] Entrevistada 3: do que precisa? rs

[15:20, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: são algumas perguntas sobre suas vivências enquanto madrastra, sobre seu ingresso no grupo do face, sobre como vêem mulheres madrastas na sociedade

[15:20, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e lembrando que sua identidade será totalmente preservada

[15:23, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: caso você possa e queira, podemos fazer por aqui mesmo ou por videochamada, como preferir

[15:23, 14/02/2023] Entrevistada 3: prefiro por aqui mesmo.. você vai perguntando?

[15:23, 14/02/2023] Entrevistada 3: essa pesquisa é para o que mesmo?

[15:24, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: certinho, isso

[15:24, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: minha dissertação de mestrado em Comunicação

[15:27, 14/02/2023] Entrevistada 3: ah que legal!

[15:27, 14/02/2023] Entrevistada 3: tabom então

[15:27, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: posso te mandar as perguntas?

[15:27, 14/02/2023] Entrevistada 3: pode sim

[15:27, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: vamos conversando, não precisa ser nada fechado

[15:28, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: me fala um pouco sobre você

[15:28, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: onde mora, sua profissão, idade, quantos enteados,

[15:28, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: se tem filhos

[15:28, 14/02/2023] Entrevistada 3: Bom, tenho 25 anos, moro atualmente em SP, moro com meu noivo agora, tenho uma enteada de 10 anos agora, quando eu conheci meu noivo ela tinha 3 aninhos

[15:29, 14/02/2023] Entrevistada 3: trabalho com audiovisual, curso pedagogia e historia, faço porque gosto bastante dessa area

[15:30, 14/02/2023] Entrevistada 3: não tenho filhos, mas sempre foi meu sonho e de um tempo pra cá, com nossa casinha e casamento chegando estamos pensando já rs

[15:32, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e sobre sua vivência enquanto madrastra? como tem sido?

[15:36, 14/02/2023] Entrevistada 3: No começo a genitora chegou a inventar muitas coisas de mim, mas eu fui bem decidida e clara desde o começo, nos tornamos amigas, passeava juntos mas ai começou a rolar um ciumes da parte dela

[15:37, 14/02/2023] Entrevistada 3: ela se afastou, me bloqueou e tive muitas crises de ansiedade também, por conta dela não falar mais comigo e ficar mais "assanhada" com meu noivo rs

[15:37, 14/02/2023] Entrevistada 3: mas eu diria que mesmo com esses "probleminhas", acho que nem pode chamar assim, eu acho minha vida como madrastra muito boa

[15:38, 14/02/2023] Entrevistada 3: eu e minha ente temos uma conexão muito boa, desde o primeiro dia eu amei ela e ela me amou. Sempre conversamos, fazemos varias coisas juntas e isso pra mim é o mais importante.

[15:38, 14/02/2023] Entrevistada 3: Nunca pensei em tomar lugar de ninguém, nem da mãe, nem do pai, eu costumo falar que sou a tia legal rs, a que fica com a parte legal hahaha a parte chata fica para os pais

[15:40, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: aah, que bom!!!

[15:41, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e como você chegou ao grupo?

[15:41, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: foi por ter alguma dificuldade no percurso?

[15:43, 14/02/2023] Entrevistada 3: então, teve um momento que eu comecei a me sentir excluída, como se eu não fizesse parte da família sabe?

[15:44, 14/02/2023] Entrevistada 3: aí eu decidi procurar grupos no facebook para que eu possa desabafar com pessoas que irão me entender e até ver relatos de outras pessoas

[15:44, 14/02/2023] Entrevistada 3: aí eu achei o grupo.. porém, mesmo sendo pessoas iguais a mim, vejo muita maldade sabe? de pessoas te julgando, ou pedindo pra desistir.. mas as vezes ajuda bastante em saber como me impor

[15:44, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: você acha que essa insistência das genitoras em serem opostas às madrastras, ainda que não tenham algum precedente específico, é devido à rivalidade feminina imposta em outras circunstâncias?

[15:45, 14/02/2023] Entrevistada 3: acredito que as madrastras levam aquela culpa de "vc destruiu uma familia", mesmo que no caso do meu noivo, eles tiveram um caso de uma noite e aconteceu rss

[15:46, 14/02/2023] Entrevistada 3: mas eu acho que a mãe acaba se sentindo ameaçada, de achar que essa pessoa vai pegar o lugar dela

[15:46, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: desse jeito

- [15:46, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: como se a gente limasse qualquer possibilidade
- [15:46, 14/02/2023] Entrevistada 3: madrasta nunca foi bem vista né, até nas historias rss
- [15:46, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: justamente
- [15:47, 14/02/2023] Entrevistada 3: mas eu desde pequena sempre convivi nesse meio de madrastas
- [15:47, 14/02/2023] Entrevistada 3: meus pais se separaram quando eu tinha 5 anos
- [15:47, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: por falar nisso, você acha que o espaço midiático ainda reforça esses estereótipos negativos contra mulheres madrastas?
- [15:47, 14/02/2023] Entrevistada 3: então tive padrasto, madrasta e pra mim isso sempre foi muito normal
- [15:47, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendo
- [15:48, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: é como deveria ser, ao meu ver nenhum casamento tem garantia de ser pra sempre
- [15:48, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: então, normalizar novas construções familiares é um caminho necessário
- [15:49, 14/02/2023] Entrevistada 3: simm
- [15:49, 14/02/2023] Entrevistada 3: então.. eu acredito que sim
- [15:50, 14/02/2023] Entrevistada 3: muitos dos casos de morte sempre tem uma madrasta no meio né, o que reforça ainda mais que madrasta são ruins e que não devem confiar
- [15:50, 14/02/2023] Entrevistada 3: eu sempre mostrei desde o começo que eu cuidaria da minha ente como se fosse minha.. nunca gritei, nunca bati, nem olhei torto pra ela, sempre conversei com ela e com o pai
- [15:51, 14/02/2023] Entrevistada 3: porém sempre tenho medo de fazer qualquer coisa
- [15:51, 14/02/2023] Entrevistada 3: pelo o que ela pode contar depois pra mãe e a mãe distorcer, ou de sei lá, gritar com a criança em um momento de raiva e ser julgada pra sempre por isso kk
- [15:52, 14/02/2023] Entrevistada 3: muitas das vezes meu noivo precisa tomar uma decisão, ou participar de alguma reunião, festinha da escola e eu não posso me "meter" ou estar presente e isso me deixa bem triste
- [15:53, 14/02/2023] Entrevistada 3: eu sempre falo meu ponto de vista, mas não quer dizer que ele será valido
- [15:53, 14/02/2023] Entrevistada 3: e isso as vezes machuca
- [15:54, 14/02/2023] Entrevistada 3: as vezes falo que quero um filho pra cuidar do meu jeito kkkkkkk
- [15:55, 14/02/2023] Entrevistada 3: aqui, meu noivo é bem de boa sabe? eu sempre peço pra ele buscar a menina mesmo quando ele vai trabalhar pra eu conseguir aproveitar ela, ele sempre pede minha opinião das coisas, mas não é pq eu falei aquilo que ele vai fazer kk
- [16:02, 14/02/2023] Grazielle Barbosa☘: meu bem, minhas perguntas já encerraram mas, caso você tenha algo mais a falar, pode ficar à vontade
- [16:02, 14/02/2023] Entrevistada 3: simmm kkk demais

[16:05, 14/02/2023] Entrevistada 3: ahh, eu acho que é isso mesmo. Acho que para qualquer coisa né, antes de julgarmos precisamos entender o lado daquela pessoa, muita gente fala "ahh mas quando conheceu já sabia que tinha filho", mas a gente se apaixona pela pessoa né kkk e quando queremos estar com aquela pessoa, nada importa

[16:05, 14/02/2023] Entrevistada 3: ou idealizamos uma coisa e quando vemos, é totalmente outra kkk

[16:05, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: e o percurso que é complexo,

[16:05, 14/02/2023] Entrevistada 3: e na maioria das vezes a culpa nem é nossa né kkkkk muitos relatos que eu vejo, é o pai que é um "banana" como diz minha mãe kkkk

[16:05, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: independente de filhos ou não

[16:06, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: e cada caso é um caso

[16:06, 14/02/2023] Entrevistada 3: que aceita as coisas que são impostas pela genitora e a madrasta acaba sendo bastante prejudicada

[16:06, 14/02/2023] Entrevistada 3: mas é isso mesmo, cada caso é um caso

[16:06, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: tem madrastas que se dão bem com enteados, outros casos os enteados não querem nem conta

[16:06, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: e assim por diante

[16:07, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: te agradeço demais pela participação,

[16:07, 14/02/2023] Entrevistada 3: simmm

[16:09, 14/02/2023] Entrevistada 3: opaaa! muito obrigada! ❤️👍

[16:10, 14/02/2023] Entrevistada 3: fechouu!

[16:10, 14/02/2023] Entrevistada 3: bom trabalho pra ti por ai

[16:10, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: Obrigada!

[16:10, 14/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: Abraços!

Entrevistada 4: via WhatsApp

[19:36, 27/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: Olá,

[19:40, 27/02/2023] Entrevistada 4: Oie

[19:40, 27/02/2023] Entrevistada 4: Posso por mensagem

[19:40, 27/02/2023] Entrevistada 4: Tem problema?

[19:40, 27/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: pode ser!!!

[19:41, 27/02/2023] Grazielle Barbosa🌸: então, gostaria de saber sobre sua experiência enquanto madrasta

vou fazendo algumas perguntas e você responde à vontade

[19:44, 27/02/2023] Entrevistada 4: Ok

[19:44, 27/02/2023] Entrevistada 4: Podemos começar

[19:45, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: Me fale um pouco sobre você: sua idade, onde mora, se tem filhos, quantos enteados

[19:45, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: E profissão

[19:46, 27/02/2023] Entrevistada 4: Bem, meu nome é *****, tenho 46a, moro em SP, tenho 2 filhas de 17 e 6 anos

[19:46, 27/02/2023] Entrevistada 4: Tenho 2 enteados, um de cada mãe, de 9 e 8a

[19:47, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sou professora, mas estou na gestão escolar como Vice diretora/Diretora há + de 10a

[19:47, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendi!

[19:47, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: você é madrasta há quanto tempo?

[19:48, 27/02/2023] Entrevistada 4: 4a

[19:49, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e, pra você, como é este lugar de madrasta? você convive com seus enteados? as vivências são tranquilas?

[19:49, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu detesto ser madrasta

[19:51, 27/02/2023] Entrevistada 4: Convivo com o + velho de 15/15 dias, às vezes não o vejo na semana de convivência com o pai...a + nova quase nenhuma convivência

[19:53, 27/02/2023] Entrevistada 4: Com o meu enteado, no começo foi MUITO difícil

[19:54, 27/02/2023] Entrevistada 4: O pai se sentia culpado e a mãe abusava a respeito disso

[19:55, 27/02/2023] Entrevistada 4: Meu enteado é muito mimado, qdo nos conhecemos ele tinha 5 e minha filha + nova 2... ele batia, quebrava as coisas dela. Isso me irritava d+, que difícil

[19:56, 27/02/2023] Entrevistada 4: Qdo saíamos, ele dava show perto dos outros, não respeitava ninguém...um dia eu disse ao meu marido claramente q, ou ele educada o filho ou não sairia + com ele pra lugar nenhum, foi uma conversa bem difícil

[19:58, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sei perfeitamente q ele age assim por conta dos pais... minhas filhas tb tiveram madrasta, ela frequentava minha casa, a casa dos meus pais... depois q me conheceu parou de sentir ciúmes e minhas filhas não a desrespeitaram

[20:00, 27/02/2023] Entrevistada 4: Durante os primeiros 2a foi bem complicado... mas até hoje não quero criar nem um tipo de vínculo

[20:01, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendo

[20:03, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e por parte do seu companheiro ou da família dele, você sente alguma exigência para "atuar" na vida dos seus enteados?

[20:04, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sim, sentia muito mesmo

[20:04, 27/02/2023] Entrevistada 4: Ele queria q eu maternasse o filho dele

[20:04, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sempre foi muito claro pra mim

[20:05, 27/02/2023] Entrevistada 4: E motivo de muitas brigas pq sempre me recusei terminantemente

[20:05, 27/02/2023] Entrevistada 4: A família dele nunca me falou nada, mesmo pq nunca dei abertura e eles me acham boca dura

[20:06, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendo

[20:06, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e sobre o grupo, o que te motivou a buscar?

- [20:07, 27/02/2023] Entrevistada 4: Culpa
- [20:07, 27/02/2023] Entrevistada 4: Ciúmes
- [20:07, 27/02/2023] Entrevistada 4: Como lidar com isso sendo adulta e mãe
- [20:08, 27/02/2023] Grazielle Barbosa✿: entendi ser mãe e ser madrasta é bem diferente, né?
- Apesar de exigirem que sejamos "mães" de quem não são nossos filhos
- [20:12, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sim, exatamente
- [20:13, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu acho totalmente possível amar enteados
- [20:13, 27/02/2023] Entrevistada 4: Mas isso não se aplicou no meu caso
- [20:13, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu criei um ranço eterno
- [20:13, 27/02/2023] Grazielle Barbosa✿: imagino
- [20:14, 27/02/2023] Entrevistada 4: Trato bem, respeito
- [20:14, 27/02/2023] Entrevistada 4: Mas, sinceramente, queria zero convivência
- [20:14, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sempre q posso me afasto de algum modo
- [20:15, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu sempre pensei q seria + fácil ficar com alguém q tivesse filhos .. por eu tb ter filhas
- [20:17, 27/02/2023] Entrevistada 4: Mas ser padrasto e madrasta são construções sociais bemmmmm diferentes
- [20:17, 27/02/2023] Grazielle Barbosa✿: totalmente
- [20:17, 27/02/2023] Grazielle Barbosa✿: e pra madrasta ainda mais, não acha?
- [20:17, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sim 😊
- [20:17, 27/02/2023] Entrevistada 4: Minhas filhas se dão bem com o padrasto, mas eu intervenho de forma clara sempre q necessário
- [20:19, 27/02/2023] Grazielle Barbosa✿: você acha que a construção da figura da madrasta em mídias sociais, em contos de fadas, contribuem para a visão negativa dos enteados e das famílias sobre nós?
- [20:20, 27/02/2023] Entrevistada 4: Sim, tem muito isso
- [20:20, 27/02/2023] Entrevistada 4: Quer relacionamento novo é + difícil mesmo
- [20:20, 27/02/2023] Entrevistada 4: Envolvendo crianças, pior
- [20:21, 27/02/2023] Entrevistada 4: Mulheres são competitivas e incitam isso
- [20:21, 27/02/2023] Entrevistada 4: No começo do meu relacionamento
- [20:21, 27/02/2023] Entrevistada 4: A ex do meu marido queria disputar força usando o filho
- [20:22, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu ficava put@ pq eu tb tenho filhas e jamais fiz isso com meu ex e minhas filhas
- [20:23, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu ficava p. mas a madrastra delas não tinha nada a ver, o cara é adulto
- [20:23, 27/02/2023] Grazielle Barbosa✿: entendo bem

[20:24, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: e você acha que, com a intenção que você buscou o grupo, obteve êxito?

[20:25, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: a experiência tem sido boa enquanto membro do grupo?

[20:26, 27/02/2023] Entrevistada 4: Tem sim, pq vejo os espelhos

[20:26, 27/02/2023] Entrevistada 4: Q tipo de conduta outras madrastas têm

[20:27, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: entendi

[20:27, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: bom, da minha parte é isso!

[20:27, 27/02/2023] Grazielle Barbosa☘: caso queira acrescentar algo, ou prosseguir a conversa, fique à vontade

[20:27, 27/02/2023] Entrevistada 4: Olha, vou te dizer uma coisa

[20:28, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu jamais quero ser madrasta de novo se acabar minha relação

[20:29, 27/02/2023] Entrevistada 4: Eu sei q crianças são difíceis, sabe

[20:29, 27/02/2023] Entrevistada 4: Mas os pais não ajudam

[20:30, 27/02/2023] Entrevistada 4: É muito difícil, sabe... se posicionar...mas eu me recuso a ficar doente ou refém de uma história q não é minha

[20:33, 27/02/2023] Entrevistada 4: Então

[20:34, 27/02/2023] Entrevistada 4: Se filho já é complicado... quem dirá enteado

[20:36, 27/02/2023] Entrevistada 4: Hoje eu sou somente a mulher do pai

[20:36, 27/02/2023] Entrevistada 4: Respeito, trato bem e só.

Entrevista 5: Via WhatsApp (transcrição dos áudios)

[15:31, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Primeiro, comece me falando sobre você Onde mora, profissão, quantos enteados, se convive com eles, se você tem filhos

[15:32, 02/03/2023] Entrevistada 5: Pode ser áudio?

[15:32, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Pode sim

[15:32, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Fique à vontade

[15:33, 02/03/2023] Entrevistada 5: [/transcrição de áudio]

Bom, vamos lá, é. Eu moro em Foz do Iguaçu, no Paraná. Eu sou formada em gastronomia. Não atuo na área atualmente devido a um acidente que eu sofri. Estou em fase de recuperação. É, atualmente estou estudando para área de química. Por conta de que se não conseguir voltar para a minha área de atuação eu consiga dar segmento em outra área. Eu tenho 2 enteados, a menina tem 6 e o menino vai fazer 13 anos em outubro. Eles convivem conosco a cada 15 dias. Eu não tenho filhos e nem tenho intenção de ter.

[15:34, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Entendi! Qual sua idade?

[15:34, 02/03/2023] Entrevistada 5: 28 anos

[15:35, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Ok

[15:35, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: Como você considera sua relação com os enteados? E como "ser Madrasta" afeta seu cotidiano familiar?

[15:39, 02/03/2023] Entrevistada 5: [/transcrição de áudio]: Bom, minha relação com eles. No começo era muito boa. No começo eu conseguia separar bem o que era manipulação por parte da genitora, o que era birra deles e isso aí, eu considero que eu consegui separar muito bem pelos 3 primeiros anos. Agora, de um tempo para cá, de outubro do ano passado para cá tem sido mais conturbada, um pouquinho. Porque o menino já está bem maior, já entende bem melhor as coisas. E ele se deixa manipular muito pela mãe dele, isso deteriorou bastante a nossa relação. É, acabou tendo algumas crises aí. Está ruim hoje em dia. Eu considero que a minha relação com eles está bem ruim. Por mais que a gente tenta agradar, tenta fazer as coisas por eles quando vem. Sempre tem do que gosta de comer, leva para onde gosta de sair. Mas isso parece que não é mais suficiente. É, então se deteriorou bastante de um tempo para cá.

E, no meu convívio com meu esposo, isso não interfere porque nós sempre conversamos muito. Deixamos muito esclarecido, que uma coisa é a minha relação com as crianças. Outra coisa é a minha relação com ele. Então, a gente faz assim, tem algum problema com as crianças? A gente senta e conversa, acha qual que é o ponto que está dando errado? Tenta consertar. Por isso não interfere na minha relação com ele como marido, mulher. Isso nunca foi afetado. Nós conseguimos separar muito bem.

[15:40, 02/03/2023] Entrevistada 5: [/transcrição de áudio]: claro que quando eles estão conosco, a rotina da casa muda completamente. A casa vira de ponta cabeça, basicamente por eles. Eu falo, eles chegam, a casa está limpa 1 hora depois tem farelo por tudo, por mais que a gente fale, tipo: sempre que vai comer, come na mesa, tirou alguma coisa porque ele coloca de volta, mas é criança. Então isso não acontece. Eles chegam a casa assim, vira de ponta cabeça em questão de 1 hora. E tudo bem, nós já estamos acostumados, não é? Já nos habituamos a isso. Tanto é que a gente faz um mutirão quando eles vão embora, eu e meu esposo pegamos e limpamos a casa de cima abaixo para começar a semana com a casa limpa. Não é tão desorganizado, como nós moramos sozinhos, não é? Somos 2 adultos, conseguimos manter a casa muito bem organizado, diferente quando tem, quando as crianças vêm para cá. Mas não diria ser alguma coisa que estressa, sabe? A gente sabe que acontece, porque são crianças, muda nossa rotina, muda o que nós comemos no final de semana, muda os lugares que nós frequentamos quando estamos com eles muda, porém é algo normal.

[15:43, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: Entendo

[15:43, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: E em relação ao grupo, com qual objetivo você buscou?

[15:40, 02/03/2023] Entrevistada 5: [/transcrição de áudio]: Eu comecei a ficar saturada com os problemas que vinham. De lá, tudo era problema para a genitora. Tudo era motivo para ela fazer 30,40 ligações, mandar um mundo de mensagens e xingar e fazer escândalo. Quando entregávamos as crianças, então tudo a desde dar um presente para as crianças, era problema para ela brigar, porque pra ela a gente queria comprar as crianças. Fazer uma festinha para as crianças era problema. Levar pra passear, era um problema. Tudo era um problema, tudo ela achava o motivo. Comprar calçados, se comprasse calçado e mandasse para ela, porque os calçados que ela vinham era muito apertado. Nós mandamos calçados para lá, ela encheu o saco, brigou, xingou, esperneou porque, segundo ela, onde já se viu comprar um calçado que não fica certinho no pé da criança? Que era um meio número maior, se não me engano, que nós optamos por comprar para que a criança usasse mais tempo, porque aqueles muito apertados, a criança chorava para colocar. Que era o que vinha de lá. Até isso foi problema.

Tanto é que não usou o calçado, doou. É, eu fui ficando saturada desses, dessas picuinhas, e eu queria saber. Falei: eu preciso procurar um grupo de pessoas que passam pelo mesmo e, quem sabe, alguém fala: "Não, eu passava por isso e resolvi de tal forma. Passava por tal coisa e fiz x

coisa e deu certo. Funcionou.”. E eu percebi que infelizmente muda só o CPF, porque parece que a mesma história Em quase todas as casas que as famílias contém essa configuração.

[15:49, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: Te entendo, perfeitamente

[15:49, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: E, de algum modo, o grupo te ajudou?

[15:52, 02/03/2023] Entrevistada 5: [/transcrição de áudio]: Olha, muitas vezes lendo as histórias das gurias eu paro e fico refletindo sobre. Quais atitudes tomar, sabe? Em relação aos problemas que eu tenho, eu vejo que algumas optam por cortar totalmente relação com as crianças, né? Tem até um caso de uma mulher que eu li esses dias, que a convivência do pai é na casa da avó paterna. Eu já cogitei fazer esse tipo de coisa. Só que a vontade ainda de resgatar a relação que eu tinha com eles no começo é muito grande. Porque a minha relação era muito boa, nós separávamos muito bem isso. As crianças conseguiam separar bem quando estavam aqui. Não comentavam sobre os comentários da mãe. Só que tem ficado cada vez mais difícil. Ela tem conseguido desensinar eles de muita coisa. Porque tudo, todos os bons modos que nós ensinamos aqui em 3 dias de convivência em 14 dias que passa lá ela muda isso. Ela ensina que aquilo é errado. Então, as crianças têm ficado mal, educadas, revoltadas. É, isso realmente está atrapalhando bastante a convivência. Mas eu ainda tenho Esperança de voltar, de resgatar o. A boa convivência, Harmonia para que, para que seja um final de semana feliz, para que passássemos um bom final de semana, agradável para todos? Não que dentro da minha casa eu me sinta mal por receber pessoas de fora. Que nos últimos finais de semanas tem sido isso. Até. Eu estou. Estava agora pouco fazendo. Eles gostam muito de chá gelado, cupcake, esse tipo de coisa. Eu sempre fui de fazer isso e deixei de fazer, então vendo os relatos delas de umas que conseguiram reverter situação. Outras que preferiram se afastar. Eu me obriguei sim, eu me propus a tentar + 1 vez, então vou de novo receber eles com as coisas, fazendo as coisas não só com coisas compradas. Vou fazer as coisas para esse final de semana. A gente vai sair novamente. Eu vou tentar resgatar isso. Espero que eu consiga, mas é a última vez, senão eu vou seguir o conselho de algumas gurias ali do grupo. Das madrastas que dizem que se afastar é a melhor opção.

[15:56, 02/03/2023] Entrevistada 5 [/transcrição de áudio]: Como eu havia dito, eu sou formado em gastronomia, sou chefe de cozinha. Então, para mim, a forma de demonstrar amor afeto é cozinhando. E eu cozinhava, eu cozinhava com eles. Tanto é que os 2 falavam que queriam ser cozinheiro quando crescessem , mas. Isso com o tempo, acabou se perdendo. Pela pelas desavenças, pelos desentendimentos. Então é uma coisa que eu vou tentar recuperar.

[15:57, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: Sei bem

E quando a gente perde essa conexão que existia é tão estranho, né?

[15:58, 02/03/2023] Entrevistada 5: É sim, e tanto nos adultos quanto às crianças acabamos sendo afetados emocionalmente

[15:59, 02/03/2023] Grazielle Barbosa✿: Totalmente

[16:02, 02/03/2023] Entrevistada 5: [/transcrição de áudio]: Aqui, as crianças sempre demonstraram interesse de vir morar conosco. O menino, inclusive, ele pedia muito. A menina, por ser mais nova, nós entendíamos que ela deveria jogar nos 2 lados, não é?

Estava provavelmente falava aqui que gostaria de vir e lá. Ela deveria falar para mãe dela que gostaria de ficar, mas o menino sempre pediu muito para vir e nós conversamos com ele. Se ele quisesse vir morar conosco, as portas estão abertas. Eles têm o quarto deles. As roupas deles, tudo deles, ele só teria que vir. Claro que teríamos que fazer uma mudança de guarda judicialmente, mas esse trâmite não cabe a ele. O que o meu esposo pediu para ele é aquele que ele comunica, se a mãe dele. Que ele gostaria de vir? E nós buscaríamos ele, e o resto nós, adultos deveríamos fazer, nós faríamos, não é? E ele pediu para ela. Ela deu uma surra nele. Ela bateu tanto nele que

ele chegou no final de semana seguinte e perguntou se não tinha como pedir judicialmente sem que ela ficasse sabendo. Para só um dia, o juiz chega lá e pegar ele e falar que ele não mora mais lá, que na cabeça dele. Era assim que aconteceria. Nós explicamos para ele que não, não era assim, até porque, se fosse brigar judicialmente. É ele, por já ter. Mais de 12 anos, teria que falar perante o juiz, ele seria ouvido pelo juiz. E ele falou que não falaria, porque ele tem muito medo da mãe dele. Aí dificulta muito. Se ele tivesse vindo morar conosco desde que ele começou a pedir, ele tinha 10 anos quando ele começou a pedir muito para vir morar conosco. Com certeza a tanta educação dele, quanto o comportamento dele seria muito melhor, nós levamos nós. Começamos a levar ele no psicólogo nas quinzenas que nós estávamos com eles. E a mãe dele simplesmente mandou na primeira sessão que eles foram e falaram para ela. Ela surtou, acionou advogado, falou que era inadmissível levar num psicólogo porque a psicóloga das crianças é ela, não que ela tem alguma formação, ela não tem, mas na cabeça dela. Né? Talvez só. Brigar e bater é uma psicologia. E ela falou que ela era psicóloga e se fosse levar mais alguma vez, ela tiraria ao direito de visita dele. Claro que a gente sabe que isso não acontece e ameaçou as crianças e as crianças passaram aí no psicólogo e não falam nada porque ela falou que se falasse alguma coisa pro psicólogo, chegaria em casa e apanharia. Aí tornou uma coisa que não vale a pena, entendeu? Levar eles de novo, até pagamos algumas sessões e sessões de psicólogo infantil aqui na minha cidade, pelo menos, é 300 reais cada sessão, eram 2. A gente levava eles. Nós pagamos, se não me engano, 5 sessões, mas depois da primeira eles não falaram mais nada. Não adianta, vamos joguinhos ali que a psicóloga joga ele e tal. Não adiantava, eles se fecharam completamente.

[16:26, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Compreendo

[16:26, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Bom, da minha parte é isso

[16:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Caso queira acrescentar algo, fique à vontade

[16:27, 02/03/2023] Entrevistada 5: Não, acho que já falei de mais né kkk

[16:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Jamais!

Foi ótima!

[16:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Me ajudou muito

[16:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Muito obrigada!!!

[16:28, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Espero que as coisas se ajustem!

[16:28, 02/03/2023] Entrevistada 5: Tomara 🙏👉

[16:28, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Abraços, qualquer coisa vamos nos falando

[16:29, 02/03/2023] Entrevistada 5 : Blz. Se cuida 😊

ENTREVISTA 6 - Via WhatsApp

[15:08, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Boa tarde

[15:08, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo *****

[15:08, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Você disponibilizou seu contato

[15:08, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Gostaria de saber se ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa de mestrado

[15:54, 02/03/2023] Entrevistada 6: Boa tarde. Sim

[15:58, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Quando fica bom pra você?

[16:00, 02/03/2023] Entrevistada 6: Como seria ?

[16:00, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Pode ser por aqui mesmo, ou vídeo chamada

[16:00, 02/03/2023] Entrevistada 6: Pode ser por mensagem?

[16:01, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Claro!

[16:01, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Como ficar melhor pra você

[16:03, 02/03/2023] Entrevistada 6: Pode ser então.

[16:04, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Quando você tem disponibilidade?

[16:06, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Caso fique bom para você, envio as perguntas por aqui e você me responde à medida do possível

[17:05, 02/03/2023] Entrevistada 6: Pode ser então

[17:06, 02/03/2023] Entrevistada 6: Pk eu tbm estou com a minha Net em casa

[17:06, 03/03/2023] Entrevistada 6: Talvez melhore só segunda

[17:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Pronto

[17:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Te envio e você responde quando for possível

[17:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: 1 - Idade, onde mora, profissão.

2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?

3 - tem filhos?

4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)

5 - como chegou ao grupo de madrastas?

6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você se sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas (como em contos de fadas, novelas, noticiários)? Fale um pouco sobre esses rótulos, se possível.

[10:30, 04/03/2023] Entrevistada 6: 20 anos.

Mogi Mirim, sp.

1 enteado, sou madrasta a 2 anos.

Estou grávida do meu primeiro filho.

No começo a relação com meu enteado, foi uma relação maravilhosa, a mãe não convivia, ele já morava com o pai a 3 anos. Um ano quando me casei a genitora voltou a aparecer e querer conviver mais com a criança. Então tudo oq eu construí com meu ente, uma relação tranquila e tudo mais, despencou. Mas com o tempo fui mostrando que ele tem que me respeitar independente de quem convive ou não com ele... Eu e a genitora tbm não nós "bicavamos". Já fui chingada, ameaçada e tudo mais. Nunca reagi, só ignorava ela. Depois de um tempo ela sossegou me chamou no whatsapp e agora conversamos o necessário sobre a criança.

Eu queria saber como era as outras madrasta, se elas tbm sofriam como eu, como reagem e tudo mais. Ai fui pesquisando até encontrar o grupo.

Sim, eu interajo, desabafo, sou acolhida e de vez em quando aparece umas pra julgar, mas nada muito grave.

Eu particularmente não me sinto afetada. Pk em todo lugar tem pessoas ruins. Oq faz elas serem ruins são a falta de caráter e não se é madrasta ou não. Existe mães ruins, pais ruins, avós ruins, tios/tias ruins. E nem por isso saem julgando todos eles. Meu ente mora comigo, e eu já disse isso a minha sogra, a genitora e até mesmo pro meu marido. Se alguém, em algum momento achar que eu sou uma madrasta ruim. Eles podem ficar a vontade pegar a criança e levar pra cuidar. Eu quem cuido, levo em médicos, acompanho na escola, compro remédios, roupas, sapatos, coisas que ele tem desejo de comer, gosto de mimar do meu jeito. E não deixo de chamar atenção, se preciso ponho de castigo, tiro tv, celular, e tudo mais. Minha casa tem regras e faço com que elas sejam seguidas. Eu ensino ele, sei que não aprendem de primeiro, então sempre que erra eu explico novamente... Acho que cada um acredita no que quer, infelizmente as mídias usam esse assunto para ganhar Ibope, visualizações e curtidas. Infelizmente é uma carga que a gente carrega sem querer. E temos que nos desgastar para mostrar que não somos aqueles monstros que eles anunciam na tv. Mas tbm acho que não devemos nos matar pra demonstrar isso não, afinal cada um acredita noq quer. Então faça oq vc pode, da maneira que puder, sem se desgastar para mostrar que é uma boa pessoa. Pk no final, quando vc parar de fazer oq eles querem. Eles vão ser os primeiros a julgar vc como má.

[10:30, 04/03/2023] Entrevistada 6: Desculpa as respostas enormes kkk espero ter atendido a expectativa.

[10:30, 04/03/2023] Entrevistada 6: Espero ter te ajudado 🙏👍😊

ENTREVISTA 7 - Via WhatsApp

[15:21, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Boa tarde

[15:21, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo ****

[15:21, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Você disponibilizou seu contato

[15:21, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Gostaria de saber se ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa de mestrado

[17:02, 02/03/2023] Entrevistada 7: Boa tarde!

[17:02, 02/03/2023] Entrevistada 7: Sim, posso colaborar

[18:36, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Ótimo!

Quando fica bom pra você?

[18:37, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: São poucas perguntas, então não tomará muito do seu tempo

[16:07, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Oi, boa tarde

[16:07, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Como vai?

[17:16, 03/03/2023] Entrevistada 7: Boa tarde! Estou bem e vc?

[17:17, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Bem também

[17:18, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Posso te enviar as perguntas?você me responde quando possível

[17:18, 03/03/2023] Entrevistada 7: Pode sim

[17:18, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: 1 - Idade, onde mora, profissão.

2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?

3 - tem filhos?

4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)

5 - como chegou ao grupo de madrastas?

6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você se sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas (como em contos de fadas, novelas, noticiários)? Fale um pouco sobre esses rótulos, se possível.

[17:45, 03/03/2023] Entrevistada 7: 1 - 27 anos, Goiânia-GO, advogada.

2 - 01 enteado. Madrasta há quase 02 anos.

3 - não tenho filhos.

4 - a minha relação é um pouco distante, já tive problemas com meu namorado, por causa do enteado, já chegamos a terminar por questões que envolviam ele. Agora que voltamos, ajustei algumas questões com ele, como por exemplo, questões de privacidade, espaço, prioridade, tempo de qualidade no relacionamento, e me propus a tentar ser mais próxima do enteado também.

Quanto à genitora não tenho nenhum tipo de contato, e espero não ter também, não faço a menor questão.

5 - cheguei ao grupo de madrastas, pois estava tentando aprender a lidar com as situações que envolvem o enteado, que até então, eram situações novas para mim. Queria conselhos, e conhecer a experiência de outras pessoas.

Procurei no Facebook e achei o grupo.

6 - o grupo de madrastas foi o único lugar onde me senti totalmente acolhida, pois só uma madrasta entende a outra. Pessoas de fora não conseguem entender o quanto a situação é complexa. Me sinto muito bem no grupo.

7 - sim, me sinto afetada, pois no geral, as pessoas “impõe” que sejamos uma espécie de mãe para o enteado, querem que tenhamos amor, mas ao mesmo tempo, é uma relação muito ingrata, pois não se pode cobrar nada, nem dar palpite, afinal, não sou a mãe.

[17:56, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Muito obrigada, meu bem

[17:56, 03/03/2023] Entrevistada 7: Por nada

[17:56, 03/03/2023] Entrevistada 7: Se precisar fazer mais perguntas, pode fazer

[17:56, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Por enquanto é isso mesmo

[17:56, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Obrigada pela disponibilidade

Entrevista 8 - Via WhatsApp

[15:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Boa tarde

[15:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo *****

[15:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Você disponibilizou seu contato

[15:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Gostaria de saber se ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa de mestrado

[15:48, 02/03/2023] Entrevistada 8: Oi querida

[15:48, 02/03/2023] Entrevistada 8: Tenho sim

[15:49, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Maravilha!

[15:49, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Quando fica bom para você?

[15:55, 02/03/2023] Entrevistada 8: E por vídeo chamada?

- [15:58, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Pode ser por vídeo chamada ou mensagem aqui mesmo
- [15:58, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Fica a seu critério
- [15:58, 02/03/2023] Entrevistada 8: Podemos fazer hj a noite
- [15:58, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Ótimo!
- [15:58, 02/03/2023] Entrevistada 8: Só não falo de fazer agora pq tá apertado rs
- [15:58, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Te mando mensagem umas 19h, pode ser?
- [15:59, 02/03/2023] Entrevistada 8: Ótimo
- [15:59, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Obrigada, desde já
- [15:59, 02/03/2023] Entrevistada 8: Imagina
- [19:02, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Olá
- [19:02, 02/03/2023] Entrevistada 8: Oiê
- [19:02, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: pode ser agora?
- [19:02, 02/03/2023] Entrevistada 8: Vamos começar?.
- [19:02, 02/03/2023] Entrevistada 8: Sim.
- [19:02, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: ótimo,
- [19:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: por aqui mesmo, né?
- [19:03, 02/03/2023] Entrevistada 8: Sim
- [19:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: vou te mandando as perguntas e você responde livremente
- [19:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: sem pressa
- [19:03, 02/03/2023] Entrevistada 8: Ok
- [19:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: primeiro gostaria que você falasse sobre você: sua idade, onde mora, quantos enteados tem e se tem filhos
- [19:04, 02/03/2023] Entrevistada 8: Vamos lá, sou a ***** ***, tenho 37 anos, moro na Mooca em São Paulo, tenho 2 enteados, uma menina de 12 anos e um menino de 9. Não tenho filhos
- [19:05, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: há quanto tempo você é madrastra?
- [19:06, 02/03/2023] Entrevistada 8: 3 anos e meio, desse tempo morando com eles 10 meses. Eles ficam 1 semana na minha casa e uma semana com a mãe
- [19:06, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: entendi
- [19:06, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: e com a mãe, como é esse processo?
- [19:07, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: a relação de vocês é tranquila?
- [19:08, 02/03/2023] Entrevistada 8: O pior que se possa imaginar, a mulher e complicada, não aceita que o casamento dela terminou, ela cria perfis falsos para me atacar.
- [19:08, 02/03/2023] Entrevistada 8: Minha relação com as crianças e muito boa, eles me tem como um exemplo, me procuram para solucionar problemas
- [19:09, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: entendo!

[19:09, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: isso é incrível!

[19:09, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: e em relação ao grupo, você buscou com qual finalidade?

[19:10, 02/03/2023] Entrevistada 8: Olha qd eu me vi madrasta eu travei, eu tive muito medo de absolutamente tudo que poderia vir. Então busquei o grupos para trocar figurinhas e ver que eu não estava sozinha nessa situação, que no início achei que seria uma tragédia

[19:10, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: entendi

[19:11, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: e você acha que o grupo tem colaborado como você esperava?

[19:12, 02/03/2023] Entrevistada 8: Tem que saber filtrar bem o que se busca. Mas de maneira geral ajudou bastante entender que não sou a única

[19:12, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: compreendo

[19:13, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: a respeito dos estereótipos, das formas que descrevem mulheres-madrastas, como você se sente?

[19:13, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: como nos contos de fadas, nas notícias que envolvem madrastas

[19:14, 02/03/2023] Entrevistada 8: Isso realmente e horrível e depreciativo. Qd vc fala que e madrasta na hora já surgem os comentários de ser madrasta má.

[19:14, 02/03/2023] Entrevistada 8: No contexto geral a sociedade já imputa isso nas pessoas né.

[19:14, 02/03/2023] Entrevistada 8: Eu odeio isso, ser apontada, a própria genitora deles fala isso.

[19:15, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: você acha que a forma com que a genitora dos seus enteados te trata mal baseada nisso? e na rivalidade comum entre mulheres?

[19:15, 02/03/2023] Entrevistada 8: Me incomoda bastante, mas com a terapia eu comecei a observar que eu não sou isso.

[19:16, 02/03/2023] Entrevistada 8: E a rivalidade entre mulheres, ela e muito egocêntrica, o mundo gira em torno dela. Ela vive falando aos 4 ventos que eu não amo os filhos dela.

[19:18, 02/03/2023] Entrevistada 8: O que eu passo na mão dessa mulher e bem pesado,,mas quem perde e ela

[19:18, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: eu imagino

[19:19, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: é uma realidade terrível

[19:19, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: e na sua família, na família do seu companheiro, como fica esse percurso?

[19:20, 02/03/2023] Entrevistada 8: A família.dele e tranquila,,pois ele já vem de pais separados

[19:20, 02/03/2023] Entrevistada 8: Ele tem madrasta

[19:21, 02/03/2023] Entrevistada 8: Na minha família repercussão e um pouco diferente pois não e comum essa situação.

[19:21, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: compreendo

[19:23, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: bom, meu bem, as perguntas são basicamente essas. caso você queira acrescentar algo, pode ficar à vontade

- [19:25, 02/03/2023] Entrevistada 8: Acho que não
- [19:25, 02/03/2023] Entrevistada 8: Mas se vc precisar de mais alguma coisa pode contar comigo tm
- [19:26, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: eu só esqueci de perguntar tua profissão, pra inserir aqui nas anotações
- [19:26, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: muitíssimo obrigada
- [19:26, 02/03/2023] Entrevistada 8: Eu sou advogada
- [19:26, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: certinho
- [19:26, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: obrigada, querida!
- [19:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: espero que suas vivências melhorem
- [19:27, 02/03/2023] Entrevistada 8: Imagina o que precisar me chama
- [19:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: combinado!
- [19:27, 02/03/2023] Entrevistada 8: Vão melhorar sim 🙏🏻
- [19:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: estou à disposição também
- [19:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: tenha uma boa noite
- [19:27, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: bom descanso
- [19:39, 02/03/2023] Entrevistada 8: Obrigada para vc tbm.

Entrevista 9 - Via WhatsApp

- [15:20, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Boa tarde!
- [15:20, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo****
- [15:20, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Você disponibilizou seu contato
- [15:20, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Gostaria de saber se ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa de mestrado
- [15:28, 02/03/2023] Entrevistada 9: Oie
- [15:28, 02/03/2023] Entrevistada 9: Boa tarde
- [15:28, 02/03/2023] Entrevistada 9: Tenho sim
- [15:28, 02/03/2023] Entrevistada 9: Em que posso ajudar?
- [15:30, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Estou realizando entrevistas com as madrastras que de disponibilizaram
- [15:30, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Se*
- [15:30, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Pode ser via mensagem ou chamada de vídeo
- [15:30, 02/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: São perguntas sobre sua vivência enquanto madrastra, coisas do tipo

[15:40, 02/03/2023] Entrevistada 9: Ok

[19:38, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Quando fica bom para você?

[19:41, 02/03/2023] Entrevistada 9: Do meio dia as 13

[19:42, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: prefere que dia?

[19:42, 02/03/2023] Entrevistada 9: Qualquer dia

[19:42, 02/03/2023] Entrevistada 9: Rs

[19:42, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: certinho

[19:42, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: amanhã te chamo depois das 12h, ok?

[12:09, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Oi , boa tarde

Como vai?

[12:10, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Posso te mandar as perguntas?

Você responde à medida do possível

[12:12, 03/03/2023] Entrevistada 9: Oie

[12:12, 03/03/2023] Entrevistada 9: Boa tarde

[12:12, 03/03/2023] Entrevistada 9: Estou bem e vc ?

[12:12, 03/03/2023] Entrevistada 9: Combinado

[12:14, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: 1 - Idade, onde mora, profissão.

2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?

3 - tem filhos?

4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)

5 - como chegou ao grupo de madrastas?

6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você de sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas (como em contos de fadas, novelas, noticiários)? Fale um pouco sobre esses rótulos, se possível.

[12:15, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: São essas perguntas

Qualquer dúvida pode me perguntar

[16:57, 03/03/2023] Entrevistada 9: 1. Hortolândia SP, 35 anos.

2. Uma enteada, ela tem 4 anos e a 2 anos que sou madrasta dela.

3. Tenho três filhos, 18, 9 e 5 anos.

4. É bem difícil de todos os lados, principalmente a genitora que promove alienação parental. Avós que não aceitam correção da ente, com a genitora não tem conversa nenhuma, impossível ter um diálogo. Quando a ente fica em casa por mais de um fds ela fica bem melhor, educada ... Mas quando volta... Não tem conversa.

5. Cheguei ao grupo para trocar experiências, novo jeito de abordagem para melhorar o convívio... Coisas do tipo.

6. Vi muitas madrastas se colocando no lugar de mãe e não somos e nunca seremos mães dos ente... Vi muita intolerância de mulheres que não aceitam outra ideia que não sejam as delas... Me sinto acoada, com medo de me expressar.

7. Não me sinto não ... As crianças são bem mais espertas hj... Na minha época minha mãe desmestificou muito essa questão de madrasta para mim, pessoas mas existem e muitas vezes pode ser até genitores das crianças em questão.

Vai muito da criação e índole desmestificar madrastas ...

[17:03, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Muito obrigada, meu bem

[17:03, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Ajudou muito!

[17:04, 03/03/2023] Entrevistada 9: Imagina

[17:04, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Qualquer novidade te mando

[17:04, 03/03/2023] Entrevistada 9: Desculpe a demora

[17:04, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Demorou não ☐

ENTREVISTA 10 - Via WhatsApp

[15:05, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Boa tarde

[15:05, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo *****

[15:05, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Você disponibilizou seu contato

[15:05, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Gostaria de saber se ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa de mestrado

[15:05, 02/03/2023] Entrevistada 10: Oiii

[15:05, 02/03/2023] Entrevistada 10: Sim

[15:06, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Qual sua disponibilidade de dia e horário?

[15:07, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Podemos conversar por chamada de vídeo ou mensagem.

[15:07, 02/03/2023] Entrevistada 10: Poderia ser no meu horário de almoço?

[15:07, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Pode sim!

[15:08, 02/03/2023] Entrevistada 10: Ótimo

[15:08, 02/03/2023] Entrevistada 10: Pode ser amanhã então se possível

[15:08, 02/03/2023] Entrevistada 10: Como achar melhor

[15:09, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Combinado!

[15:09, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Por volta das 12h te chamo, e você me avisa quando estiver livre, ok?

[15:10, 02/03/2023] Entrevistada 10: Claro

[15:10, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Certo

[15:10, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Muito obrigada desde já!

[15:16, 02/03/2023] Entrevistada 10: Merece

[12:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Olá, boa tarde

[12:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Tudo bem?

[12:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Posso te mandar as perguntas?

[12:08, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Você responde à medida do possível

[12:10, 03/03/2023] Entrevistada 10: Oi

[12:10, 03/03/2023] Entrevistada 10: Tudo sim e por ai ?

[12:10, 03/03/2023] Entrevistada 10: Pode sim

[12:10, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Também, graças a Deus

[12:10, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Vou te enviar

[12:14, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: 1 - Idade, onde mora, profissão.

2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?

3 - tem filhos?

4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)

5 - como chegou ao grupo de madrastas?

6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você de sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas (como em contos de fadas, novelas, noticiários)? Fale um pouco sobre esses rótulos, se possível.

[12:14, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: É isso, meu bem

Quando puder você me manda

Desde já te agradeço demais

[12:14, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Qualquer dúvida, fala comigo

[14:04, 03/03/2023] Entrevistada 10: 1- tenho 31 anos, pelotas/rs, técnico em administração

2- 1 enteada, há 4 anos

3- 1 filha e 1ano e 4m

4- não tenho contato nenhum com a família da ente, com a ente é tranquilo, ela tem 10 anos (hoje está de aniversário), inclusive organizei uma festinha e a mãe não deixou ela ir lá para casa.

5- no início era bem difícil, nunca havia ficado com alguém com filhos então procurei casos semelhantes e pessoas que pudessem me entender pois madrastas são sempre taxadas por ruins

6- sim, me sinto bem

7- sim, me sinto, pois tenho uma boa relação com a minha ente e a própria mãe não permite algumas coisas por eu ser a madrasta por exemplo, as pessoas sempre nos taxam por ruins, ainda mais depois que tu tem filhos, acham que temos a obrigação de tratar da mesma forma e não concordo, acho que devemos tratar bem sim, mas quem é o pai é meu marido então ele que tem essa obrigação, acho que acabam nos jogando uma culpa que não é nossa pelos pais serem separados

[14:09, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Muito obrigada, querida!

[14:09, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Qualquer coisa a gente de fala

[14:11, 03/03/2023] Entrevistada 10: Claro, fico a disposição

[14:11, 03/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Grata!!!

Abraços □

[14:11, 03/03/2023] Entrevistada 10: Abraço

ENTREVISTA 11 - Via WhatsApp

[15:02, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Olá, boa tarde

[15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo *****

[15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Você disponibilizou seu contato

[15:03, 02/03/2023] Entrevistada 11: Boa tarde sim

[15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Gostaria de saber se ainda teria interesse em colaborar com a minha pesquisa de mestrado

[15:03, 02/03/2023] Entrevistada 11: Tudo bem?

[15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Tudo e contigo?

[15:03, 02/03/2023] Entrevistada 11: Claro

[15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Maravilha!

[15:04, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Quando você teria disponibilidade?

[15:04, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Pode ser por mensagem mesmo ou chamada de vídeo, fica a seu critério

[15:05, 02/03/2023] Entrevistada 11: Certo. Eu tenho mais disponibilidade aos finais de semana se for por chamada de vídeo. Porém por mensagem da para responder sim

[15:05, 02/03/2023] Entrevistada 11: É que sou professora meio de semana é corrido

[15:05, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Entendo bem

[15:06, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Então, sábado falo contigo para ver seu horário de disponibilidade

Pode ser?

[15:06, 02/03/2023] Entrevistada 11: Tá joia combinado

[15:07, 02/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Obrigada, meu bem!

Tenha uma boa tarde

[15:08, 02/03/2023] Entrevistada 11: Igualmente

[14:35, 04/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Boa tarde

Tudo bem?

[14:36, 04/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: Meu bem,

Posso te mandar as perguntas? Você responde quando possível

[15:26, 04/03/2023] Entrevistada 11: Boa tarde

[15:26, 04/03/2023] Entrevistada 11: Claro

[15:28, 04/03/2023] Grazielle Barbosa 🌸: 1 - Idade, onde mora, profissão.

2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?

3 - tem filhos?

4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)

5 - como chegou ao grupo de madrastas?

6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você de sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas (como em contos de fadas, novelas, noticiários)? Fale um pouco sobre esses rótulos, se possível.

[15:28, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: São essas,

Quando puder, você manda as respostas

[15:28, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Obrigada desde já!

[15:36, 04/03/2023] Entrevistada 11: 1- 26 anos. Nova Serrana -MG. Professora de Matemática.

2- 2 enteadas. 2 anos.

3-Sim uma filha.

4- Com relação as minhas enteadas hoje é tranquilo graças a Deus, elas me amam e eu também amo elas. Com a genitora cortei todos o contato,ano passado, mas a respeito, cada um no seu devido lugar . Minha família tem muito carinho pelas meninas também, e eu faço questão delas serem criadas sabendo que são amadas, por mim e meu esposo .

5- Foi quando eu me sente extremamente perdida quando a genitora,mandou minha enteada na época com 8 anos para morar conosco, me sentia totalmente perdida.

6- Sim , o intuito do grupo é justamente apreender a lidar com situações e passar nossa experiência também. O grupo me ajudou muito a entender que nem toda madrasta é má.

7-Nao mais,mas já me sente, até que eu vi que nada haver essa culpa.

[15:38, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Muito obrigada, meu bem

[15:39, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Mas, de modo geral, você percebe as formas negativas que de referem a nós, madrastas?

[15:47, 04/03/2023] Entrevistada 11: Totalmente, destruidora de lares, substituta da mãe, covardes com os enteados. São tantos rótulos que se fossem reais o mundo entraria em colapso, porque com a taxa de divórcio cada vez mais altas, se tornou comum novas famílias com madrastas e padrastos

[15:52, 04/03/2023] Entrevistada 11: até quando vamos ter que nos colocar no lugar de réu, sendo que não há um culpado. Falta mais leis que defendam madrasta e padrastos de forma mais efetiva, porque os genitores usam muito os filhos para "salvar" relacionamentos que já estão em estado de decomposição, muito antes de uma nova família surgir. As crianças devem ser preservadas desse tipo de situação

[15:53, 04/03/2023] Entrevistada 11: alienação parental, chantagem emocional, agressão já vi tanta coisa. Normalmente a madrasta é que diversas vezes estimula o homem a pegar as crianças, ajudam a pagar até mesmo pensão. Aos poucos temos sido respeitadas.

[15:55, 04/03/2023] Entrevistada 11: Espero tê-la ajudado

[15:54, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Sem dúvidas ajudou muito

[15:54, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Muito obrigada!!!

[15:55, 04/03/2023] Entrevistada 11: Que isso um abraço

ENTREVISTA 12 - Via WhatsApp

- [15:02, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Olá, boa tarde
- [15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Aqui é a moça que está fazendo a pesquisa com o grupo Papo de Madrasta
- [15:03, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Você disponibilizou seu contato
- [15:48, 02/03/2023] Entrevistada 12: Oi
- [15:48, 02/03/2023] Entrevistada 12: Posso colaborar sim
- [15:49, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Que ótimo!
- [15:49, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Quando fica bom para você?
- [16:04, 02/03/2023] Entrevistada 12: Como é a pesquisa?
- [16:05, 02/03/2023] Entrevistada 12: É chamada de vídeo?
- [16:10, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Nessa fase da pesquisa estou realizando entrevistas, a fim de entender as vivências das madrastas que se dispuserem a participar
- A entrevista pode ser por whatsapp ou por chamada de vídeo.
- [16:51, 02/03/2023] Entrevistada 12: Por WhatsApp eu prefiro
- [18:39, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Ótimo
- [18:39, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Quando fica bom pra você?
- [18:40, 02/03/2023] Entrevistada 12: Pode ser sábado à tarde? Umas 16 horas?
- [18:41, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Pode sim
- [18:41, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Eu te chamo
- [18:41, 02/03/2023] Entrevistada 12: Ok
- [18:41, 02/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Obrigada desde já
- [14:52, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Oi, Boa tarde. Tudo bem?
- [14:52, 04/03/2023] Entrevistada 12: Boa tarde
- [14:52, 04/03/2023] Entrevistada 12: Tudo bem sim
- [14:52, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Caso possa, te mando as perguntas por aqui, e você responde quando possível
- [14:52, 04/03/2023] Entrevistada 12: Pode ser
- [14:52, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘ 1 - Idade, onde mora, profissão.
- 2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?
- 3 - tem filhos?
- 4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)
- 5 - como chegou ao grupo de madrastas?
- 6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você de sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas (como em contos de fadas, novelas, noticiários)? Fale um pouco sobre esses rótulos, se possível.

[14:56, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Pode ficar à vontade pra responder

[14:56, 04/03/2023] Entrevistada 12: 1- 38 anos, sou de São Gonçalo , região metropolitana do Rio, servidora pública

[14:57, 04/03/2023] Entrevistada 12: 2 - tenho 3 enteadas, 10, 12 e 18 anos, sou madrasta há 5 anos

[14:58, 04/03/2023] Entrevistada 12: 3 - não tenho filhos e nem pretendo ter, meu marido é vasectomizado

[15:11, 04/03/2023] Entrevistada 12: 4 - minha relação com a ente mais velha foi difícil no começo pois quando comecei a namorar o pai ela tinha perdido a mãe há 2 meses (os pais já eram separados), ela passou por um período difícil, ficou até um tempo sem falar com o pai , por ciúmes de mim e tb por todo o processo de luto que vivia. Ela continuou a viver com os avós e tios depois da morte da mãe. A avó era alienadora mas hj é de boa. Tive q orientar o pai a impor limites com a família dela pois eles queriam fazer muitas exigências com relação a bens materiais, escola e tals. Como conheciam meu marido desde muito jovem, tinham uma relação abusiva com ele, e ele não sabia como se livrar ou impor limites. Com o tempo tudo se ajustou, e eles entenderam q não iam mais ter a influência q tinham...

[15:13, 04/03/2023] Entrevistada 12: 5 - tive interesse em procurar um grupo de madrastas para dividir minhas experiências e tb aprender com outras madrastas

[15:14, 04/03/2023] Entrevistada 12: 6 - me sinto acolhida em algumas questões, mas já me senti atacada em outras como em ocasião de revelar q o pai não pagava pensão para minha ente mais velha. Fui atacada como se a culpa fosse minha, por uma decisão q eu nem fui consultada e foi um acerto das duas famílias.

[15:16, 04/03/2023] Entrevistada 12: 7 - não me sinto afetada, mas percebo que muitas vezes é estimulada a rivalidade entre a madrasta e a mãe como se as madrastas quisessem tomar o lugar das mães. E geralmente a madrasta só tem papel de mãe quando a mesma abandona o filho.

[15:17, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Compreendo

[15:17, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Então, ao mesmo tempo em que você teve o grupo como apoio, também foi um ambiente hostil para você?

[15:18, 04/03/2023] Entrevistada 12: Sim, muitas vezes sinto que é

[15:18, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Compreendo

[15:18, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: muito obrigada!

[15:18, 04/03/2023] Entrevistada 12: De nada

[15:18, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Me ajudou demais

[15:19, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Te desejo boa sorte neste percurso de madrastrar

[15:19, 04/03/2023] Entrevistada 12: Obrigada

[15:19, 04/03/2023] Grazielle Barbosa☘: Abraços!

ENTREVISTADA 13: VIA WHATSAPP

[11:23, 22/04/2023] Grazielle Barbosa🌸: [19:16, 06/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: Oi, meu bem boa noite

[19:16, 06/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: tudo bem?

[19:16, 06/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: posso te mandar as perguntas? e você me responde quando possível?

[19:17, 06/03/2023] Entrevistada 13: Oi Grazi pode sim

[19:18, 06/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: te mando agora

[19:18, 06/03/2023] Grazielle Barbosa🌸: 1 - Idade, onde mora, profissão.

2 - quantos enteados? Há quanto tempo é madrasta?

3 - tem filhos?

4 - fale um pouco da sua vivência como madrasta (relação com enteados, genitora, familiares)

5 - como chegou ao grupo de madrastas?

6 - a sua motivação para entrar no grupo foi/tem sido atendida? Como se sente no grupo?

7- você de sente afetada pelos rótulos negativos impostos às madrastas

[11:23, 22/04/2023] Entrevistada 13: Oi Grazi, desculpa a demora em te responder, passei uns dias sem zap. Mas te mando agora as respostas

[11:52, 22/04/2023] Entrevistada 13: 1 - Tenho 25 anos, moro na Bahia, sou Social Media.

2 - Tenho 2 enteados, estou com meu marido há 7 anos.

3 - Não tenho filhos, nem posso gerar.

4 - Bom, como são duas crianças, a guarda de cada criança ficou com um dos genitores. No início eu tinha uma relação boa com o enteado que convive conosco. Mas hoje é tudo mais difícil. Com a outra criança nunca tive contato, com a genitora muito menos. Apesar de não ter contato com a genitora, já soube de alguns comentários desagradáveis dela contra mim para as crianças. Com a família do meu marido, tenho uma convivência razoável, apesar de já ter tido algumas discussões sobre a criação do enteado (mesmo morando em outra casa, eles querem determinar como deve ocorrer a criação). Com meu enteado, os problemas são sempre na esfera da falta de educação dele. Sinto que ele não me respeita, mesmo eu convivendo com ele há anos. Vejo que, se eu dou uma bronca nele, ele tem uma receptividade muito pior do que quando é meu marido que dá bronca, ou minha sogra, por exemplo. Já passei por situações bem difíceis com ele, justamente por ele não me ver como parte da família. Mesmo a mãe tendo o deixado, não mandando sequer uma mensagem para ele, ele segue nutrindo admiração pela mãe. Enquanto eu, por ser madrasta, só recebo a hostilidade dele. Como faço home office, passo mais tempo em casa do que meu marido, que trabalha fora, mesmo assim, tudo do meu enteado é com o pai. Mesmo que ele precise saber de algo que eu saiba, ele não me pergunta, ele espera o pai chegar ou vai onde o pai está para perguntar. Eu me pergunto como as coisas chegaram assim, porque antes ele se dava bem comigo. Pedia pra me ajudar a cozinhar e tudo mais. Nem sempre foi complicada a relação. Entretanto, minha forma de vê-lo, de tolerar o mau comportamento dele, eu sei que mudou quando ele fez algumas coisas que fugiram do que é considerado "normal", vindo de uma criança. Foram atitudes pesadas e difíceis de processar, hoje já não consigo tolerar as atitudes dele devido a essas coisas que ele fez. Sobre meu marido, ele tem sido menos brando com ele também desde essas questões, mas ainda cede em algumas coisas que não sou a favor. Tomei a decisão de não mais tomar partido. Nos últimos idas, tenho pensado muito sobre ser madrasta. Eu me perguntava: "tem como deixar de ser madrasta mesmo casada com meu marido?". Enquanto meu marido, em algumas discussões recentes pontuou que gostaria que eu fosse "uma mãe" pros filhos

dele. Sinto em frustrar o desejo dele, mas não consigo mais sequer ser madrasta. O filho dele, mesmo adolescente, me machucou demais, de todas as maneiras possíveis. Por isso, hoje decidi que sou "só a esposa do pai". Inclusive, deixei isso claro pro filho do meu marido. Não consigo mais gastar energia em tentar educá-lo, e fazer além do que posso e ainda assim ser desvalorizada. Hoje, quem cuidava desde o primeiro dente sendo arrancado, desde as festinha de dia das mães na escola, apenas convive sob o mesmo teto, sem tomar responsabilidades pra si. Porque quando eu tomo responsabilidade eu tomo integralmente, não consigo dar pouco de mim. Então, agora prefiro não dar nada.

5- pesquisei no próprio facebook. Eu faço parte de uns 3, mas o mais movimentado é o que você ta pesquisando. Acho que todo dia aparece postagem das meninas.

6 - Eu procurei porque já pensava em abrir mão do que exercia, queria saber de outras madrastas. Acabei ficando mais tempo do que pensava, mas hoje não uso facebook com tanta frequência, então nem interajo. Olha, eu procurava apoio, algumas meninas me apoiaram, outras nem tanto. Infelizmente, nem sempre a gente vê só apoio. No início eu questionava "Porque tem gente aqui sendo assim, não dando apoio". Depois fui vendo que lá é só mais um espaço social, né? e às vezes nem a família apoia, imagina fora da família. O grupo tem gente de todo jeito. Gente com filho, gente sem filhos (como eu). Gente de todos os estados e regiões do país. Então, é inevitável a divergência de pensamentos.

7 - A única pessoa que usou literalmente um rótulo sobre madrasta contra mim foi a genitora. Então, já me afetou sim. Mas o que mais sinto no dia a dia é medo, medo de lá na frente, mesmo tendo feito o possível, meu enteado me pintar de "má", "bruxa", por ter reclamado com ele enquanto tentava educar, por ter retirado coisas que ele gostava como "castigo", pra ele entender como deveriam ser as coisas. Mas não ia ficar me anulando pra tentar não ter rótulo em mim. Se os rótulos existem é por uma questão social, então, não importa o que façamos, eles estarão ali, prontos para serem postos. É nisso que vejo privilégios de genitores e genitoras: podem sumir, reclamar, dar castigo, e ainda serão "Mãe e pai", serão lembrados. A gente não. Claro, não se deve exagerar nas reclamações, não se deve partir pra esfera física, independente da posição que ocupe na vida da criança ou adolescente. Mas... mães e pais sempre podem!